

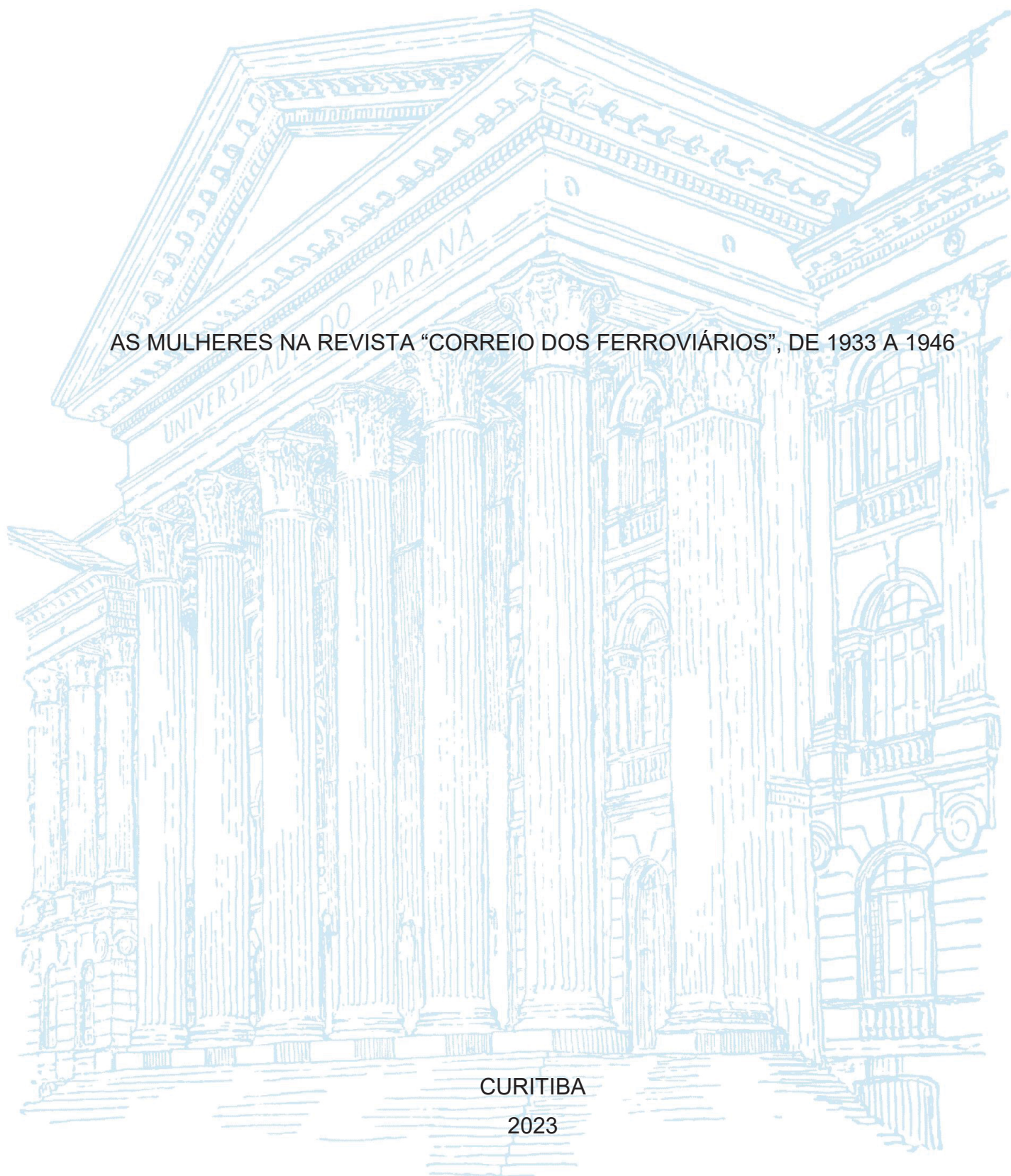
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RENATA RAMOS DAS NEVES

AS MULHERES NA REVISTA “CORREIO DOS FERROVIÁRIOS”, DE 1933 A 1946

CURITIBA

2023



RENATA RAMOS DAS NEVES

AS MULHERES NA REVISTA “CORREIO DOS FERROVIÁRIOS” ENTRE 1933 E
1946

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Setor de Educação, linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Levy Albino da Costa

Curitiba

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Neves, Renata Ramos das.

As mulheres na revista “Correio dos Ferroviários” entre 1933 e 1946 /
Renata Ramos das Neves – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Levy Albino da Costa

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Mulheres – Brasil – Periódicos. 3.
Mulheres – História. 4. Mulheres – Relações de gênero. I. Universidade
Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III.
Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **RENATA RAMOS DAS NEVES** intitulada: **As mulheres na revista Correio dos Ferroviários, de 1933 a 1946**, sob orientação do Prof. Dr. MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 17 de Março de 2023.

Assinatura Eletrônica

22/03/2023 12:42:30.0

MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

22/03/2023 19:08:45.0

ANDRÉA BEZERRA CORDEIRO

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

22/03/2023 15:48:36.0

CLAUDIO DE SA MACHADO JUNIOR

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico este trabalho aos meu pais, Emidia e Neiton, e aos meus irmãos,
Neiton Jr. e Vinicius: amor incondicional, que atravessa o tempo e não precisa
de explicações.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi produzido durante um dos períodos mais desafiadores da história recente: a pandemia de COVID-19. Agradeço aos colegas da Fundação de Ação Social (FAS) de Curitiba (PR), com os quais compartilhei exaustivas madrugadas de trabalho, medos e tristezas, mas também os risos possíveis e a esperança de dias melhores.

Agradeço ao meu orientador, professor Doutor Marcus Levy Bencostta, pelo apoio e compreensão ao longo de toda esta trajetória.

Meus agradecimentos à Vania Mara Pereira Machado, sempre tão generosa comigo. Sua força e sensibilidade me inspiram.

Agradeço às queridas colegas da UFPR pelo incentivo e pela escuta paciente. Em especial, agradeço à minha amiga Cintia Paião: palavras não podem expressar o tamanho da minha gratidão e admiração. Obrigada!

Aos amigos, amigas e parentes que compreenderam meu silêncio e ausências e me incentivaram continuamente: cada palavra de apoio foi combustível para que eu seguisse em frente.

RESUMO

Essa pesquisa buscou analisar os discursos sobre e para as mulheres na revista *Correio dos Ferroviários*, a fim de compreender de que forma a revista se posicionava em relação à questão feminina entre 1933 e 1946. A referida revista era um órgão da Rede de Viação Paraná Santa Catarina (RVPSC) e sua trajetória estendeu-se de 1933 a 1973, com produção, edição, direção e distribuição organizadas por trabalhadores da empresa. O recorte temporal da pesquisa foi determinado por questões inerentes à produção da revista, com destaque para a mudança na forma de financiamento durante sua trajetória. O surgimento e a circulação da revista ocorreram durante um contexto nacional marcado por importantes transformações. No período em análise, o Brasil vivia a Era Vargas (1930-1945), um período de significativas repercussões na esfera do trabalho e nas políticas sociais do governo Vargas, que via a família como a base da sociedade. Durante esse tempo, a discussão sobre os papéis femininos tornou-se proeminente. As mudanças trazidas pela industrialização, urbanização e a Primeira Guerra Mundial, bem como a pressão dos movimentos feministas para a inclusão das mulheres na esfera pública e no mercado de trabalho, trouxeram à tona a “questão feminina”. Na Era Vargas, as mulheres foram colocadas em um papel central como responsáveis pelos cuidados com as crianças e o lar, contribuindo para a estabilidade social. Nesse cenário de disputas sobre os papéis femininos, a pesquisa analisou como uma revista de classe, alinhada aos interesses do governo Vargas, abordou as mulheres, com foco nas representações da maternidade e do casamento. A revista, como um veículo de representações sociais, produziu e circulou ideias e desejos, influenciando a construção de sentidos e identidades. O trabalho foi dividido em cinco capítulos. Após o capítulo introdutório, o segundo capítulo analisa aspectos da formação do movimento de trabalhadores entre o final do século XIX e meados da década de 1930, destacando a categoria dos ferroviários como uma das mais atuantes nas mobilizações e ações em prol de direitos para os trabalhadores. Também são abordadas as mudanças nas relações entre governo e trabalhadores com o início da Era Vargas. O surgimento da revista nesse período foi percebido em nossa análise como um elemento de mobilização dos ferroviários da RVPSC e de articulação dos ferroviários da RVPSC no diálogo com os governos local e nacional. Também se evidenciou o uso político da revista a nível institucional pelo grupo de ferroviários que integrava a equipe editorial. No terceiro capítulo, analisamos aspectos gráficos e editoriais da revista, mapeando suas principais seções e colaboradores na primeira fase. No quarto capítulo são analisadas as representações das mulheres na revista. O referencial teórico abarca autores como Michelle Perrot, Margareth Rago, Rachel Sohiet, Joan Scott e Roger Chartier, entre outros.

Palavras-chave: Representações; mulheres; periódicos; gênero; Era Vargas.

ABSTRACT

This research sought to analyze the discourses about and for women in the magazine *Correio dos Ferroviários*, in order to understand how the magazine positioned itself in relation to women's issues between 1933 and 1946. The magazine was a body of the Rede de Viação Paraná Santa Catarina (RVPSC) and its trajectory extended from 1933 to 1973, with production, editing, management and distribution organized by employees of the company. The time frame of the research was determined by issues inherent to the production of the magazine, with emphasis on the change in the form of financing during its trajectory. The emergence and circulation of the magazine occurred during a national context marked by important transformations. During the period under analysis, Brazil was experiencing the Vargas Era (1930-1945), a period of significant repercussions in the sphere of work and in the social policies of the Vargas government, which saw the family as the basis of society. During this time, the discussion about women's roles became prominent. The changes brought about by industrialization, urbanization, and the First World War, as well as the pressure from feminist movements for the inclusion of women in the public sphere and the labor market, brought the "women's question" to the fore. During the Vargas Era, women were placed in a central role as those responsible for caring for children and the home, contributing to social stability. In this scenario of disputes over women's roles, the research analyzed how a class magazine, aligned with the interests of the Vargas government, approached women, focusing on representations of motherhood and marriage. As a vehicle for social representations, the magazine produced and circulated ideas and desires, influencing the construction of meanings and identities. The work was divided into five chapters. After the introductory chapter, the second chapter analyzes aspects of the formation of the workers' movement between the end of the 19th century and the mid-1930s, highlighting the category of railroad workers as one of the most active in mobilizations and actions in favor of workers' rights. The changes in relations between the government and workers with the beginning of the Vargas Era are also addressed. The emergence of the magazine during this period was seen in our analysis as an element of mobilization of the railway workers of the RVPSC and of articulation of the railway workers of the RVPSC in the dialogue with the local and national governments. The political use of the magazine at an institutional level by the group of railway workers who were part of the editorial team was also evident. In the third chapter, we analyze the graphic and editorial aspects of the magazine, mapping its main sections and contributors in the first phase. The fourth chapter analyzes the representations of women in the magazine. The theoretical framework includes authors such as Michelle Perrot, Margareth Rago, Rachel Sohier, Joan Scott and Roger Chartier, among others.

Keywords: Representations; women; periodicals; gender; Era Vargas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da Revista Correio dos Ferroviários	43
Figura 2 – Notícia “Uma Vitória do Correio dos Ferroviários”	44
Figura 3 – Capa e expediente da primeira edição do <i>Correio dos Ferroviários</i>	48
Figura 4 – Fotografias das oficinas da Livraria Mundial (Curitiba - Paraná) na	49
Figura 5 – Principais alterações gráficas nas capas na 1ª fase do Correio dos Ferroviários	52
Figura 6 – Capa da Revista Correio dos Ferroviários, ano 7, n. 7, abr. 1940	55
Figura 7 – Capa da Revista Correio dos Ferroviários, ano 2, n. 4, jan. 1935	56
Figura 8 – Capa da Revista Correio dos Ferroviários, ano 4, n. 7, abr. 1937	56
Figura 9 – Capa da Revista Correio dos Ferroviários, ano 12, n. 1, jan. 1945	57
Figura 10 – Charge de Olavio Dietsch no correio dos ferroviários	62
Figura 11 – Primeira publicação da seção feminina do Correio dos Ferroviários, em 1934	69
Figura 12 – Primeira edição da seção feminina sob direção de Leonor Castellano em 1939.	70
Figura 13 – Página da Mulher, sob direção de Corina Santos (1946)	71
Figura 14 – Publicidade Companhia Força e Luz	84
Figura 15 – Publicidade “Farinha Alegria”	86
Figura 16 – Escola de Artes e Ofícios do Cajuru, em Curitiba (Paraná)	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fases da revista, diretores e formas de financiamento	47
Tabela 2 – Seções, autores e periodicidade de conteúdo na 1ª fase da revista	59
Tabela 3 – Colaboradores da 1ª fase do Correio dos Ferroviários.....	64
Tabela 4 – Periodicidade, título e autoria da seção feminina do Correio dos Ferroviários	68
Tabela 5 – Anunciantes da 1ª fase do Correio dos Ferroviários organizados por categorias.....	123

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	A ERA VARGAS E OS TRABALHADORES E TRABALHADORAS	19
2.1	Panorama social na primeira república: configurações laborais e ideológicas.....	20
2.2	Resistência e organização: o movimento operário na primeira república brasileira (1889-1930)	23
2.3	Trabalhadores e trabalhadoras na Era Vargas: além da conciliação de classes	26
2.4	Nas trilhas da história: ferroviários e ferroviárias da RVPSC	30
3	CORREIO DOS FERROVIÁRIOS: EDUCAR E INSTRUIR PARA O PROGRESSO	36
3.1	Correio dos ferroviários: projeto gráfico e editorial.....	46
3.1.1	As Capas do Correio dos Ferroviários durante a 1ª fase.....	51
3.1.2	Seções, autores e colaboradores	59
3.2	Página feminina: elementos gráficos e editorial.....	67
3.2.1	Página Feminina: Conteúdos e Estratégias de Inserção na Revista	71
3.2.2	As diretoras da Página Feminina.....	76
3.3	A publicidade no correio dos ferroviários.....	81
4	ENTRE O CONSERVADOR E O MODERNO: AS MULHERES NO MEIO FERROVIÁRIO	88
4.1	A família na Era Vargas: a mulher ideal.....	89
4.1.1	Narrativas de Advertência	95
4.2	Diálogos em Pseudônimos: o comportamento feminino em debate nas páginas do Correio dos Ferroviários	97
4.3	A mãe ferroviária: “o futuro de um filho é sempre obra de uma mãe”	102
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
	ANEXO	123
	Anexo 1 – Anunciantes da 1ª fase do Correio dos Ferroviários organizados por categorias.....	123

1 INTRODUÇÃO

*“(...) em nome da mulher ferroviária, peço-vos permissão para me fazer ouvir. No cenário da vida ferroviária, por muito tempo fomos colaboradoras anônimas. O nosso esforço e nosso trabalho foram aproveitados, no entanto, permanecíamos na obscuridade. Tudo, porém, tem o seu dia”
(Corina Santos, ferroviária da Rede de Viação Paraná Santa Catarina, 1943).*

Corina Mazza Santos foi uma ferroviária que atuou na Rede de Viação Paraná Santa-Catarina (RVPSC)¹. Existem indícios de sua atuação como ferroviária na empresa ainda na década de 1930, no setor de Estatística. As palavras acima foram proferidas durante um jantar em homenagem ao superintendente da Rede em 1943, o sr. Cel. Durival Britto e Silva. O discurso completo de Corina foi publicado no mensário *Correio dos Ferroviários*, na edição de janeiro de 1943.

O jantar foi organizado pelos funcionários da primeira turma a concluir o curso de preparo especializado para pessoal de escritório, ofertado pela Rede por meio do Serviço de Ensino e Seleção Profissional (SESP) e, embora as palavras de Corina Santos tratassem das mulheres daquele universo ferroviário, refletiam questões mais profundas, que extrapolavam aquele tempo e espaço.

A colaboração anônima das mulheres, a obscuridade, a falta de reconhecimento não eram exclusividades do meio ferroviário. O silenciamento das mulheres – nos templos religiosos, nas assembleias políticas, no espaço público e até mesmo na vida privada – perpetuado pelo cerceamento de suas expressões de fala, gestual ou escriturária, acostumou a história com seu silêncio por muito tempo, e a imaginá-las mais do que contá-las (Perrot, 2005).

Ao evocar os personagens do universo ferroviário do passado, logo surgem na memória os maquinistas, os limpa-trilhos, os guarda-freios, turmeiros, foguistas, manobreiros, engenheiros, entre outros. As mulheres ferroviárias não figuram no imaginário social, embora tenham contribuído com sua força de trabalho de diversas formas. Mas, onde estavam?

¹ A RVPSC foi constituída pela fusão de quatro estradas de ferro autônomas: A Companhia São Paulo - Rio Grande, a Estrada de Ferro Paraná, a Estrada de Ferro do Norte do Paraná e a Companhia Ferroviária São Paulo - Paraná. Essas estradas foram paulatinamente desapropriadas pelo Governo Federal.

Alguns indícios acerca das mulheres ferroviárias e suas representações estão nas páginas do *Correio dos Ferroviários*, um periódico mensal produzido por ferroviários da Rede de Viação Paraná-Santa Catarina (RVPSC) em Curitiba (PR), com duração entre outubro de 1933 até meados de 1973 e breves períodos de interrupção. Se tratava de uma publicação interna da RVPSC e produzia conteúdos voltados para os ferroviários e suas famílias, com uma diversidade de tópicos que abrangiam desde o mundo do trabalho ferroviário, esportes e política até relatos de viagem, com características de uma revista de variedades.

Nesse periódico, havia uma seção em que trabalhadores e trabalhadoras da empresa eram parabenizados em seus aniversários, sendo identificados por seus nomes e funções, e também era comum que a revista registrasse os nomes de trabalhadores/as que eram promovidos/as, remanejados/as ou desligados/as da empresa. Entre dezenas de nomes masculinos nessas seções, é possível encontrar alguns poucos nomes femininos de ferroviárias que atuavam especialmente em atividades de escritório, como contabilidade e estatística, caso de Corina Santos.

Entre as fotografias de trabalhadores/as da Rede que a revista eventualmente publicava, como na seção que homenageava ferroviários/as, ou em eventos de comemoração ou inauguração, quase não aparecem as mulheres. Quando aparecem, na maioria das vezes, são esposas ou filhas de ferroviários. Embora não tenha sido possível averiguar o número exato de mulheres que atuaram na RVPSC, não há dúvidas de que eram minoria em comparação aos homens, assemelhando-se às outras empresas ferroviárias do início do século XX².

Ainda assim, desde os primeiros contatos com a revista, foi interessante observar que apesar de tratar-se de um periódico surgido em um meio profissional composto principalmente por homens, os discursos (textuais, imagéticos) sobre ou direcionado às mulheres eram recorrentes. Receitas culinárias, dicas de cuidados com

² Ligia Maria Viana Possas (2001), ao investigar a inserção de mulheres na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), em Bauru (SP), entre 1918 e 1945, identificou 250 mulheres entre os 14 mil prontuários de funcionários aos quais teve acesso. Sobre as atividades que desenvolviam, geralmente eram direcionadas para tarefas de escritório, como telefonia, datilografia, contabilidade e escrita, além de atividades de limpeza e organização. As formas de vínculo ao trabalho também variavam – trabalhadoras autônomas, diaristas, contratadas e, mais tarde, selecionadas por concurso público. Além das profissionais que atuavam diretamente na empresa, Possas identificou ainda uma rede de mulheres que dependiam de atividades profissionais derivadas da existência da estrada de ferro na região. Apesar das particularidades regionais, os indícios apontam para uma realidade similar na RVPSC. Na pesquisa de Gaspari (2011) sobre ferroviárias paranaenses, as entrevistadas detalham as dificuldades de inserir-se em um meio predominantemente masculino.

o lar, cuidados com a educação e saúde das crianças, conselhos sobre o comportamento das mulheres, entre outros tópicos, eram abordados por meio de textos opinativos, informativos, crônicas, contos e propagandas. A seção feminina da revista, dirigida por mulheres, foi uma das seções com maior longevidade em sua trajetória.

Para além de seu propósito informativo e de entretenimento, tais discursos possuíam um significado mais profundo ao representar expectativas delineadas sobre os comportamentos e papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade. Além disso, eles buscavam familiarizar tanto as leitoras quanto os leitores imersos nesse universo com a representação da mulher ideal. No centro dessa narrativa pairava, de maneira sólida, a figura da "rainha do lar" – uma mãe e esposa devotada – cuja representação era reforçada através de elogios, peças publicitárias, composições poéticas, manifestações de homenagens e conteúdo de natureza informativa.

No entanto, havia também uma vertente contrária a essa idealização, manifestada por meio de críticas e ataques direcionados a comportamentos considerados indesejáveis entre as mulheres. Isso incluía aquelas que ousavam "abandonar o lar" para trabalhar, as que se entregavam com desinibição à dança nos salões sociais ou até mesmo as que não correspondiam aos padrões estabelecidos para o cuidado dos filhos – padrões moldados de acordo com as normativas vigentes nas primeiras décadas do século XX no Brasil, no que tange à maternidade ideal. Tais discursos, por sua vez, estavam em sintonia com os modelos de gênero da sociedade brasileira durante esse período histórico.

Assim, se em um primeiro momento o âmbito da pesquisa estava direcionado para a análise da instrução ministrada aos ferroviários nas escolas vinculadas à Rede de Viação Paraná-Santa Catarina (RVPSC), à medida que a exploração das fontes e a revisão da literatura especializada concernentes ao cenário ferroviário avançavam, ocorreu uma reorientação do foco da investigação em direção às mulheres que faziam parte desse universo.

Mais precisamente, essa pesquisa buscou analisar os discursos sobre e para as mulheres no *Correio dos Ferroviários*, a fim de compreender de que forma a revista se posicionava em relação à questão feminina, entre 1933 e 1946, com enfoque nas discussões sobre maternidade e casamento.

O período selecionado para análise abrange desde outubro de 1933, data da primeira edição da revista, até dezembro de 1946, marcando o término da primeira fase da publicação, durante a qual a revista era primordialmente financiada por meio de anúncios publicitários e assinaturas de leitores. Após um intervalo motivado por limitações orçamentárias, a revista retomou suas atividades em outubro de 1949, inaugurando uma nova fase ao passar a contar com o suporte financeiro da RVPSC para cobrir seus custos de produção. Diante disso, conscientes do impacto que a natureza do financiamento exerce sobre todas as facetas de um periódico, decidimos restringir nossa análise à primeira fase da revista, quando o aporte financeiro da empresa ferroviária possuía uma influência menos proeminente sobre as diretrizes editoriais do projeto, em comparação com a segunda fase.

O *corpus* documental em que se baseia o presente estudo é composto por um total de 97 fascículos³ da revista *Correio dos Ferroviários*, publicados entre 1933 e 1946, disponíveis no arquivo da Biblioteca Pública do Paraná (BPP) em meio impresso⁴, além de outros periódicos da época, como jornais e revistas regionais e nacionais, livros e legislação.

A problemática relacionada às mulheres, é importante ressaltar, ultrapassava os limites do universo ferroviário. Desde fins do século XIX, a “questão feminina” era tópico de discussões em diferentes meios. O período temporal delimitado para essa a investigação engloba a Era Vargas (1930-1945), no qual as mulheres desempenharam um papel central, considerando a relevância que lhes foi conferida como elementos essenciais para uma possível reconfiguração do perfil populacional do país, enquanto mães daqueles que seriam o “futuro da nação”.

Desde os fins do século XIX, as aceleradas transformações sociais e econômicas que se desenvolviam, juntamente com o crescente desenvolvimento da economia de mercado, o aumento do consumo, o surgimento de novas necessidades e a expansão dos espaços urbanos, criavam um contexto favorável para o aumento da presença feminina na esfera pública e uma crescente demanda por

³ O número total de publicações da revista é superior, visto que foi publicada até 1973. Embora eu tenha acesso a mais edições, refiro-me aqui apenas ao conjunto analisado na pesquisa em tela.

⁴ As revistas utilizadas nesta pesquisa foram digitalizadas e disponibilizadas pela pesquisadora Vânia Maria Pereira Machado, doutora pela linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, da UFPR, que desenvolveu pesquisa a respeito das escolas ferroviárias da RVPSC. Outra parte das revistas foi digitalizada parcialmente, para uso nesta pesquisa. A digitalização apenas parcial deveu-se ao fechamento da Biblioteca Pública do Paraná e outros órgãos e arquivos entre 2020 e 2021 devido à pandemia.

profissionalização das mulheres. Apesar de as relações de gênero terem mantido a mesma estrutura de subordinação das mulheres aos homens, mulheres de classe média e alta dos centros urbanos passaram a se inserir em espaços antes reservados apenas aos homens, com novas posições no campo profissional e maior acesso aos estudos. Nas famílias urbanas de classe média, o trabalho assalariado feminino passava a ser considerado uma possibilidade (com restrições sobre o tipo de trabalho), uma vez que o custo de vida aumentava.

Surgiam iniciativas e movimentos de mulheres que lutavam por direitos e uma maior participação na esfera pública e política. Nas duas primeiras décadas do século XX, Bertha Lutz⁵ e suas companheiras destacaram-se entre as feministas da chamada “primeira onda”⁶, obtendo visibilidade para suas pautas por meio de estratégias como interlocução com a esfera política e utilização da imprensa para difundir suas ideias e reivindicações, angariando maior apoio para suas pautas (Soihet, 2000). Entretanto, apesar dos avanços, persistia a concepção arraigada de que o casamento e a maternidade ainda eram as ocupações primordiais destinadas às mulheres.

No caso das camadas mais pobres da sociedade, as mulheres que até fins do século XIX se ocupavam com certos tipos de trabalhos autônomos, o que permitia maior flexibilidade na condução de outras tarefas, também foram inseridas em novas ocupações, como nas fábricas, que careciam de mão-de-obra, principalmente a partir do final do século XIX. Sobre esse processo, há diversos registros da participação dessas trabalhadoras em reivindicações, mobilizações e greves do movimento operário entre o final do século XIX e início do século XX.

⁵ Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976) foi uma das principais líderes à frente do movimento feminino organizado no Brasil. Após diplomar-se em biologia na Universidade de Paris, em 1918, retornou ao Brasil, onde ingressou no Museu Nacional por meio de concurso público, atuando como tradutora. “O feminismo apregoado por Bertha passou a ser identificado, à posteriori, como “bem-comportado” (Céli Regina Jardim Pinto, 2003) e/ou “tático” (Soihet, 2006). Contudo, a época de sua aparição no espaço público brasileiro, ela foi identificada como representante de um “bom” feminismo deixando entrever que haveria outros, perigosos, que deveriam ser evitados.” (Karawejczyk, 2018, p. 1).

⁶ De acordo com a análise de Pinto (2003), o feminismo no Brasil pode ser dividido em três ondas principais. Nessa leitura, a primeira onda se iniciou na segunda metade do século XIX e perdurou até o final dos anos 1930, em que se destacaram três vertentes principais. A vertente mais conhecida é aquela protagonizada pelas feministas lideradas por Bertha Lutz, com ênfase na luta por direitos políticos, mas que não questionava as relações de gênero, sendo considerada uma face bem comportada do movimento. Outra vertente foi a do feminismo difuso, protagonizada por mulheres cultas que abordavam diversas questões sobre as mulheres na imprensa, que não só os direitos políticos. Defendiam o direito à educação e discutiam o interesse masculino em manter as mulheres fora do mundo público. E a terceira vertente manifestou-se no movimento anarquista e, posteriormente, no Partido Comunista, defendendo a liberação das mulheres de forma mais radical, um feminismo menos comportado.

Entretanto, à medida que as oportunidades de emprego se reduziam, muitos operários culpavam as mulheres, alegando que elas estavam "tomando" seus postos de trabalho, uma vez que "aceitavam" salários menores. Destituídas do acesso às oportunidades desfrutadas pelas mulheres da classe burguesa e desprovidas do suporte do ambiente laboral, essas mulheres se encontravam no radar de movimentos que viam nas mulheres de baixa renda uma via para impor padrões higiênicos e preparar a futura força de trabalho por meio dos cuidados com a família e as crianças, essas mulheres foram cada vez mais empurradas para a esfera privada, sob o padrão da família burguesa.

Portanto, conforme as mulheres passavam a ocupar novos espaços na esfera pública, também se intensificavam as discussões e ações que visavam restringir a extensão da participação feminina no âmbito público, tendo a maternidade e o casamento como referências. A presença das mulheres nestes espaços e as mudanças nos hábitos e comportamentos frequentemente eram associadas a uma ameaça à estabilidade da família, considerada por diversos grupos a instituição social fundamental. Os discursos sobre e para as mulheres no *Correio dos Ferroviários* se inseriam nessa lógica, acompanhando tendência percebida em outros meios de comunicação:

As opiniões emitidas a respeito das mulheres apresentavam matizes diversos, mas o que mais impressiona nesse quadro de discussões é a sua abrangência, o fato de que tudo que se relacionasse às mulheres (aparência, ocupação, comportamento) merecia palavras de louvor ou desdém, configurando-se uma espécie de tribunal social que se encarregava de julgar a conveniência, ou não, de qualquer ato proveniente de mulheres. As argumentações seguiam as mais variadas direções, mas, geralmente, prevalecia a preocupação comum com as possíveis consequências sociais da liberalização dos costumes e da crescente participação feminina na esfera pública, suscitando ponderações que acabavam por interligar, de alguma forma, o estilo de vida assumido pelas mulheres com os destinos da sociedade e da nação (Ostos, 2012, p. 317-318).

Em um país de forte tradição católica, o discurso católico embasava muitos dos argumentos a favor da manutenção dos tradicionais papéis femininos de mãe e esposa e seus discursos reverberavam mesmo entre a base leiga que também defendia que somente a partir da "regeneração moral da sociedade brasileira, e da "recatolicização" do país, se lograria derrotar o comunismo e mitigar o liberalismo desenfreado" (Ostos, 2012, p. 319). Como outros entes do debate público, a Igreja Católica também divulgava seus posicionamentos por meio de diferentes veículos de

comunicação, além de contar com os próprios periódicos. No *Correio dos Ferroviários* é possível identificar muitos discursos de base católica, com referências a conhecidos intelectuais católicos, como Alceu Amoroso de Lima.

Mas, não eram apenas as mulheres os alvos de intervenção do governo Vargas. Para a concretização do projeto varguista de modernização do país a partir da reorganização da estrutura administrativa e investimento na industrialização como base econômica, a classe dirigente voltou-se para os comportamentos e modos de vida da população em geral, especialmente as camadas mais pobres, que deveriam ser educadas e instruídas de acordo com padrões que possibilitassem a construção do país que almejavam. Por meio de discursos e práticas nos campos jurídico, político, médico, científico e educacional, buscava-se conformar os homens, mulheres e crianças às condutas consideradas ideais, com a família como base social.

Nesse sentido, os periódicos figuravam como meios importantes de diálogo e acesso à população, ensinando, orientando, aconselhando por meio de revistas e jornais como as pessoas deveriam comportar-se, vestir-se, alimentar-se, cuidar do corpo e da aparência, o que consumir, o que evitar⁷. O *Correio dos Ferroviários*, por sua vez, se apresentava como um importante instrumento de educação e instrução desses/as trabalhadores/as, motivação ressaltada repetidamente na trajetória da revista. Conforme o contexto em que surgiu, buscava moldar trabalhadores e trabalhadoras disciplinados/as, saudáveis, muito eficientes e produtivos/as. Essa moralidade e disciplina deveriam estar presentes em todas as ações e esferas de suas vidas. No caso dos homens, também deveriam ser bons pais e maridos, de acordo com os modelos enunciados pelos discursos dominantes. Considerada a família o elemento fundamental da sociedade e garantia de sua estabilidade, era essencial que as mães e esposas das famílias ferroviárias também fossem instruídas de acordo com esses princípios e moralidade.

Ainda que houvesse predominância dos discursos que enalteciam o trabalho, a ordem, a moralidade e a família, alinhados com o projeto governamental, é possível identificar vozes dissonantes na trajetória do *Correio dos Ferroviários*. Essas discordâncias, por sua vez, refletem a complexidade dos debates que ocorriam entre

⁷ Sem dúvidas, é preciso considerar que o leitor não é um agente passivo, que apenas recebe as informações e as valida como verdadeiras de forma mecânica. Não se pode perder de vista aqui que os periódicos sugerem modelos de comportamento e conduta de determinada sociedade em que estão inseridos, mas da qual eles próprios também são produtos.

os próprios ferroviários, uma categoria formada por indivíduos adeptos de ideologias diversas e com visões de mundo distintas. Apesar dos esforços em construir uma imagem idealizada dos trabalhadores ferroviários e de suas famílias nas páginas do *Correio dos Ferroviários*, nas entrelinhas percebem-se fissuras no discurso dominante. Também as relações de gênero que se constroem em suas páginas apresentam-se de forma complexa.

Ao investigar os discursos sobre as mulheres na imprensa ferroviária, busca-se desnaturalizar os papéis de gênero construídos socialmente. Quando a revista dialoga com suas leitoras ensinando-as receitas culinárias, dicas de etiqueta e costura ou tópicos sobre maternidade, assume uma função pedagógica em relação aos leitores e leitoras em que os/as orienta sobre comportamentos distintos segundo o sexo, numa lógica binária dada como natural, embora trate-se de uma construção cultural - “criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (Scott, 1990, p. 75).

Nesse sentido, a abordagem de gênero dessa pesquisa ancora-se nas problematizações de Joan Scott, que nos lembra que enquanto historiadores precisamos “examinar as formas pelas quais as identidades generificadas são substantivamente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente específicas” (1990, p. 88). As representações das mulheres nas revistas devem ser compreendidas como “um processo de construção de sentidos e não um reflexo da realidade”.

O *Correio dos Ferroviários* enquanto enunciador de representações sociais, produzia e fazia circular desejos e ideias de uma sociedade. Como nos explica Chartier, “[...] as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.” (Chartier, p. 17, 1990). Assim, as representações devem ser interpretadas a partir do contexto em que emergem e circulam.

Há diversos estudos que analisam a imprensa sob a ótica das relações de gênero. No processo de produção dessa pesquisa, foi possível encontrar diferentes estudos sobre revistas femininas que analisam ou problematizam as representações das mulheres nesses periódicos. Verificou-se também uma tendência mais recente na

historiografia de analisar a construção dos masculinos e masculinidades por meio da imprensa, o que tem contribuído para pensar nas relações de gênero numa perspectiva mais abrangente, em que os homens deixam de ser o sujeito universal da história e são problematizados como sujeitos construídos historicamente.

Assim, o levantamento bibliográfico, além de contribuir para a construção do objeto de pesquisa, também possibilitou a percepção de sua pertinência e particularidades. Apesar de existirem diversas pesquisas que se utilizam da imprensa nas investigações sobre a história das mulheres, são poucas as pesquisas que se utilizam de revistas não pedagógicas e/ou sem a temática feminina para abordar questões de gênero. A importância desse tipo de abordagem é reforçada por Salgueiro (2014), que analisou as representações do “feminino” em um periódico agrícola conservador que circulou entre 1956 e 1967, e destaca que “existe um campo a ser pesquisado nos estudos de gênero nas páginas de revistas mais conservadoras, do tipo agrônomo, tal como foi o caso da RBO” (2014, p. 136). Os estudos a partir de revistas de categorias de trabalhadores, como o *Correio dos Ferroviários*, também permitem refletir sobre as formas que diferentes segmentos assimilavam os discursos de gênero.

As fontes impressas revelam seu potencial para estudos de gênero e educação, na medida em que possibilitam investigar processos educativos/formativos que acontecem fora dos espaços institucionais:

O problema em discussão é a capacidade de produzir uma concepção abrangente e complexa da educação e da sua história: formal e informal, intencional e preterintencional, na idade escolar e em toda a vida. Nesses termos, são educativos tanto a escola como a família ou os jogos infantis, são educativos o dever de casa, a punição, assim como o exemplo e a prática de vida. São educativos tanto o período escolar quanto as experiências de trabalho. Uma concepção da educação e da sua história, produzida nesses termos abrangentes, deve ser desenvolvida e aplicada nas relações complexas e amplas do contexto cultural (Ragazzini, 2001, p. 20).

Conforme Oliveira e Correa (2018), ainda são poucas as investigações que problematizam as relações de gênero no meio ferroviário. Dos 262 trabalhos de pós-graduações produzidos entre 1972 e 2016 analisados pelos/as pesquisadores/as, apenas 3 se dedicaram a esta vertente, constituindo a categoria menos explorada no quadro temático organizado pelos pesquisadores.

A questão das fontes ajuda a explicar o apagamento das mulheres dessa história - o uso frequente das mesmas fontes, sem renovações na forma de uso e de questionamentos, tornou-se um limite. Nos estudos de Possas (2001) e Gaspari (2011) sobre as mulheres ferroviárias em São Paulo e no Paraná, além dos documentos oficiais as autoras recorreram a periódicos impressos, iconografia, arquivos públicos e particulares, além de fontes orais. E, principalmente, houve o interesse em encontrar os vestígios deixados por essas mulheres e contar suas histórias.

Também questões teóricas e metodológicas tiveram relação com o prolongamento do silenciamento das mulheres na memória ferroviária. A historiografia brasileira sobre a temática voltou-se principalmente às relações econômicas e políticas das ferrovias, com uma mudança no enfoque principalmente a partir dos anos 1990, propondo análises sobre os/as ferroviários enquanto classe trabalhadora, suas sociabilidades e práticas culturais⁸.

O preenchimento dessas lacunas também se deve a algumas mudanças ocorridas na historiografia na segunda metade do século XX proporcionadas, entre outros aspectos, pela Nova História e a ampliação dos objetos, recortes, novas questões e sujeitos históricos. Na esteira dessas mudanças, a história das mulheres tomou impulso na Grã-Bretanha e Estados Unidos na década de 1960, e na França nos anos 1970, resultado de uma confluência de fatores: científicos, com a crise dos sistemas de pensamento que levou a uma necessidade de renovação; sociológicos, entre eles o aumento de mulheres entre os discentes e, depois, docentes nas

⁸ Oliveira e Correa (2018) realizaram um balanço sobre a história das ferrovias nas pós-graduações brasileiras entre 1972 e 2016. Entre diversos apontamentos, um mapeamento da produção acadêmica indicou maior profusão de estudos sobre esta temática em universidades públicas de São Paulo, região que teve a maior concentração de malha ferroviária do país, e importantes imbricamentos em sua história, o que explica, em partes, o maior número de pesquisas na região. Nas pós-graduações do Paraná, no período analisado pelos autores foram encontrados apenas 9 trabalhos, entre teses e dissertações, todos produzidos em instituições públicas. Outras considerações feitas pelos autores tratam de mudanças na forma de análise da temática ferroviária ao longo do período avaliado no estudo. Inicialmente, prevaleceram estudos focados em análises econômicas, com investigações sobre as empresas ferroviárias e as relações das ferrovias com outras atividades econômicas. Em um segundo momento, a partir dos anos 1990, as ferrovias se tornaram um objeto mais plural, com abordagens sobre os trabalhadores ferroviários, seu cotidiano e costumes. Além dos documentos oficiais que já eram utilizados, foram incorporadas às pesquisas as fontes orais. Em um terceiro momento, questões do imaginário social e da memória possibilitaram análises sob perspectivas pouco exploradas até então, em que a história das ferrovias e seus atores se tornaram ponte para a compreensão de outras questões sobre a história nacional. Porém, essa ampliação evidenciou o recurso limitado às fontes, bem como o uso recorrente das mesmas fontes, implicando em uma limitação metodológica do conjunto das pesquisas analisadas.

universidades; políticos, com destaque para os questionamentos e ações propostos pelos movimentos feministas, criticando os saberes constituídos que tinham o homem como sujeito universal (Perrot, 2005).

A presente pesquisa foi organizada em cinco capítulos: introdução, capítulo 2, capítulo 3, capítulo 4 e considerações finais. No segundo capítulo, desenvolve-se uma reflexão sobre a formação da classe operária no Brasil entre o final do século XIX e meados da década de 1930, a fim de compreender de que forma se estabeleciam as relações entre os movimentos de trabalhadores/as e o governo, e de que forma essa relação foi alterada durante a Era Vargas. Apoiado em um projeto corporativista e com os sindicatos sob controle, o Estado passa a mediar a relação capital e trabalho. O projeto de formação dos/as trabalhadores/as acontece por meio de diversos instrumentos. Segundo o governo varguista, os sindicatos também deveriam promover a educação e o bem-estar. Compreende-se a revista *Correio dos Ferroviários* nessa perspectiva, como um elemento de formação dos/das ferroviários/as a partir das concepções do governo Vargas para os/as trabalhadores/as.

O terceiro capítulo visa caracterizar o periódico, observando a apresentação material e tipográfica do suporte, pois entende-se que o conteúdo de jornais e revistas deve ser associado às “condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, dos objetivos propostos, do público a que se destinava e das relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboram para entender outras [...]” (Luca, 2011, p. 2). A partir do mapeamento feito do conteúdo da revista na primeira fase, analisamos quais seções foram as mais duradouras, tópicos de interesse e gêneros textuais. A distribuição do conteúdo para e sobre as mulheres na revista também é analisado neste capítulo.

No quarto capítulo, desenvolve-se a análise dos discursos sobre e para as mulheres no periódico. Apesar da aparente reprodução das relações tradicionais de gênero da época, foi possível notar que as primeiras diretoras da seção feminina, envolvidas com o feminismo dos anos 1920 e 1930, utilizavam táticas para inserir na revista ideias sobre emancipação feminina. Ao analisar os discursos e representações sobre as mulheres na revista, evidencia-se que os papéis tradicionais de gênero são frequentemente difundidos na revista, destacando a maternidade e o casamento como as principais funções das mulheres na sociedade. A partir de um viés moralizante,

apoiado em discursos de base religiosa e com influências de outras correntes, como o Positivismo, a mulher ideal é valorizada nas páginas do periódico, servindo de exemplo para as leitoras e leitores.

2 A ERA VARGAS E OS TRABALHADORES E TRABALHADORAS

A revista *Correio dos Ferroviários*, como o próprio nome sugere, tinha uma temática principal bem definida, a qual justificava sua existência, e seus leitores e leitoras sabiam que o objetivo principal era tratar de questões referentes à RVPSC e às questões ferroviárias, embora a revista expandisse sua temática principal, com seções voltadas para temas como saúde, cultura, educação e mulheres.

Dessa forma, considerou-se que se voltar apenas para a análise das seções e temáticas relacionadas às mulheres na revista, sem considerar o *Correio dos Ferroviários* integralmente e as principais motivações de sua existência, poderia levar a perder de vista elementos importantes para a análise da imagem feminina veiculada na revista. Portanto, foi necessário ampliar o olhar e voltar-se para as relações de trabalho produzidas no contexto de seu surgimento, o início da Era Vargas, momento em que ferroviários da RVPSC dão início a esse projeto.

O mensário dos ferroviários da RVPSC destacava frequentemente sua existência como forma de honrar a categoria que representava, além de enfatizar sua função educativa como importante motivação para a manutenção do projeto. Educar para quê? A partir de quais princípios? Uma vez que a revista emerge após a Revolução de 1930, cabe questionar quais os usos da revista no diálogo ou negociação com o novo governo em meio às novas relações de poder que se estabeleciam.

Dada a complexidade do tema e suas muitas possibilidades de análise, salientamos que a abordagem nesse capítulo, feita em linhas gerais, busca evidenciar aspectos sobre as condições de vida dos trabalhadores entre o final do século XIX até a década de 1930, com foco em suas relações de trabalho, formas de organização e mobilizações por direitos⁹ e a relação estabelecida com o governo Vargas, aspectos

⁹ Gandra e Silveira (2011) refletem sobre a importância de pesquisas sobre história do trabalho evitarem análises em que a agência dos trabalhadores seja ignorada desde o início. Os autores fazem um breve balanço da historiografia nas últimas décadas acerca da temática do trabalho/trabalhadores, indicando problemas como o apriorismo conceitual e temático; o privilégio de categorias ditas “clássicas”, como, por exemplo, portuários, ferroviários e operários fabris em detrimento de grupos de trabalhadores considerados marginais e/ou atrasados do ponto de vista do desenvolvimento do capitalismo; pesquisas que tornavam os trabalhadores incapazes de defenderem seus interesses e vítimas de líderes carismáticos e da propaganda estatal. Neste estudo, dado o objeto de pesquisa e as possibilidades investigativas, não cabe realizar uma análise pormenorizada do cotidiano dos trabalhadores, embora estejamos cientes de que existiam relações marcadas por diferentes formas de organização e interesses, impactando nas mobilizações e pertencimento à categoria.

importantes para a contextualização do surgimento da revista *Correio dos Ferroviários*, sob a perspectiva de compreender com quais trabalhadores o novo governo e a revista dialogavam.

2.1 Panorama social na primeira república: configurações laborais e ideológicas

Durante a Primeira República, a agricultura manteve-se como a principal atividade econômica do Brasil. Com uma agricultura destinada à exportação, houve grande impulso da região sul, com as pequenas propriedades, e no centro-sul, com a produção do café, cuja distribuição impulsionou outras atividades industriais de viabilização e, assim, ocasionou um aumento da concentração de trabalhadores/as nas cidades, o que contribuía para aumentar a demanda por serviços e produtos¹⁰.

Em São Paulo, surgiam pequenas fábricas, de fundo de quintal, bem como grandes fábricas, com destaque para o setor têxtil. De acordo com o Censo de 1920, “São Paulo detinha 33,0% do valor total da produção industrial do país e 30,5% do número de operários na indústria” (Versiani, 1993, p. 578). Em outras regiões, o crescimento industrial e o impulso das cidades se davam de forma mais lenta e gradual, como é o caso de Curitiba (Paraná).

A diversificação das atividades não foi acompanhada pela melhora da qualidade das relações de trabalho. A transição do sistema escravista para o trabalho assalariado feita sem investimentos em serviços e políticas para a população produziu um grande contingente de trabalhadores e trabalhadoras que precisavam submeter-se ao trabalho em condições precárias ou por salários muito baixos. Parte desses trabalhadores continuou no campo, enquanto outros seguiram rumo às cidades em busca de trabalho e sobrevivência.

A persistência da lógica subjacente a uma sociedade de bases escravocratas e a ausência de um conjunto organizado de instituições e legislações trabalhistas

¹⁰ Embora aumentasse o número de fábricas a partir do final do século XIX no Brasil, as atividades agrárias continuavam como as principais atividades econômicas e a concentração de pessoas no interior continuava superando o número de pessoas na cidade: “O Brasil da Primeira República não foi industrial: segundo o Censo de 1920, 69.7% da população economicamente ativa dedicava-se à agricultura, 16.5% ao setor de serviços e 13.8% à indústria, quadro que não se alterou significativamente até 1930” (Patto, 1999, p. 170).

permitiam que as relações de trabalho fossem desfavoráveis aos trabalhadores e trabalhadoras, em grande medida:

As relações de produção em vigor abrangiam várias formas de exploração do trabalho. No campo, vínculos empregatícios contaminados pela prática do favor prendiam empregados a patrões por dívidas muitas vezes impossíveis de saldar e configuravam situações que beiravam à escravidão. Na cidade, o panorama não era diferente: uma massa de trabalhadores pobres acumulava-se no espaço urbano e vendia sua força de trabalho a preços que degradavam a vida, quando não a inviabilizavam, ou dedicava-se a outras ocupações, em nome da sobrevivência. Sem alternativas no mercado de trabalho, muitos ex-escravos e seus descendentes viviam em situação de desemprego crônico ou agregados a famílias ricas, onde exerciam extensas jornadas de trabalho doméstico não-remunerado (Patto, 1999, p.170)

O conjunto de trabalhadores da Primeira República também foi composto por grande número de imigrantes. A partir de 1808, houve um permanente fluxo de imigrantes europeus no Brasil, movimento que foi acentuado a partir de 1889, com o fim do regime escravocrata, principalmente para a região Sul e Sudeste, locais em que até então predominava a agricultura mantida com trabalho escravo. Ao chegarem ao país, esses imigrantes inicialmente eram direcionados para trabalharem nas fazendas. Porém, devido a insatisfação com as relações de controle do trabalho e da produção no âmbito rural, muitos imigrantes deixavam esses locais e seguiam rumo às cidades em busca de melhores salários e condições de trabalho. De acordo com Seabra,

A chegada constante de imigrantes resultou numa redução do salário dos trabalhadores rurais em função da oferta excessiva de mão-de-obra. [...] Um contingente migratório se destinou aos núcleos urbanos constituindo um aumento na oferta de mão-de-obra elevando os motivos de exploração a esta nova classe de trabalhadores, os operários industriais (Seabra, 2011, p. 3).

"No campo das ideias, a 'questão social' era discutida por intelectuais e autoridades à luz de ideias eugenistas, consideradas na época como científicas, com o objetivo de "melhorar a raça humana" a partir da crença na hereditariedade da capacidade intelectual, justificando assim a segregação e exclusão hierárquica da população negra, de imigrantes asiáticos e de pessoas com deficiências. Circulava o discurso de que os imigrantes seriam mais aptos ao trabalho do que os trabalhadores brasileiros, principalmente aqueles que haviam sido escravizados e, assim, contribuiriam para colocar o país entre as nações mais modernas e prósperas. O

discurso de que o trabalhador brasileiro seria inclinado à vadiagem e ao ócio explicava-se, contudo, em termos raciais.

De acordo com Besse (1999), “a enorme influência da eugenia – ao mesmo tempo “ciência” e movimento social preocupado com o “aperfeiçoamento da raça” - concentrava-se na reprodução como forma de superar os supostos “atraso” e “degeneração” do país”. Dessa forma, o Estado, de forma excludente, “teria a obrigação de zelar pela “depuração eugênica” da população” (Maciel, 1999, p. 134), sob a justificativa de que a aplicação dessas teorias e práticas à realidade brasileira levaria ao almejado progresso.

No artigo intitulado “A Eugenia no Brasil” (1999), a pesquisadora Maria Eunice de S. Maciel, aponta como um dos marcos da difusão do pensamento eugenista no país a realização do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia, em janeiro de 1929, na cidade do Rio de Janeiro (então Distrito Federal). Entre as várias questões abordadas no evento, a questão da imigração foi tratada, de forma geral, em termos de “superioridade” e “inferioridade” racial, em que o “tipo eugênico” branco, europeu, era classificado como superior e tido como necessário para a construção do país que se almejava “do futuro”. Essas ideias não ficaram restritas ao campo das proposições intelectuais, mas foram implementadas como projeto nacional. Segundo Rocha (2006, p. 22),

Para vários ideólogos, somente o embranquecimento da população poderia fazer com que o país se desenvolvesse, visto a visão da inferioridade dos negros. Os negros eram os responsáveis pelo atraso da sociedade brasileira. Aliado a estas ideias, o estado brasileiro investiu pesadamente em programas de imigração de europeus. Só no estado de São Paulo, para exemplificar, chegaram, entre 1890 e 1914, mais de 1,5 milhões de europeus, sendo que 64% destes, com a passagem paga pelo governo estadual. “A albumina branca depura o mascavo nacional...” (Peixoto, 1975 p.15). A frase representa bem o viés ideológico presente na política oficial de branqueamento da população (Rocha, 2006, p. 22).

As condições de vida dos trabalhadores eram precárias, de forma geral, tanto no campo quanto nos espaços urbanos. Nas cidades, muitos trabalhadores e trabalhadoras residiam em moradias insalubres, locais improvisados ou cortiços, onde dividiam o pouco espaço com outras famílias. A criminalidade, o aumento de endemias e o surgimento de novas doenças se misturavam ao cenário de transformação das cidades na Primeira República. A população pobre e,

principalmente negra, era entendida pela elite como ameaça à instauração da ordem e do progresso.

Os conflitos sociais que se multiplicavam nesse contexto eram abordados como “questões sociais” que deveriam ser controlados pela intervenção do Estado. Sob as vestes de correção moral da “vadiagem” pelo trabalho, legitimava-se a perseguição de algumas categorias sociais. A forte repressão policial, a criação de diversas instituições para correção e o Código Penal de 1890 são exemplos desse sistema de controle.

Margareth Rago (1985) tratou do projeto de integração do proletariado e de suas famílias ao universo dos valores burgueses nas primeiras décadas do século XX. A autora destacou que as estratégias de disciplinarização utilizadas pelos patrões para enquadrar os comportamentos dos operários “perseguem o trabalhador em todos os momentos de sua vida, até nas horas de lazer, buscando redefinir sua maneira de pensar, de sentir, de agir e erradicar práticas e hábitos considerados perniciosos e tradicionais” (Rago, 1985, p. 25).

Mota Assunção, em análise feita em 1911 ao tratar da situação do proletariado brasileiro, descreve que no Brasil “predominava a subserviência da escravidão [...]; porque os hábitos e as tradições daquele nefasto regime não se limitavam às suas presas diretas; refletiam-se como ainda hoje se refletem sobre todos os que trabalham para outrem” (assunção, 1911 *apud* Batalha, 1992, p. 112).

2.2 Resistência e organização: o movimento operário na primeira república brasileira (1889-1930)

Diante das péssimas condições de trabalho e da repressão cotidiana, os trabalhadores e trabalhadoras colocavam em prática estratégias de resistência e luta por meio de uma variedade de práticas, que incluíam a instauração de greves, a criação de ligas, associações e uniões de trabalhadores, a realização de encontros e congressos, eventos culturais e a disseminação de informações e ideias por meio da imprensa operária, ou seja, práticas que contribuíam para a afirmação da classe operária.

Nesse contexto, a contribuição dos imigrantes nos movimentos operários foi significativa. Provenientes sobretudo da Europa, muitos deles carregavam consigo ideologias e experiências de luta, com destaque para correntes como o anarquismo e

o socialismo, as quais foram difundidas ativamente por intermédio da imprensa operária, de associações e de sindicatos¹¹. De acordo com Coggiola (2015):

Nos centros industriais, o anarquismo passou a ganhar força, com a grande imigração de trabalhadores europeus, entre fins do século XIX e início do século XX. No entanto, dentre os ativistas anarquistas mais importantes, cabe citar: José Oiticica (1882-1957), Maria Lacerda de Moura, anarquista e feminista (1887-1945), Domingos Passos, Florentino de Carvalho (1889-1947), Edgard Leuenroth (1888-1968), todos eles brasileiros. Através da organização de sindicatos, os anarquistas visavam obter o controle do mercado de trabalho. Se todos os membros de uma dada categoria profissional estivessem associados a um sindicato, os patrões não teriam alternativa senão a de procurar o sindicato da categoria para negociar a contratação de trabalhadores, e tudo que lhes dissesse respeito (Coggiola, 2015, p. 28).

Entre o final do século XIX e início do século XX, o movimento operário brasileiro viveu um importante período, com a mobilização de diversas greves, que poderiam surgir em fábricas, ou mobilizadas por categorias.

Há registros de uma greve dos ferroviários da Central, em 1891, que teria paralisado todo o tráfego. Ainda no Rio de Janeiro, em 1903, aconteceu a maior greve realizada no país, até então: 25 mil trabalhadores têxteis se declararam em greve por 20 dias, exigindo a diminuição da jornada de trabalho. Em 1905, foi deflagrada a greve dos ferroviários da Companhia Paulista, com registros de choques com a polícia (Coggiola, 2015), sendo apenas dois exemplos das muitas mobilizações ocorridas no período. Entre 1900-1910, foram realizadas 111 greves operárias no país, e entre 1910-1920 foram 258. Também surgiam as primeiras organizações, como o Partido Socialista Brasileiro (1902) e a Confederação Operária Brasileira (1908).

Nas duas primeiras décadas do século XX, o movimento operário brasileiro cresceu, os trabalhadores e trabalhadoras acumularam experiências e se tornaram mais organizados, ampliando as estratégias, as redes de circulação de ideias, formas de negociação e o surgimento de lideranças.

As greves ocorridas no Brasil em 1917 mostraram o amadurecimento desses movimentos. Os trabalhadores têxteis, com destaque para as mulheres, protagonizaram greves importantes. Assim como em outros países atingidos pela crise econômica após a Primeira Guerra Mundial, os trabalhadores e trabalhadoras

¹¹ Diversos estudos abordam a atuação das correntes anarquistas e socialistas no movimento operário brasileiro. Porém, é importante pensar a formação do movimento operário e sua atuação além dessas correntes, cientes de que existiram outras ideologias e diferentes formas de mobilização.

protestaram contra a carestia dos alimentos, baixos salários, longas jornadas, contra a exploração do trabalho infantil e equiparação salarial das mulheres, entre outras pautas. Com início em São Paulo, a greve geral espalhou-se por outras cidades, mobilizando muitos trabalhadores.

Como resultado, apesar da repressão policial, da resistência dos patrões e da perseguição a lideranças trabalhistas, muitas das reivindicações dos trabalhadores foram atendidas. Em 1918, a Câmara dos Deputados criou a Comissão de Legislação Social, encarregada de redigir leis específicas de proteção aos trabalhadores. Entre essas leis incluíam-se as de acidente de trabalho e as de férias remuneradas. (Coggiola, 2015). Ainda sobre resultados da greve de 1917, avalia-se que:

No processo de luta se intensificou a formação de uma identidade nas comunidades, em oposição a proprietários, empregadores e comerciantes (Pereira, 2014). Nesse processo, os trabalhadores vão deixando de ver o Estado somente como um inimigo ou como fonte de opressão e passam a vê-lo como um instrumento importante para a obtenção ou consolidação de conquistas, o que tem consequências importantes na reorganização posterior do movimento operário (Toledo, 2017, p. 501).

Entre o final do século XIX e meados dos anos 1930 desenvolveu-se, no Brasil, um movimento operário “inicialmente isolado, mas cada vez mais forte e dinâmico, que abrigou correntes socialistas e anarquistas (além de grupos nacionalistas”. Em sua trajetória histórica, até esse ponto, destacaram-se como problemas a questão da democracia, a questão da unidade nacional e a questão da abolição da escravidão, subordinadas à “questão social” (Coggiola, 2015). Ao longo desse período, os trabalhadores desenvolveram táticas que se tornaram progressivamente mais complexas e eficazes, permitindo-lhes pressionar por melhores condições e direitos e alcançando algumas vitórias importantes.

Buscou-se traçar, em linhas gerais, aspectos relevantes da formação da classe operária do Brasil na Primeira República, destacando que apesar dos esforços empregados nas estratégias de controle e repressão, os trabalhadores, dentro de suas possibilidades, mobilizaram táticas de resistência e combate que contribuíram na construção de uma identidade. Quando Vargas assume o poder, depara-se com esse contexto no que se refere aos trabalhadores.

2.3 Trabalhadores e trabalhadoras na Era Vargas: além da conciliação de classes

Para colocar em prática seu projeto “modernizador”, um dos pontos fulcrais do governo Vargas estava na relação que estabeleceria com os trabalhadores.

Poucos meses após assumir a presidência, entre as primeiras ações do Governo Provisório esteve justamente a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, por meio do Decreto n.º 19.433, de 26 de novembro de 1930. No ano seguinte, foi instituído o Departamento Nacional do Trabalho (DNT) e estabelecida a Organização Sindical (o sindicato único) por meio do Decreto n.º 19.770/1931¹²:

O próximo passo seria formar entidades alinhadas com os projetos do governo, protegendo essas organizações em detrimento dos grupos autônomos. Assim, na convocatória da Assembleia Nacional Constituinte, em 1933, os deputados classistas eleitos eram aqueles associados aos sindicatos oficiais, impedindo que trabalhadores independentes participassem da elaboração da Constituição. A criação da Carteira Profissional, em 1932, também pretendia melhorar o controle e a vigilância sobre o trabalhador, em qualquer circunstância considerada relevante pelos agentes governamentais; a lei previa que sempre “que tiverem que averbar notas em desabono da conduta do possuidor da carteira, as autoridades policiais deverão enviar cópia da averbação ao Departamento Nacional do Trabalho, que a anexará à ficha respectiva” (Ostos, 2009, p. 43).

Com as medidas na esfera trabalhista, Vargas avançava na implantação do modelo corporativista, em que o Estado era o mediador das relações entre trabalho e capital. Desde o início, a relação com os trabalhadores e trabalhadoras é construída com base na ideia de conciliação, como forma de se precaver de uma luta de classes aberta. “O Estado Novo levou à sério a existência da luta de classes, assim como as possibilidades reais da classe operária no jogo do poder” (Lenharo, 1986, p. 22). O corporativismo viria substituir o conceito de luta de classes pelo conceito positivo de colaboração de classes (Lenharo, 1986).

¹² Em 1931, é criado o Ministério da Indústria, Comércio e Trabalho, vinculado e integrado aos sindicatos. Nesse momento, Vargas instituiu um sindicato por categoria. O decreto-lei 19.770, de março de 1931, determinava que a partir daquela data apenas os sindicatos reconhecidos pelo Estado poderiam atuar legalmente, enquanto o decreto-lei 24.694, de julho de 1934 limitava a ação dos sindicatos, permitindo que apenas alguns pudessem funcionar em uma escala regional ou nacional dependendo da interpretação do Ministério do Trabalho. Desta forma, o governo dificultava a formação de uma ampla rede de sindicatos, dificultando a constituição das greves de solidariedade, enfraquecendo sua capacidade de resistência.

Embora nos discursos de Vargas e de outras figuras importantes do governo essas inovações fossem apresentadas como concessões, na verdade, a política trabalhista implementada de forma diligente por Vargas se antecedeu às possíveis pressões dos trabalhadores e trabalhadoras, colocando o governo em posição de vantagem.

Para a implementação do projeto de industrialização, o governo varguista precisava garantir certo controle sobre o operariado. Nos discursos de Vargas dirigidos aos trabalhadores e trabalhadoras, havia o apelo para que “evitassem conflitos de classe e atuassem no espírito de conciliação para o bem-estar geral” (Wolfe, 1994).

Se no início da década de 1930 o caráter interventor e tutelar do Estado já se evidenciava, a partir de 1937, com o Estado Novo (1937-1945), se aprofunda. A Intentona Comunista de 1935, a consolidação do *stalinismo* na União Soviética e a circulação de ideais comunistas, em oposição ao nazifascismo, na Europa, criaram o clima para o golpe de 1937. Alegando a descoberta de um golpe articulado pelos comunistas brasileiros, Vargas impôs o Estado de Sítio em 10 de novembro de 1937 e instaurou a ditadura.

No Estado Novo, o governo Vargas dá continuidade às políticas trabalhistas iniciadas em 1930, porém, assume o controle na relação com os trabalhadores e trabalhadoras de forma mais aberta, por meio de leis que cerceiam seus direitos. O artigo 139 da Constituição de 1937 coíbe explicitamente a prática de greve dos trabalhadores e trabalhadoras, embora em 1935, por meio da Lei de Segurança Nacional instaurada devido à Intentona Comunista¹³, de forma indireta, as greves já tivessem sido enquadradas.

Outra medida muito significativa desse período foi a promulgação do Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), conjunto de leis que passava a regulamentar as relações trabalhistas na cidade e no meio rural. Apoiado no fantasma do comunismo, Vargas dificulta a atuação de

¹³ Em 23 de novembro de 1935, irrompeu-se a chamada “Intentona” Comunista. Superestimando a existência de um clima favorável à revolução socialista no país, o Partido Comunista do Brasil, auxiliado por agentes de Moscou, lançou-se numa tentativa malograda de tomada do poder. Desencadeada inicialmente em Natal, cidade que foi tomada pelos comunistas durante quatro dias, a “Intentona” foi estendida para quartéis de Recife e Rio de Janeiro. Esse estopim de insurreição nacional foi efêmero, sendo logo dominado pelas forças federais (Domingues, 2007, p. 146-147).

opositores, com prisões, proibições e a demonização dos comunistas. Por outro lado, na condução da questão social e das políticas trabalhistas, Vargas continua apostando na imagem de conciliador e no mito da outorga, “segundo o qual Vargas e o governo central estendiam direitos aos trabalhadores. Getúlio, assim, era retratado como o “Pai dos pobres” que benevolmente conduzia os trabalhadores em suas transações com os industriais e o Estado” (Wolfe, 1994).

A máquina de propagandas implementada pelo Estado Novo foi um instrumento muito eficiente para a disseminação das ideologias e ideias que sustentavam o projeto varguista. Nas ondas do rádio, nas páginas das revistas e jornais, Vargas dialogava com a população incumbindo cada um a fazer sua parte pelo progresso da nação. Além da propaganda do governo, Vargas criou um aparato institucional de censura que controlava a circulação de ideias opostas às do governo¹⁴. Além das propagandas, o governo apostava em outros momentos simbólicos, como eventos cívicos, para difundir os ideais do governo nacionalista e a celebração dos valores que difundia como base da nação.

Nos discursos do governo, além da imagem paterna, houve recorrência à imagem da nação como uma família e como um corpo. A construção discursiva utilizava as imagens como dispositivos discursivos que provocavam respostas emotivas nos receptores/as das mensagens, mais fáceis de assimilar e menos passíveis de críticas. O clima de religiosidade católica que envolvia imagens do Estado Novo não era um acaso, uma vez que houve inspiração em símbolos e discursos religiosos. A utilização de símbolos já aceitos facilitava a recepção dos discursos do governo. O corporativismo enquanto projeto de reordenamento da sociedade era fortalecido nos discursos que enfatizavam a integração em oposição aos conflitos, recorrendo à imagem do corpo.

Através do rádio, também era possível alcançar a parcela não alfabetizada da população, que não era pequena¹⁵. Além disso, havia o valor simbólico proporcionado

¹⁴ Conforme Lenharo (1986), em 1939 foi criado o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), órgão que ficava subordinado diretamente à presidência da República e sob o comando de Lourival Fontes, com apoio direto de Cândido Mota Filho e Cassiano Ricardo, reinterpretores privilegiados das diretrizes oficiais. Eram atribuições do DIP controlar e exercer a propaganda e a censura, assim como promover manifestações cívicas e culturais e exposições demonstrativas das atividades do governo.

¹⁵ Em 1920, de acordo com o Censo, a taxa de pessoas não alfabetizadas na população de cinco anos e mais era de 71,20%, o que correspondia a um total de 18.549.085 indivíduos e, em 1940, era de 61,20%, sendo que no grupo de dez anos e mais, correspondia a 56,70% (Gil, 2022).

pela comunicação via rádio, que criava a sensação de maior proximidade com os receptores/as da mensagem e, ao mesmo tempo, fortalecia o sentimento de comunidade, com muitas pessoas ouvindo a mensagem ao mesmo tempo. Em um sistema que regulava a politização de trabalhadores/as, a comunicação via rádio proporcionava a “participação” na medida em que o governo desejava. O peso das instâncias micropolíticas atuando sobre o cotidiano dos indivíduos proporcionava um controle de caráter mais persuasivo do que diretamente repressivo (Lenharo, 1986).

Presumia-se que os trabalhadores/as participassem da política através de sindicatos com patrocínio estatal. Além do controle das relações, o Estado também buscava atrelar aos sindicatos a função de “escolas de unidade e disciplina”. Nesse sentido, como se verá adiante, a revista *Correio dos Ferroviários* é uma expressão da educação idealizada pelo governo varguista.

Os discursos de intelectuais, educadores, sanitaristas, higienistas, médicos, entre outros, que há algum tempo apontavam a necessidade de educar a população como forma de reorganizar o país, encontram espaço na Era Vargas para colocar em prática suas aspirações. Já na década de 1930, “Entre o meio intelectual e político já predominava a opinião de que o homem “não poderá atuar, no sentido de eficiência social, se, por efeito de causas congênicas ou adquiridas, estiver fisicamente incapaz ou encontrar meio hostil, inapto à vida saudável e em condições de adaptação produtiva” (Vargas, 1933 *apud* Ostos, 2009, p. 43).

Os intelectuais, que desde a década de 1920 preocupavam-se com questões voltadas para uma identidade nacional, a partir dos anos 1930 passam a identificar o Estado como expressão maior da ideia de unicidade e nação, por isso se voltam para ele. Assim, esses intelectuais de diferentes ideologias e pensamentos são incorporados pelo Estado, atuando em várias frentes de forma a contribuir com a modernização do país e a construção de uma nação coesa.

Diante de tantas ferramentas de controle e persuasão utilizados pelo Estado, cabe questionar-se sobre a efetividade desse sistema. A sindicalização corporativa, a máquina de propaganda, a repressão policial, foram suficientes para integrar os trabalhadores e trabalhadoras ao projeto varguista?

Na historiografia mais recente, a representação dos trabalhadores/as brasileiros pós-1930 como sujeitos dóceis, despolitizados ou pelegos, tem sido questionada. Estudos com foco regional, em classes específicas ou com novos

olhares sobre as questões dos trabalhadores/as têm contribuído para desconstruir a imagem de um trabalhador totalmente cooptado pelas ideias do governo.

Como nos mostra Joel Wolfe (1994) ao analisar os discursos trabalhistas de Vargas e como os trabalhadores e trabalhadoras de São Paulo os consumiam, a imagem do trabalhador dócil, tutelado por Vargas, não encontrava respaldo naquela realidade:

Quando Vargas chegou ao poder em 1930, o operariado paulistano tinha experimentado mais de vinte anos de conflitos industriais, a contar com embargos do trabalho até greves gerais. [...] Um breve exame das vidas dos trabalhadores paulistanos revela da parte deles uma forte autoconscientização como trabalhadores. Assim, quando Vargas vagarosamente inclinou-se para o populismo, no início dos anos 1940, os industriários da cidade de São Paulo já tinham seus próprios discursos trabalhistas para confrontar com as posições de Vargas. [...] Além do mais, a vida no setor rural brasileiro, nessa época, nada tinha de idílica: havia muitas disputas com proprietários e outros chefes (Wolfe, 1994, p. 39-40).

A análise feita por Wolfe (1994) de correspondências enviadas por operários de São Paulo à Vargas mostra trabalhadores que barganhavam, sem rodeios, apoio político ao presidente em troca de terem suas demandas atendidas. Também se percebe que eles tinham uma leitura de meandros do contexto político e da situação de Vargas no cenário, e articulavam seus pedidos de acordo com a situação. Wolfe ressalta que “através desse contato direto com Vargas, os trabalhadores de São Paulo demoliram a retórica de conciliação e colaboração de classe, que era uma marca fundamental do Estado Novo” (1994, p. 51).

O estudo de Claudia Monteiro (2007) sobre a atuação classista dos ferroviários ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) na RVPSC durante a Era Vargas aponta para o mesmo sentido, com ferroviários mantendo suas convicções ideológicas ao longo de toda a Era Vargas, mesmo diante da repressão.

2.4 Nas trilhas da história: ferroviários e ferroviárias da RVPSC

Embora a denominação Rede de Viação Paraná-Santa Catarina já fosse utilizada na década de 1930, a Rede foi oficialmente instituída autarquia federal em 1942 por meio do Decreto-Lei n.º 4.746, com o encampamento das Estrada de Ferro

Paraná; Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande; Estrada de Ferro Norte do Paraná e Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná¹⁶.

O surgimento da categoria dos ferroviários no Paraná tem relação com o processo de transformações que se intensificou no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. No Paraná traduziu-se em um “surto de progresso” mais evidente em Curitiba, onde o fluxo de transformações se fazia notar no corpo da cidade - por meio das novas edificações, abertura de novas ruas, novos espaços urbanos de sociabilidade, no incremento do comércio e nas mudanças nos costumes e comportamentos.

Esse crescimento se inseria em um contexto de transformações mais amplo, que atingia outras cidades pelo país e mundo afora. Os avanços técnicos propiciados pela ciência possibilitaram novidades como a luz elétrica, telégrafo, telefone, cinematógrafo, estruturas de ferro pré-fabricadas, bondes elétricos. No final do século XIX foram construídas as primeiras estradas de ferro no Paraná, que se constituíram em símbolo desse tempo de expectativas e novidades. Como parte das transformações, surgiram novas categorias de trabalhadores, como é o caso dos ferroviários e ferroviárias.

A política para implantação de estradas de ferro no Brasil, por meio da Lei n.º 641 de 26 de junho de 1852, proibia a utilização do trabalho de pessoas escravizadas nas obras. Para a construção e funcionamento das ferrovias, milhares de trabalhadores foram recrutados. Contudo, as condições de vida e trabalho eram precárias e insalubres e, por isso, ainda no século XIX foram registradas as primeiras greves por melhores condições de trabalho e direitos entre os ferroviários:

A categoria dos ferroviários foi uma das pioneiras no Brasil a se organizarem em grandes movimentos grevistas em um momento da história brasileira em que a mão-de-obra escrava ainda era preponderante. Este fato demonstra a precocidade de sua capacidade organizativa. A ferrovia inovou as relações de trabalho no país já em meados do século XIX, pois em sua construção foram utilizados, quase exclusivamente, operários livres (Monteiro, 2007, p. 11).

¹⁶ Antes disso, entre 1931 e 1934, o governo federal encerrou diversas concessões e contratos feitos à Companhia São Paulo-Rio Grande, que atuava na região, por considerar que já não atendiam aos seus interesses, até que em 1940, por meio do Decreto-Lei n.º 2.073, toda a rede Paraná-Santa Catarina foi incorporada à União.

No Paraná, muitos dos operários recrutados para as obras de construção das estradas de ferro no final do século XIX e início do século XX, após o final das obras, seguiam para Curitiba em busca de trabalho, nem sempre com êxito - “muitos se marginalizaram na capital paranaense [...] alguns tiveram sorte melhor e foram efetivados na ferrovia como trabalhadores da manutenção dos trilhos, das oficinas e da locomoção, mas os levantes dos Operários empregados expressam que também havia descontentamento entre estes” (Monteiro, 2007, p. 11).

De acordo com levantamento de Alcina de Lara Cardoso e Silvia Pereira de Araújo (1986 *apud* Monteiro, 2007), a categoria dos ferroviários e ferroviárias foi a que mais apareceu na imprensa paranaense entre 1892 e 1930 em relação às greves. As reivindicações se referiam a questões como o pagamento de salários atrasados, aumento salarial e redução de jornada de trabalho.

Segundo Thompson, a classe surge “a partir de experiências vividas em comum” (1987, p. 10). Nesse sentido, a trajetória dos ferroviários e ferroviárias paranaenses, permeada por lutas, greves e outras formas de mobilizações e reivindicações, contribuiu para a formação dessa classe, uma das principais entre os trabalhadores do estado – tanto em número, quanto em importância. Por meio de sua atuação enquanto classe, obtiveram diversas conquistas.

As experiências compartilhadas entre os trabalhadores e trabalhadoras não se resumiam apenas aos momentos de lutas e mobilizações, mas aconteciam também no cotidiano de trabalho, na convivência diária, dentro e fora do trabalho. Dado o funcionamento das empresas ferroviárias e o grande rol de funções laborais necessárias para seu funcionamento, havia uma hierarquização entre as funções e relações de poder decorrentes das diferentes posições assumidas pelos ferroviários, o que também implicava em suas experiências de classe:

Considerando as variáveis socioeconômicas – setores de atividade, níveis de salários, hierarquias patronais – havia uma grande diferença de status, renda, exploração e condições de vida entre um ferroviário da manutenção dos trilhos e outro da chefia administrativa da Rede, por exemplo. Ou seja, havia diversas situações de classe dentro de uma mesma categoria (Monteiro, 2007, p. 9-10).

Perceber essa heterogeneidade entre os/as ferroviários/as é um ponto importante para pensar a revista *Correio dos Ferroviários*. Tanto a participação na

produção da revista quanto a receptividade às suas mensagens certamente variavam de acordo com essa “situação de classe”.

De acordo com Ferraro (2011), na década de 1920 a taxa de analfabetismo entre pessoas com mais de 15 anos no Brasil era de 64,9%, enquanto na década de 1940 era de 55,9%. Portanto, na década de 1930, quando o *Correio dos Ferroviários* começou a circular, a taxa de analfabetismo no Brasil era alta, o que também incluía ferroviários e ferroviárias da RVPSC. Nesse sentido, em 1946 a revista divulgava uma ação em prol da alfabetização entre os ferroviários com a “Campanha de Alfabetização da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Serviços Públicos dos Estados do Paraná e Santa Catarina”. A campanha foi criada no mesmo período em que a Caixa de Aposentadoria e Pensões (CAP) inaugurava o “Dispensário Anti-tuberculoso da CAP”, sob direção do médico Carlos Franco Ferreira da Costa, justificando que:

Ao traçarmos as bases, no Dispensário Anti-tuberculoso da C.A.P de uma companhia de divulgação e educação no combate à Tuberculose, deparámos com um obstáculo inicial – o analfabetismo. Grande número de associados e suas famílias são analfabetos e justamente estes, parecem e devem ser os mais necessitados de conselhos e conhecimentos de higiene. [...] Podemos dividir os necessitados de alfabetização e educação em 2 grupos: 1º Os que residem nas cidades ou povoações e suas imediações; 2º Os que vivem isolados nas linhas e à beira da estrada (*Correio dos Ferroviários*, n. 3, ano 13, maio de 1946, p. 18).

Ao considerarmos a equipe que produzia a revista, encontramos principalmente ferroviários que atuavam em funções de escritório ou chefia, setores que exigiam um determinado nível de estudo e capacitação profissional e, certamente, suas aspirações profissionais e reivindicações estavam atreladas às suas posições e experiências, que não eram necessariamente as mesmas dos ferroviários que atuavam em funções laborais que exigiam maior esforço físico.

Na edição de janeiro de 1934 essa diferença é evidenciada no texto do ferroviário H. de Matos Guedes, que escreve aos leitores alertando-os sobre o enfraquecimento da categoria devido à divisão do sindicato dos ferroviários decorrente de diferentes interesses. Guedes cita como exemplo “a greve dos cinco minutos” feita pelos “operários braçais”:

Trata-se daquela manifestação de regosijo dos operários braçais, em virtude de terem sido reduzidos os vencimentos de seus colegas dos escritórios.

Durante 5 minutos apitaram as locomotivas, como que numa estrodósa vaia contra funcionários cujos interesses são tão respeitáveis como os de quaisquer outros. Foi uma manifestação contrária aos interesses dos “almofadinhas” dos escritórios. Quer isso dizer que estão divididos os funcionários da rede em dois grupos, sendo que o dos operários braçais fazem guerra de morte ao dos operários intelectuais. E o mais interessante é que o sindicato é a alma dessa dissensão, cada vez mais profunda. [...] (Correio dos Ferroviários, n.4, ano 1, janeiro de 1934, p. 119).

Entre os aspectos que contribuíam para a formação de uma identidade ferroviária, diferenciando-os de outras categorias, podemos citar a formação profissional para o desempenho de determinadas funções, as jornadas definidas, contratações regularizadas, a moradia em vilas operárias (não todos), o acesso a serviços de saúde e educação conquistados por meio das lutas. Em diversas pesquisas sobre ferroviários e ferroviárias, é citado o orgulho que nutriam pela profissão. O reconhecimento social como um trabalho honrado e com boa remuneração contribuía para esse sentimento, embora existam pesquisas que apontem que os salários eram defasados, fazendo com que muitos tivessem que ter mais de um emprego.

Outra experiência partilhada pelos ferroviários e ferroviárias refere-se ao controle a que eram submetidos/as no cotidiano de trabalho. Os processos de disciplinarização e controle que se desenvolveram nas empresas férreas desde a Primeira República (1889-1930), com regras rígidas, buscavam delimitar a conduta dos trabalhadores e trabalhadoras dentro e fora do espaço de trabalho. A disciplina era uma cobrança constante, e sua construção era reforçada por meio de mecanismos de controle, punição e recompensas. O controle das empresas sobre os ferroviários e ferroviárias extrapolava o espaço interno, sendo que os operários/as deveriam ser disciplinados/as em todas as esferas de sua vida.

Em diversos estudos sobre o meio ferroviário, as práticas de disciplinarização e controle no cotidiano são abordadas. A partir da década de 1920, diversas empresas passaram a implementar o método taylorista de Organização Científica do Trabalho. Essas mudanças têm relação com a necessidade de novas formas de gerenciamento, treinamento e organização para lidar com o número crescente de trabalhadores devido ao aumento de trabalho na indústria após a Primeira Guerra Mundial.

Em 1933, quando a Revista *Correio dos Ferroviários* foi criada, o Brasil encontrava-se em um contexto marcado por rupturas, como a Revolução de 1930, e crises econômicas de grande impacto, como a crise de 1929, com grandes

transformações em curso. Nesse sentido, buscou-se evidenciar nesse capítulo que apesar das crises e transformações, os trabalhadores brasileiros demonstravam capacidade de mobilização e adaptação, como no governo Vargas. Ainda, percebemos que além das diferenças ideológicas que resultavam em variados núcleos e grupos de atuação no movimento operário nacional, também eram acrescidas as diferenças inerentes às funções de cada categoria de trabalho, como é o caso dos ferroviários da RVPSC.

Essas reflexões nos indicam que a revista *Correio dos Ferroviários* não poderia, portanto, ser a representante de toda a categoria, haja vista estas diferenças. É importante também ter em vista essas limitações da representatividade da revista ao analisar os discursos para e sobre as mulheres veiculados no periódico.

3 CORREIO DOS FERROVIÁRIOS: EDUCAR E INSTRUIR PARA O PROGRESSO

Desde a primeira edição, em outubro de 1933, o *Correio dos Ferroviários* enfatizava seu papel como uma revista de classe que atuava em prol dos ferroviários da RVPSC. Em seus editoriais e no conteúdo, de forma geral, palavras que remetem à união entre os trabalhadores e o “engrandecimento” da classe, apontam para esse sentido. Assim, uma das primeiras impressões quando tomei conhecimento de sua existência é que se tratava de um exemplar da imprensa operária produzido por ferroviários do Paraná.

Cabe uma reflexão sobre o nome escolhido para a revista, *Correio dos Ferroviários*, que contribuiu para essa impressão. A escolha do título nos periódicos busca aproximar-se de seus leitores, criando um senso de identificação e pertencimento:

Efetivamente, o título de uma publicação, por si só, é uma forma de captação do leitor, podendo constituir uma motivação da compra – pelo seu poder de sedução (prazer estético que provoca no público) ou pelo seu poder de choque (sucesso pelo inesperado). É pelo título que o leitor começa a travar relações com uma revista nos pontos de venda e de leitura. Daí que, com Leo Hoek, possamos falar de suas múltiplas funções: identificadora, informativa, persuasiva, aperitiva, publicitária e ainda mítica – pois o título pode deter uma espécie de poder mágico, ser um “abre-te Sésamo” da publicação” (Rocha *apud* Sanches Neto, 1998, p. 78).

Ao nomear a revista como “*Correio dos Ferroviários*” há a preocupação de uni-los a partir de seu elemento em comum, apelando para uma identidade coletiva determinada pelo trabalho, alcançando o maior número possível de leitores e leitoras que se identificassem com o título. Assim, o efeito produzido pelo nome, “dos” ferroviários, e os discursos que ressaltava tratar-se de um órgão de classe reforçam a impressão de ser um periódico da imprensa operária. Porém, uma análise mais apurada do conteúdo e do contexto de produção afastam essa impressão.

Contando com apoio da empresa e seus dirigentes, a revista afasta-se substancialmente da lógica da imprensa operária, embora também fosse usada para conquistar benefícios para a classe.¹⁷ É possível inferir que a escolha pelo formato da

¹⁷ O jornalista paranaense Aramis Millarch, em reportagem veiculada no jornal Estado do Paraná em 16/10/1975 em homenagem ao engenheiro Denisar Miranda, que foi o último editor do *Correio dos Ferroviários*, ao referir-se ao periódico, cita-o como o “excelente “*Correio dos Ferroviários*” (*house-organ* cuja publicação foi interrompida há dois anos)”. Portanto, na concepção desse jornalista, o periódico era um órgão interno de comunicação.

revista, com uma miscelânea de conteúdos típica das revistas de variedades tenha sido uma forma, inclusive, de não associar a imagem da revista à imprensa operária, que no senso comum poderia remeter aos “subversivos”, grevistas, baderneiros, adotando estética e estilo muito diferentes¹⁸. Além da inspiração estética, também havia aproximação no modelo de gestão: a receita do periódico era proveniente de anúncios publicitários e assinaturas de leitores.

Maria Nazareth Ferreira (1988), ao tratar das definições para imprensa operária, sinaliza que é uma tarefa mais complexa do que situá-la entre dois polos. Além de considerar o emissor, o receptor e a mensagem emitida, outros fatores devem ser levados em conta para conceituá-la. Como exemplo, Ferreira cita as publicações que não são redigidas por operários e operárias, mas se destinam a esse público, ou ainda os periódicos com abordagem de temáticas e/ou reivindicações operárias sem operários e operárias em sua produção, destacando que apesar dos diversos formatos ou procedências, “o que resulta de significativo na existência da imprensa operária é o fato de que ela estará sempre ligada a alguma forma de organização da classe trabalhadora (...) circulando de maneira diferente da imprensa burguesa, ou grande imprensa” (Ferreira, 1988, p.6). Nesse sentido, percebe-se que o periódico deve ser analisado a partir de suas características e contexto de produção, evitando enquadrá-la em esquemas estáticos ou categorias generalizantes, pois “por muito útil que sejam, não prescindem da caracterização específica construída a partir do próprio corpo-documental selecionado, das funções autoatribuídas, em articulação constante com a sociedade, o tempo e o espaço no qual a fonte se insere” (Luca, 2005, p. 131-132).

O contexto sócio-histórico em que emerge a revista remete a um período de rupturas e transformações que teve impactos significativos nas relações de trabalho. O Governo Vargas (1930-1945), como abordamos anteriormente, teve nas políticas trabalhistas e na relação estabelecida com os trabalhadores uma das bases de seu governo. No projeto corporativista de Vargas, em que o Estado mediava as relações

¹⁸ Martins (2008), ao analisar as revistas surgidas em São Paulo entre 1890 e 1922, explica que havia predominância de jornais em detrimento de revistas operárias, pois os jornais apresentavam vantagens ao atender os objetivos de propaganda ideológica e não-publicitária, trabalhando na clandestinidade. A produção era mais barata e era mais fácil de distribuir. Sem vistas ao lucro, seu escopo incidia sobre o jornalismo pedagógico, doutrinário e prosélito. A autora interpreta a quase ausência de revistas operárias como evidência de que esse tipo de impresso resultava de estágios capitalistas específicos, com investimentos de outra ordem, consumidores com maior poder aquisitivo e diverso quadro mental do público receptor.

entre trabalho e capital, apostava-se em uma aparente “conciliação” como forma de evitar a luta de classes.

Uma ação simbólica desse rumo tomado pelo governo foi a Lei de Sindicalização promulgada em 1931, que tornou obrigatória a unidade sindical para acesso às políticas trabalhistas instituídas pelo Estado. De acordo com Vargas, era preciso acabar com “a falsa impressão de serem os sindicatos órgãos de luta, quando, realmente, o são de defesa e colaboração dos fatores capital e trabalho com o poder público” (Vargas *apud* Ostos, 2009, p. 43). O governo varguista enfatizava, inclusive, uma função educativa a ser exercida pelos sindicatos.

Além das políticas trabalhistas, Vargas, apoiado por intelectuais, cientistas e políticos, defendeu a necessidade de formação de trabalhadores, adequando-os às necessidades dos novos tempos:

Assim, a condição primeira para a inserção do indivíduo na nova ordem social era o trabalho. O discurso oficial procurava criar em torno da atividade laboral ideias e valores positivos. A disciplina e o compromisso com o trabalho eram associados à própria noção de dignidade humana; somente através do desempenho de uma ocupação produtiva o indivíduo poderia alcançar o respeito da comunidade e desfrutar dos benefícios sociais “oferecidos” pelo Estado. Fortalece-se uma nova ética laboral, que almejava criar entre os brasileiros uma cultura da produtividade (Ostos, 2009, p. 42).

São esses sentidos que embasam o projeto da revista para os ferroviários e ferroviárias da RVPSC. O *Correio dos Ferroviários* tem ares de uma revista de classe, mas trata-se de um órgão da empresa. Embora tenha envolvido membros da própria comunidade ferroviária em todas as fases de sua produção e tenha enfatizado ser uma revista em benefício dos trabalhadores ferroviários, uma análise do conteúdo nos conduz a questionar essa posição. Alinhadas com a direção da RVPSC e, por conseguinte, com o governo, as proposições apresentadas na revista eram formuladas a partir dessa perspectiva. Assim, percebemos mais um uso estratégico da revista, do que tático. É inegável que a revista também era utilizada por grupos de ferroviários como meio de reivindicar direitos, porém, priorizando o convencimento sobre a oposição explícita, refletindo a preferência dos ferroviários por evitar conflitos diretos e utilizar abordagens mais sutis.

Um exemplo é a forma como a greve de outubro de 1934 foi abordada no periódico. Em 1934 ocorreu a maior greve até aquele momento no Paraná, quando mais de 7.000 ferroviários e ferroviárias da RVPSC paralisaram suas atividades tendo

como principal reivindicação o aumento salarial. Na edição de dezembro de 1934 do *Correio dos Ferroviários* a greve é abordada em uma única página, com o título “Trabalho e Disciplina”, em texto que minimiza a paralisação e destaca a atuação dos dirigentes do Estado e do Governo Federal na resolução. O texto destaca que “O Correio dos Ferroviários, na sua orientação que deseja ser construtora, dentro da ordem, trabalho e disciplina, não pode deixar de lançar um veemente apelo a todos os colegas ferroviários”. O apelo se dirige aos ferroviários e ferroviárias que se deixavam levar pelo “canto de sereia dos pescadores de águas turvas”, em referência aos organizadores da greve.

Monteiro (2007) explica que na RVPSC havia ferroviários de distintas vertentes ideológicas e que atuavam politicamente de diferentes formas. Alguns dos que se envolviam nos movimentos de trabalhadores, nos sindicatos e greves, também participavam de partidos e movimentos políticos da época:

Os militantes ligados diretamente às organizações políticas, como o Partido Comunista do Brasil (PCB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), também tiveram um papel de vanguarda na greve de 1934, articulando as insatisfações gerais dos trabalhadores a um discurso político com objetivos esclarecidos e estratégias de luta (organização em sindicatos, propaganda panfletária, assembleias, greves, etc). No inquérito administrativo realizado um mês após o fim da greve, os principais acusados como responsáveis e culpados pela paralisação eram, em sua maioria, militantes comunistas. Neste inquérito, foram punidos treze ferroviários: oito seriam presos um ano depois (Monteiro, 2007, p. 20-21).

No periódico, essa pluralidade de posicionamentos, as articulações políticas de diferentes líderes e a complexidade do processo de organização de uma greve de grandes proporções são elementos estrategicamente apagados, e o tom da notícia é de “baderneiros x trabalhadores”.

Outro ponto a ser considerado é que apesar dos esforços e discursos oficiais de Vargas dirigidos aos trabalhadores e trabalhadoras enfatizarem valores como “ordem e conciliação”, com vistas a desarticular os enfrentamentos da luta de classes, ainda assim, ferroviários/as paranaenses organizaram uma greve de grandes proporções. Nesse sentido, é possível afirmar que os trabalhadores/as tinham uma forte consciência deles como classe social, faziam uso da experiência de luta acumulada ao longo dos anos e sabiam usar os discursos oficiais a seu favor - a greve de 1934 teve entre suas principais motivações que os direitos “concedidos” por Vargas fossem aplicados.

O atraso na efetivação desses direitos também indica que apesar de o governo sustentar a ideia de uma relação justa entre patrões e trabalhadores, mediada por um juiz neutro, o Estado, os patrões mantinham vantagem em relação aos trabalhadores e trabalhadoras. Nas cartas de trabalhadores enviadas ao então presidente Vargas com a cobrança pela efetivação de leis e denúncias, essa realidade se evidencia (Wolfe, 1994).

No cotidiano da RVPSC, assim como em outras empresas ferroviárias era aplicado um modelo racionalista de trabalho em que a disciplina era imprimida nas relações por meio de diferentes estratégias, como a aplicação de formulários de avaliação preenchidos por chefias e que poderiam resultar em punições ou em premiações. As estratégias de controle e disciplina eram estabelecidas por meio de portarias e regimentos, o que tornava as ações mais impessoais e científicas. “Através desses regulamentos, a RVPSC objetivava o controle de seus funcionários, exigindo deles acatamento e disciplina à hierarquia” (Petuba; Silgre, 2008, p. 112). Nesse processo de controle, havia a idealização do “bom ferroviário”, conforme mostram os inúmeros textos no periódico que indicam qual deveria ser a postura do ferroviário exemplar, assim como condenam as atitudes que não condizem com esse modelo. Percebe-se, então, que o alardeado processo de “instrução e educação” desenvolvido no *Correio dos Ferroviários* complementava práticas de disciplinarização do cotidiano de trabalho.

Na edição de fevereiro de 1934, Evaldo Kruger, ex-inspetor geral de locomoção, aposentado, detalhava comportamentos condenáveis de alguns funcionários como forma de alerta do que deveria ser evitado:

O abuso do álcool, como o uso do cachimbo pelos maquinistas que conduzem trens de cargas e passageiros, oferece ainda maior perigo à segurança destes trens do que trechos de linha, onde abundam dormente podres. Muitos desastres ocorreram com trens cujos maquinistas se achavam alcoolizados. O uso do fumo pelos maquinistas e seus foguistas, durante o serviço da carreira, é outro grande mal. [...] Quando assumi a Chefia Geral da Locomoção, em Curitiba, tive a mágoa de ver um elevado número de homens da tração abusarem do álcool e o uso do cachimbo pelos maquinistas e pelos foguistas era coisa comum. Naturalmente, tive que aplicar severas medidas para normalizar essas coisas [...]. (*Correio dos Ferroviários*, ano 1, n. 5, 1934, p. 148).

No relato de Evaldo, ele associa o alcoolismo e uso do fumo principalmente ao baixo desempenho no trabalho, porém, a maior parte dos textos sobre vícios na revista

os associam a questões morais e à “degeneração da raça”. Em texto publicado em março de 1934, Daily Wambier argumenta sobre os malefícios do álcool recorrendo às palavras do “eminente brasileiro professor Miguel Couto”, reproduzindo parte de uma conferência de Couto na Associação Brasileira de Educação em 1927, em que afirmara que:

O álcool é o maior agente de degeneração do indivíduo e da raça; a todos os tecidos ataca e a todos degenera; mas se um aparelho da economia se tivesse de designar como o preferido para as suas devastações, seria o sistema nervoso [...] A progênie dos alcoólicos é uma progênie de alcoólicos, com os estigmas de degeneração psíquica e somática, a germinar, a seu turno, degenerados de toda sorte. É a família alcoólica dos bebedores, com os seus epiléticos, imbecis, loucos, deformados e monstros. A bebedoria dos pais prologa-se nos filhos através dos óvulos; pais bêbados, filhos bebedores, netos criminosos, nas suas representações sociais – a amoralidade, a malignidade, a brutalidade, a perversidade, a instabilidade, a vagabundagem, as impulsões ao roubo, ao incêndio, às fugas, ao homicídio, ao suicídio; e, ainda, como corolários, a pobreza, a fome, os maus tratos, a indiferença, o desasseio, a supermortalidade infantil [...] (Correio dos Ferrovários, ano 1, n. 6, 1934, p. 204).

Miguel Couto, a quem Daily Wambier cita em seu texto, foi um médico brasileiro que contribuiu para a disseminação das ideias eugênicas no Brasil¹⁹ após a Primeira Guerra Mundial. No discurso eugênico, associações entre pobreza, vícios e condutas degeneradas eram constantes e foram reproduzidas por meio de discursos de médicos, educadores, cientistas e intelectuais, em congressos, cartilhas, instituições, imprensa, subsidiando políticas que enfocavam principalmente famílias pobres e de trabalhadores e trabalhadoras.

No *Correio dos Ferrovários*, menções aos discursos eugenistas aparecem em colunas de convidados e convidadas para tratar sobre temas relacionados à saúde, como médicos. Mas também em outras seções, como a esportiva, que em sua estreia ressaltou que “um jornal ou uma revista qualquer, no vertiginoso século que atravessamos, jamais poderia prescindir de uma seção esportiva, dedicada à mocidade e destinada a bater-se pelos sãos princípios do esportismo, nessa

¹⁹ A eugenia emergiu no início do século XX como um movimento científico e social fortemente associado às teorias raciais e evolutivas em voga no período, sobretudo aquelas relacionadas ao racismo científico e ao darwinismo social. Em tempos de expansão do imperialismo europeu e das ideologias nacionalistas, as teorias eugênicas consolidavam a crença na existência de raças superiores e inferiores e na possibilidade de empregar a ciência e a técnica para eliminar as imperfeições humanas e apressar o processo de evolução biológica das futuras gerações. Nascida na Inglaterra no final do século XIX, a eugenia rapidamente se disseminou pelo mundo, formando, nas primeiras décadas do século XX, um movimento que contou com a audiência de estadistas, médicos, cientistas e intelectuais de diferentes nacionalidades e orientações políticas e ideológicas (Adams, 1990 *apud* Souza, 2022).

extraordinária cruzada de apuração étnica da raça” (Correio dos Ferroviários, 1933, n. 1, ano 1, p. 18).

A relevância que a ciência adquiriu desde os fins do século XIX fica aparente na revista. Quando um ferroviário ou ferroviária escrevia e queria dar credibilidade a certas ideias, citava a ciência e/ou cientistas e intelectuais de referência em suas áreas. Nos textos escritos por ferroviários/as na revista, as apropriações de ideias circulantes no meio científico e intelectual são alocadas nos textos a partir de interesses e configurações de um contexto específico, não necessariamente comprometido com a discussão científica, mas que se apropria dela para atingir seus objetivos. Nesse sentido, cabe lembrar que as apropriações configuram os diferentes processos através dos quais “é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação” (Chartier, 1990, p. 24).

Nas páginas da revista, apreendemos que o “bom ferroviário” era disciplinado, ordeiro, cultivava valores religiosos, não bebia, não fumava, cuidava da saúde, era anticomunistas e contribuía por meio de sua conduta exemplar como trabalhador, marido e pai para o engrandecimento da nação. Na edição de março de 1936, o texto “O empregado modelar” destaca as qualidades desse trabalhador como “aquele que dá perfeito e integral cumprimento às ordens que recebe; que não reclama aumento de salários; que não reclama excesso de trabalhos, que não critica os atos, sejam eles quais forem, da Administração [...]” (Correio dos Ferroviários, ano 3, n. 1, 1936).

Essas mensagens alcançavam toda a família dos ferroviários por meio da revista. Dessa forma, os homens deparavam-se com modelos a seguir e também com expectativas sobre o comportamento das mulheres exemplares, e vice-versa.

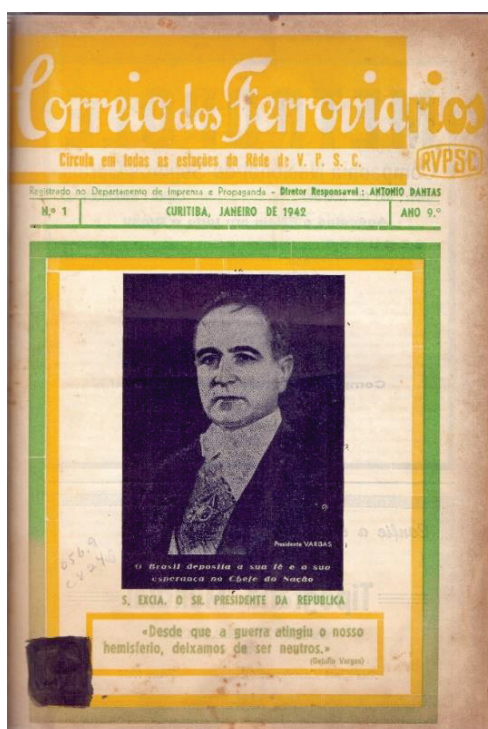
Na edição publicada em janeiro de 1942, a capa da revista estampa a imagem de Getúlio Vargas com o título e arte nas cores da bandeira do Brasil e a inscrição “O Brasil deposita a sua fé e a sua esperança no Chefe da Nação”. A revista dedica algumas páginas para tratar de temas relacionados à Segunda Guerra demonstrando apoio às ações do governo.²⁰ As menções ao presidente na revista aconteciam por meio de agradecimentos, elogios ou representações como essa da capa. Embora essas menções constituíssem uma forma de propaganda do governo, também funcionavam como via de mão dupla (nas devidas proporções), pois poderiam facilitar

²⁰ Em meio às tensões da Segunda Guerra Mundial, o ano de 1942 foi marcado pelas crescentes pressões para que o Brasil assumisse uma posição. Após uma série de acontecimentos, em agosto de 1942 o Brasil finalmente declarou apoio aos países Aliados.

o acesso dos ferroviários a eventuais solicitações ao estabelecer boa relação com o governo e dirigentes. Essa é outra função aparente da revista.

Na edição de janeiro de 1942, o texto “Uma vitória do Correio dos Ferroviários” informa que o sr. Lourival Fontes, “muito digno Diretor Geral do Departamento de Imprensa e Propaganda”, enviou telegrama ao diretor do Correio dos Ferroviários, sr. Antonio Dantas, informando que autorizou na Alfândega de Paranaguá a retirada de papel pelo diretor, bem como adquirir o saldo da “Gazeta *Polska*”. Uma foto de Fontes acompanha a notícia, maior do que a própria nota informativa. A falta de papel para a imprensa em geral era um problema sério nessa época. Assim, percebe-se que a revista gozava de boa reputação com o governo da época, indicando o sucesso de suas estratégias e boa aceitação por parte do governo de seu conteúdo.

Figura 1 – Capa da Revista Correio dos Ferroviários



Fonte: Revista Correio dos Ferroviários, n. 1, ano 9, janeiro de 1942.

Figura 2 – Notícia “Uma Vitória do Correio dos Ferroviários”



Fonte: Revista Correio dos Ferroviários, n. 1, ano 9, janeiro de 1942.

Ainda na edição de janeiro de 1942, meia página é dedicada a um texto de agradecimento ao superintendente da Rede, o Cel. Durival de Britto, pelos representantes da Associação 26 de Outubro, dos ferroviários de Ponta Grossa (Paraná). A outra metade da página apresenta duas imagens fotográficas: a primeira representa o Cel. Costa Neto, diretor do acervo da E.F São Paulo-Rio Grande; na outra aparece Manoel Ribas, interventor do Estado do Paraná, na época²¹. As duas imagens preenchem espaços, sem nenhum texto explicativo ou referência às figuras. Assim, a estratégia de tecer elogios aos dirigentes e figuras políticas acontecia não apenas em relação ao governo Vargas, mas também em relação ao contexto local – o superintendente, o diretor, o interventor.

No editorial da primeira edição da revista, o projeto é apresentado como “uma missão a cumprir”, cujo objetivo primordial é a elevação moral e material da grande classe. Justifica-se a necessidade do projeto enfatizando a irrelevância dos ferroviários paranaenses no cenário nacional, em que “problemas de grande relevância se resolvem à nossa revelia”. O caminho para as próximas conquistas,

²¹ Manoel Ferreira Ribas foi interventor do Paraná por treze anos (1932-1945). Foi nomeado por Vargas em 1932, após renúncia de Mario Tourinho, e além da confiança de Vargas, tinha apoio dos ferroviários – foi um dos organizadores da Cooperativa dos Empregados da Viação Férrea gaúcha quando trabalhou na Viação Férrea São Paulo-Rio Grande (Oliveira, 1997).

segundo a publicação, requer que cada um seja produtivo, “sem veleidades egoísticas na cooperação leal da organização geral” (*Correio dos Ferroviários*, ano 1, n. 1, 1933). Ao folhearmos a revista, encontra-se o depoimento do superintendente na época, o Dr. Hermelindo de Barros Lins, prestando apoio ao empreendimento:

Elemento de instrução e educação, que, acompanhando os trilhos da estrada, levará a todos os rincões por ela servidos notícias de tudo e de todas as partes concorrendo grandemente para o desenvolvimento intelectual dos ferroviários, tendo naturalmente, da parte destes, franca aceitação e todo apoio da parte daqueles a quem incumbe, por maiores responsabilidades, conduzir a Rêde para a grandeza que ela pode e deve atingir (*Correio dos Ferroviários*, ano 1, n. 1, 1933, p. 12).

Na posição mais alta na hierarquia da RVPSC naquele momento, o apoio do superintendente evidencia que o *Correio dos Ferroviários*, de fato, não representava ameaça. Durante o percurso da revista, há diversos textos fazendo elogios sobre a conduta de Lins e dos outros superintendentes da RVPSC, com a publicação de fotografias e algumas capas que os retratam como figuras importantes e bem-sucedidas em sua função. Assim, é provável que o apoio dos dirigentes estivesse atrelado à possibilidade de realizar autopromoção na revista como forma de aumentar o prestígio entre os ferroviários e entre os dirigentes políticos.

Na edição de setembro de 1935, comemorativa de dois anos do periódico, há uma reflexão no edital da revista avaliando essa pequena trajetória, até então. Sem assinatura de um autor específico, representa a opinião da equipe da revista:

Os nossos objetivos ainda estão longe de ser alcançados; com dolorosa surpresa vemos à margem do caminho alguns descontentes: não aqueles que no aconchego sagrado do lar ou esquecidos nas inóspitas regiões onde trabalham, nos recebem com alegria e nos tributam o calor de seus incentivos, mas os eternos agitadores, procurando a cada dia ensandecer a consciência alheia, tanto para os assomos de revolta e malquerença, como para a greve branca dos despeitados e vencidos (*Correio dos Ferroviários*, ano 2, n. 12, setembro de 1935, n.p.).

Neste período, o país estava próximo de presenciar a Intentona Comunista (novembro de 1935) e aproximava-se o início do Estado Novo. As tensões políticas se acirravam e, conforme nos indica o trecho reproduzido, as mobilizações continuavam acontecendo na RVPSC, apesar dos esforços da empresa em desmobilizar os movimentos dos/as trabalhadores/as ferroviários/as. Embora a revista

evite falar abertamente dos conflitos internos e cultive uma imagem de harmonia entre os ferroviários/as, faz menções a esses conflitos e sujeitos em vários momentos, mas sem citar nomes.

Ao abordar temas como comunismo e socialismo, não havia muito cuidado com a fonte das informações. Na edição de fevereiro de 1937, o periódico publicou um texto intitulado “A Cultura Geral na Rússia”, com informações “colhidas na própria imprensa soviética”, sem explicar como, contando que nas escolas russas a pedagogia era baseada em violência, e cita um episódio em que os alunos reclamaram do tratamento e bombeiros foram chamados para “regar as pobres crianças com água gelada, antes que fossem conscienciosamente surradas”. Cita exemplos de estudantes e professores que não sabem responder perguntas básicas de conhecimentos gerais e segue relatando fatos que representam os horrores e decadência da vida na Rússia. (Correio dos Ferroviários, ano 4, n. 5, fev. 1937, p. 197).

Entre 1935 e 1937 foram publicados diversos textos neste estilo sob a justificativa de que havia a tentativa de instauração de núcleos comunistas no Brasil e, por isso, os leitores deveriam saber como é um país comunista. Em novembro de 1937, após a alegação da descoberta do suposto “Plano *Cohen*” para a tomada do poder pelos comunistas, foi instaurada a ditadura. O conteúdo anticomunista se intensifica na revista no momento em que representam ameaça ao poder. Entre 1935 e 1937, a revista também publicou a seção “Notícias da Alemanha” em que explicava o modo de vida naquele país, enaltecendo seus feitos e administração, contrastando com a visão sobre a Rússia. Também se percebe que se no início da revista as “críticas” ao governo Vargas, apesar de raras, apareciam, à medida que se aproxima de 1937, elas somem.

3.1 Correio dos ferroviários: projeto gráfico e editorial

A análise dos periódicos, considerando o conjunto e não apenas o conteúdo, proporciona uma visão mais ampla e profunda dos objetivos e estratégias de seus produtores. Assim, a apresentação material e tipográfica, bem como o suporte, são elementos essenciais nas pesquisas historiográficas sobre periódicos. “A estrutura interna também é dotada de historicidade, e as alterações aí observadas resultam de

complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidades sociais” (Luca, 2011, p. 2).

Nesse sentido, procuramos aqui observar aspectos da apresentação e organização da revista com vistas a compreendê-la enquanto um projeto que se afirma e concretiza por meio de seu conteúdo textual, mas também da configuração gráfica e estética de seu suporte.

Como mencionado, o periódico se dividiu em duas fases principais: de 1933 a 1946, quando se mantinha com recursos de publicidade e assinaturas; e de 1949 até 1973, quando contou com apoio financeiro da RVPSC como principal fonte, além de assinaturas e eventuais publicidades.

Tabela 1 – Fases da revista, diretores e formas de financiamento

Períodos		Diretor	Gerente	Formas de financiamento da revista
FASE 1	Outubro de 1933 a setembro de 1938	Raul Carvalho	Antônio Dantas	Publicidade e assinaturas
	Outubro de 1938 a Dezembro de 1946	Antônio Dantas	Sem gerente	1938 a dezembro de 1946: publicidade e assinaturas
	Janeiro de 1947 a setembro de 1949	xxxxx	xxxxxx	Sem publicações por falta de verba
FASE 2	Outubro de 1949 a agosto de 1952	Antônio Dantas	Sem gerente	Apoio financeiro da RVPSC, assinaturas e publicidade
	Setembro de 1952 a 1961	Nilo Brandão	Sem gerente	
	1961 a 1974	Denisar Zanello Miranda	Sem gerente	

Fonte: Revista Correio dos Ferroviários (1933-1946/1949-1974).

Essa pesquisa concentra-se na primeira fase da revista, período marcado pela passagem de dois diretores, conforme indica o quadro acima. Essa fase é importante porque é quando o projeto da revista é criado e instituído. Mesmo na segunda fase, quando a direção é assumida por Nilo Brandão após o falecimento de Antonio Dantas, boa parte dos aspectos gráficos e editoriais desenvolvidos na primeira fase são mantidos.

Figura 3 – Capa e expediente da primeira edição do *Correio dos Ferroviários*



Fonte: Revista *Correio dos Ferroviários*, ano 1, n. 1, outubro de 1933.

O primeiro fascículo do mensário foi lançado em outubro de 1933 com tiragem de 2000 exemplares. Publicado em formato de livreto, conta com 51 páginas impressas em papel de imprensa de baixa gramatura. As cores limitam-se à capa e lhe conferem ares de elegância e modernidade em uma composição gráfica composta por ilustrações, pelo título desenhado no topo da página e uma fotografia no centro, em destaque, com a imagem da Estação de Ponta Grossa (Paraná). Nos números seguintes, a revista deixa de apresentar a informação sobre a tiragem da revista, o que torna mais difícil acompanhar seu alcance ao longo do tempo.

O número de páginas durante a primeira fase teve variações importantes. Considerando os 97 fascículos da primeira fase a que tivemos acesso, o número médio de páginas variou entre 30 e 76, sem considerar as edições especiais de aniversário que apresentavam mais páginas que a média. Na maior parte das edições da primeira fase a revista teve média de 60 páginas. Nos períodos próximos da Segunda Guerra Mundial a revista teve a menor média de páginas devido às dificuldades para adquirir papel em meio à crise econômica.

Não consta na capa, contracapa ou sumário o nome da gráfica em que o mensário era impresso. No entanto, na edição comemorativa de um ano da revista, lançada em setembro de 1934, um texto assinado pelo colaborador “Jota” (pseudônimo) agradece aos responsáveis pelo processo de composição e impressão da revista nas oficinas “da conhecida e conceituada Livraria Mundial”. Três fotos ilustram o texto, representando a equipe de trabalhadores da oficina, a seção de obras, composição e impressão, e a seção de pautação e brochura. A Livraria Mundial esteve entre os principais anunciantes da revista durante boa parte de sua trajetória.

Figura 4 – Fotografias das oficinas da Livraria Mundial (Curitiba - Paraná) na década de 1930





Fonte: Revista Correio dos Ferroviários, ano 1, n. 12, setembro de 1934, p. 505-509.

No sumário, o periódico indicava a tiragem mensal e informava o endereço da redação. Em destaque, o nome do primeiro diretor da revista, Raul Carvalho, dos redatores, Francisco Guimarães e Antonio Gomes, e do gerente, Antonio Dantas. A primeira edição apresenta uma longa lista de colaboradores e correspondentes e suas respectivas cidades de origem, o que não se repete nos números seguintes. Essa pode ter sido uma estratégia para reforçar a intenção da revista de ser um mensário para todos os ferroviários/as da RVPSC, que se espalhavam em diferentes cidades entre Paraná e Santa Catarina e, assim, conquistar leitores/as das diferentes localidades.

Sobre a escolha da cidade de Curitiba como sede da redação da revista, podemos citar alguns fatores de relevância para essa escolha, como a localização dos escritórios da administração, maior número de possíveis anunciantes, visto que a publicidade era essencial para a manutenção da revista e o núcleo de origem dos diretores e principais redatores.

A primeira edição contou com a publicação de diversas imagens fotográficas que complementam os textos. Embora nos anos 1930 a tecnologia do setor gráfico tivesse avançado e permitisse maiores tiragens a preços mais baixos do que no início do século, ainda assim, é possível supor que houve um investimento financeiro relevante, pois, a impressão de imagens fotográficas costumava encarecer a produção dos impressos. Por tratar-se do primeiro fascículo, um maior investimento faria sentido, o que também explicaria o volume de publicidade.

A escolha da imagem de Ponta Grossa (Paraná) para ilustrar a primeira capa deve-se à importância estratégica da cidade, devido à sua localização e extensa rede ferroviária. Ponta Grossa era um ponto de ligação entre o sul e o sudeste do Brasil, sendo cortada pela Estrada de Ferro do Paraná e pela Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Além disso, o número considerável de trabalhadores na cidade representava potenciais leitores e financiadores do projeto da revista.

As seções e a estética da revista lembram as revistas de variedades que começaram a circular no Brasil ainda no final do século XIX e tornaram-se populares a partir do início do século XX, enriquecendo seu conteúdo imagético à medida que os avanços tecnológicos permitiam. Com suas ilustrações, fotos e *clichés* atraindo os olhares, as revistas ilustradas representavam o campo da distração, prazer e sedução dos impressos, para as quais alguns torciam o nariz, acusando-as de espaço de frivolidades. Ana Luiza Martins explica sobre as revistas ilustradas que:

[...] de variedades, praticamente todas o eram, ainda que agrícolas, esportivas ou femininas e tantas, pois em seu interior os assuntos e as seções se diversificavam para agradar ao respectivo público-alvo e aquele que ainda poderia conquistar; ilustradas, nem todas, fosse pela exigência de recursos mais elevados, ou conhecimento técnico específico. No geral, contudo, a produção se valeu do uso da imagem, na sua maioria sob tratamento fotoquímico (Martins, 2008, p. 276).

É importante frisar que, apesar da inspiração nas revistas ilustradas de variedades, o *Correio* utilizava ilustrações e imagens de acordo com suas limitações. O uso dessas imagens não era muito regular, possivelmente porque aumentava os custos de impressão, encarecendo a revista.

3.1.1 As Capas do *Correio dos Ferroviários* durante a 1ª fase

As capas²² mantiveram uma estrutura consistente que ajudou a estabelecer a identidade visual da revista. No topo da página, o cabeçalho continha o título da revista, a numeração e a data, enquanto uma imagem em destaque ocupava o centro da capa. Na maioria das edições, essa imagem era uma fotografia. Em algumas edições, a capa apresentava uma composição de fotografias, mas a fotografia única foi o padrão recorrente. Predominaram fotografias com enquadramento horizontal,

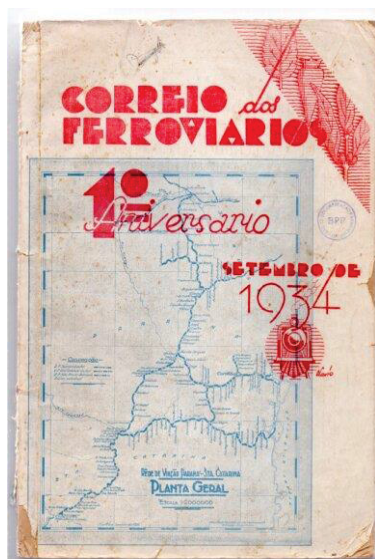
²² Tivemos acesso a um conjunto de 92 capas da primeira fase do *Correio dos Ferroviários*.

remetendo ao estilo das pinturas. O periódico também publicou ilustrações na capa, tanto como complemento às fotografias quanto como elemento único.

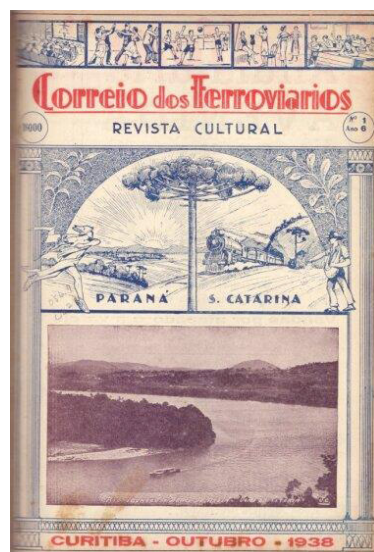
As mudanças realizadas no conjunto de capas ao longo de sua primeira fase não foram significativas o suficiente para modificar o padrão da identidade visual. As principais mudanças no *layout* da capa foram observadas na arte do cabeçalho, com alteração no estilo gráfico das letras do título, no posicionamento do título na página, nas molduras, vinhetas e combinações de cores. Também houve mudanças nas informações contidas no cabeçalho ao longo do período analisado. Até setembro de 1934 percebemos maiores alterações no *layout*, indicando um período de experimentações e construção da identidade visual nos anos iniciais. Abaixo, na Imagem 5, apresentamos as capas da primeira fase da revista em que as principais alterações foram notadas.

Figura 5 – Principais alterações gráficas nas capas na 1ª fase do Correio dos Ferroviários

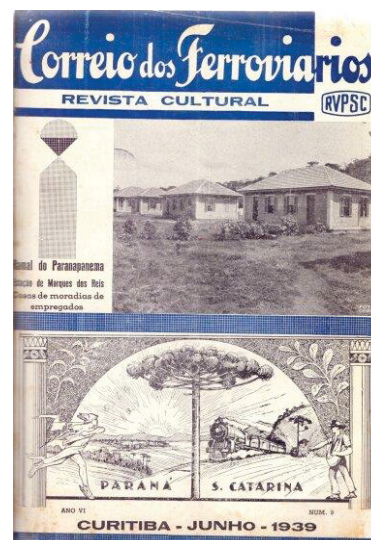




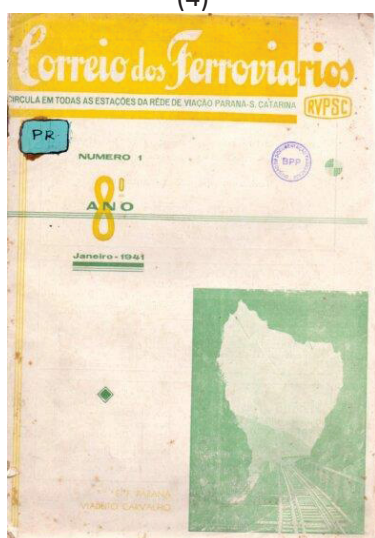
(4)



(5)



(6)



(7)



(8)

Nota: (1) Capa da revista Correio dos Ferroviários (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1933, n.2, novembro); (2) Capa da revista Correio dos Ferroviários (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1934, n.4, janeiro); (3) Capa da revista Correio dos Ferroviários (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1934, n.6, março); (4) Capa da revista Correio dos Ferroviários (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1934, n.12, setembro); (5) Capa da revista Correio dos Ferroviários (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1938, n.1, outubro); (6) Capa da revista Correio dos Ferroviários (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1939, n.9, janeiro); (7) Capa da revista Correio dos Ferroviários (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1941, n.1, janeiro); (8) Capa da revista Correio dos Ferroviários (CORREIO DOS FERROVIÁRIOS, 1946, n.11 e 12, novembro / dezembro).

Fonte: Revista Correio dos Ferroviários (1933 a 1946).

As imagens com temática ferroviária e regional ocuparam a maior parte das capas, com fotografias de trechos de estradas, imagens dos trabalhadores, paisagens naturais, ilustrações, imagens de eventos da RVPSC. As paisagens do Paraná estamparam a maior parte das capas, acompanhadas por legendas que explicavam do que se tratava a cena.

As fotografias de paisagens ferroviárias têm mais de um plano, destacando o trem, ou linha férrea, e a paisagem natural. De forma geral, a fotografia é o elemento principal e ilustrações adornam a imagem, com molduras e vinhetas.

A escolha por paisagens do Paraná, de suas estradas e obras transmite a imagem de um estado com riquezas naturais, em pleno desenvolvimento, e vai ao encontro do interesse de engrandecer a classe dos ferroviários do Paraná, além de servir como propaganda para a RVPSC e o estado do Paraná. Alguns dos autores publicados na revista participaram ou foram influenciados pelo movimento paranista²³, sendo possível notar a presença das ideias paranistas na construção da "identidade paranaense" evocada no *Correio dos Ferroviários*:

Ágeis e sutis, os intelectuais curitibanos inscritos no Movimento Paranista procuraram, nas páginas dos jornais, periódicos e revistas, mesclar artigos de uma História regional preocupada com a valorização de grandes personagens do passado, de assuntos ligados ao cotidiano da população paranaense, além da criação de toda uma simbologia (oficial e não oficial), como por exemplo, o pinheiro araucária, que, naquela época, existia em abundância em parcela significativa do território paranaense (Pereira, 1996 *apud* Myskiw, 2008, p. 6-7).

Ao fazer referências a essas ideias na revista, a tradição inventada dos paranistas já estava legitimada, de certa forma. O paranismo teve seu declínio no final da década de 1920, mas as representações construídas continuaram circulando.

Entre os autores paranistas que tiveram textos publicados no *Correio dos Ferroviários*, podemos citar Romário Martins, Dario Vellozo, Euclides Bandeira e Rodrigo Junior. Alguns, além de terem sido publicados, também foram homenageados em algumas ocasiões.

Na Imagem 6, abaixo, vale observar a arte da vinheta que apresenta elementos como o pinheiro em destaque no centro, a folha da erva mate, a paisagem do campo por onde passa o trem e a representação do sementeiro. A composição desses

²³ Tratou-se de um movimento interno e regionalista ligado à criação identitária e de configuração geográfica estadual. Além da inserção dos imigrantes vindos ao estado, tinha como principais intentos a valorização do Paraná, por meio da divulgação de suas qualidades e idealizações de uma terra para o trabalho, que rumava ao progresso, com ordem, por meio da bondade e da justiça. Foi idealizado para forjar “uma identidade [...] a partir da demarcação de limites políticos-territoriais feita pelo Estado e pelas elites do poder” (Cerri, 2008 *apud* Paula; Baranek, 2018). As concepções paranistas foram referência para “intelectuais de seu tempo (Euclides Bandeira, Dario Vellozo, Rodrigo Júnior, Theodoro de Bona, João Turim, João Zaco Paraná, João Ghelfi e Lange de Morretes), vinculados à pintura, escultura, fotografia e literatura.” (Myskiw, 2008, p. 6).

elementos entre duas colunas remete a uma história paranaense e uma identidade local. Conforme destaca Salturi (2009), esses elementos eram comuns nas capas e ilustrações do periódico *Ilustração Paranaense*, importante veículo ligado ao paranismo. Na Imagem 8, embora com menor destaque, o pinhão e o café continuam representados na vinheta da capa.

Figura 6 – Capa da Revista Correio dos Ferroviários, ano 7, n. 7, abr. 1940



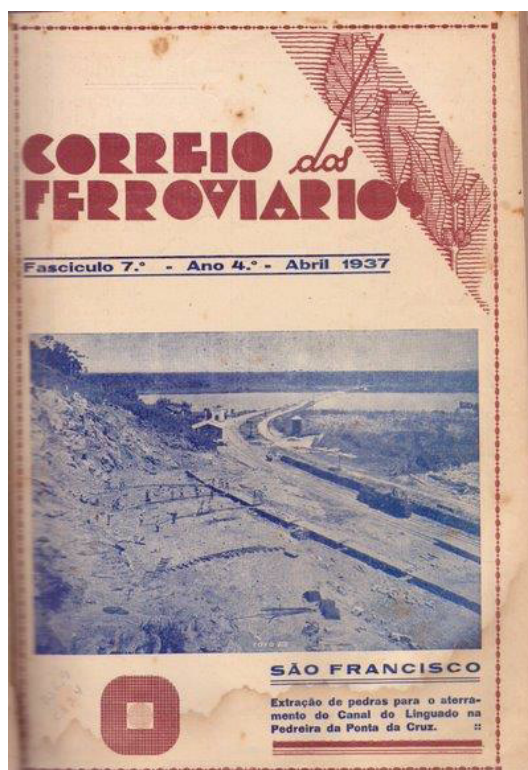
Fonte: Revista Correio dos Ferroviários (1940).

Figura 7 – Capa da Revista Correio dos Ferroviários, ano 2, n. 4, jan. 1935



Fonte: Revista Correio dos Ferroviários (1935).

Figura 8 – Capa da Revista Correio dos Ferroviários, ano 4, n. 7, abr. 1937



Fonte: Revista Correio dos Ferroviários, ano 4, n. 7, abril de 1937.

Figura 9 – Capa da Revista Correio dos Ferroviários, ano 12, n. 1, jan. 1945



Fonte: Revista Correio dos Ferroviários, ano 12, n. 1, jan. 1945

Na imagem 7, a capa da edição de janeiro de 1935 apresenta uma fotografia de trabalhadores atuando na linha Itararé-Uruguaí. Fotografias dos trabalhadores da manutenção e trilhos apareceram 12 vezes nas capas analisadas. Em comparação aos diretores da RVPSC, que apareceram 7 vezes, é um número expressivo. Porém, quando os trabalhadores aparecem, estão em cenas de trabalho e não são identificados individualmente, como é o caso dos diretores da RVPSC quando estampavam as capas, resultando em efeitos diferentes.

As cenas dos trabalhadores, como essa da Imagem 7, apesar de retratarem os ferroviários no local de trabalho, apresentam elementos que denotam um planejamento da cena, como o posicionamento dos trabalhadores, bem como o olhar direcionado ao fotógrafo. Essas imagens serviam para representar a força de trabalho da RVPSC de maneira idealizada, enfatizando a disciplina, a diligência e a competência dos funcionários. Além disso, permitiam a inclusão de elementos simbólicos que reforçam valores como colaboração, esforço e desenvolvimento econômico, alinhando-se às mensagens que a revista e a empresa desejavam transmitir.

Mesmo em uma ilustração futurista da rua XV de Novembro, em Curitiba (Paraná), conforme representada na imagem 9, a mensagem de avanço e desenvolvimento é evidente. A cena retrata muitos prédios e automóveis na rua, simbolizando o progresso e a modernização projetados para o futuro da cidade. Essa visão de progresso está alinhada com os ideais varguistas, que enfatizavam a industrialização e a modernização como pilares do desenvolvimento nacional. A ilustração reflete essas aspirações e pode ser interpretada como uma representação visual do projeto de nação defendido por Vargas, onde o desenvolvimento urbano e tecnológico era considerado essencial para o progresso do país.

A qualidade da revista, tanto gráfica quanto do papel, começou razoável, mas deteriorou ao longo dos anos. Na edição de julho de 1945, os textos estão fragmentados e distribuídos em várias partes de diferentes páginas, com cortes bruscos na leitura, o que torna a experiência menos agradável. Essa estratégia visava otimizar o uso do espaço nas páginas. Na edição referente aos meses de novembro e dezembro de 1946, entregue com atraso, a equipe informa a pausa nas atividades e explica os motivos dos atrasos recorrentes na publicação e a queda da qualidade: a falta de papel, problema que atingiu vários órgãos de imprensa, tornava muito difícil a produção da revista.

Porém, considerando que esse período também coincide com o fim da Era Vargas (1930-1945) e que os diretores da revista se demonstravam alinhados ao governo de Vargas ao longo da trajetória do periódico, denota-se que as mudanças no cenário político nacional e regional tenham contribuído para a pausa. O texto da equipe editorial, sem assinatura de autor específico, explica que aquele encerramento é um “até breve”, e que a revista retornará anda maior, e “será produzida na capital federal”, onde “espera contar com colaboração eficiente dos amigos da Central do Brasil”:

[...] será o orgulho dos ferroviários do Brasil, cabendo ao Paraná a primazia, visto ter sido aqui fundado o seu órgão, não de reivindicações e lutas, mas de instrução e educação no seio da família ferroviária. Ele sempre foi um elemento de ligação entre a Administração da Estrada e seus abnegados servidores. Correio dos Ferroviários, com esse programa, prosseguirá, pugnando pela ordem, pelo trabalho, pela cultura, pelo engrandecimento da nossa grande Pátria” (Correio dos Ferroviários, ano 13, n. 11-12, dez de 1946, p.24).

No primeiro número a equipe já apontava para essa direção, ao indicar a irrelevância dos ferroviários locais nas decisões nacionais. Além disso, a produção da revista no Rio de Janeiro poderia significar menores custos com maior qualidade.

3.1.2 Seções, autores e colaboradores

A equipe editorial da revista era pequena, composta por ferroviários/as da RVPSC que trabalhavam no projeto fora do horário de expediente e sem remuneração. Contudo, ao longo de sua trajetória, a revista contou com diversos colaboradores/as. Parte desses colaboradores/as era do meio ferroviário, enquanto outros eram figuras da cena intelectual local.

Devido à natureza voluntária do trabalho, dividida com outras atividades profissionais, a continuidade e periodicidade das seções nem sempre foram garantidas, resultando em longos intervalos sem a publicação de determinadas seções.

Apesar dessas limitações, a revista manteve uma estrutura identificável. Para fins de análise, foi elaborada uma tabela com as seções e colunas mais frequentes (publicadas mais de três vezes) na primeira fase do *Correio dos Ferroviários*, indicando autoria, periodicidade e classificação do tipo de conteúdo:

Tabela 2 – Seções, autores e periodicidade de conteúdo na 1ª fase da revista

Tipo de conteúdo	Título da seção/coluna	Autores e Colaboradores/as	Período de publicação
Humor	Grampos e Alfinetes	Redação	Novembro de 1933 a agosto de 1939
	Caixa de Correspondência	Ferrão (pseudônimo)	Outubro de 1933 e outubro de 1938
	Bornal Charadístico	Dr. Sevla (pseudônimo)	Outubro de 1933 e dezembro de 1935
	Ditos sem Fitos	Olavio Dietsch	Novembro de 1933 e fevereiro de 1937
	Beliscos e piparotes	Redação	Novembro de 1938 e março de 1939
	Humorismos	Piolim (pseudônimo)	Agosto de 1936 e março de 1939
	Troças e Traços	Helio Barros	Junho de 1939 e outubro de 1946
	Piadas	Redação	Agosto de 1944 e janeiro de 1946
	Experimente...	Redação	Janeiro de 1945 e outubro de 1946

Continua...

Tipo de conteúdo	Título da seção/coluna	Autores e Colaboradores/as	Período de publicação
Notícias e informações (âmbito local, nacional e mundial)	O Mundo em Revista	Redação	Outubro de 1933 a junho de 1934
	Sociais	Redação	Outubro de 1933 e setembro de 1945
	Esportivas	Altino Borba / Redação	Julho de 1934 e dezembro de 1945
	Miscelânea	Redação	Junho de 1935 e janeiro de 1936
	Retalhos	Redação	Fevereiro de 1936 e dezembro de 1946
	De tudo um pouco	Redação	Abril de 1940 e outubro de 1941
	Futebol	Redação	Junho de 1944 e junho de 1945
Questões de interesse da classe ferroviária	Os interesses da Classe / Interesses da Classe	Marçalo Tissot e Redação	Outubro de 1933 a janeiro de 1943
	Associação Beneficente 26 de outubro	Redação	Maio de 1940 e abril de 1942
	Caixa de Aposentadorias e Pensões	Redação	Dezembro de 1933 a dezembro de 1942
	As Nossas Estações	Leonel O. Lima	Novembro de 1933 e julho de 1935
	Minha Página	Helio A. Camargo	Abril de 1934 e setembro de 1934
	Movimento do Pessoal	Redação	Julho de 1934 e outubro de 1946
	De Mafra / correspondente	Redação	Fevereiro de 1936 e maio de 1936
	Ponta Grossa	Correspondente	Maio de 1934 e setembro de 1938
	Rede em balanço - Galeria dos Rede...vivos	Nhô Lisandro (pseudônimo)	Fevereiro de 1939 e setembro de 1940
	O meu bilhete	Renato / Fernando	Novembro de 1937 e setembro de 1938
Literatura (contos, poesias, crônicas)	Folhas Esparsas - Lágrimas	Laiz (pseudônimo)	Abril de 1936 e outubro de 1939
Cultura, história e conhecimentos gerais	Carnaval do Dicionário	J.F (pseudônimo)	Novembro de 1933 e fevereiro de 1936
	PÁGINA INFANTIL	Il nah Secundino/ Leonor Castellano / Laiz	Setembro de 1934 e fevereiro de 1943
	PÁGINA FEMININA	Il nah Secundino/ Leonor Castellano / Semiramis / Laiz	Setembro de 1934 e dezembro de 1946
	Do Estrangeiro	Ferrão	Janeiro de 1935 e julho de 1937
	Catálogo de medalhas	Ernesto Lange	Novembro de 1935 e maio de 1937
	Notícias da Alemanha	Redação	Julho de 1935 e abril de 1937
	Notas biográficas	Daily Wambier	Janeiro de 1940 e julho de 1940

Continua...

Tipo de conteúdo	Título da seção/coluna	Autores e Colaboradores/as	Período de publicação
	Estante do Correio dos Ferroviários	Raul Gomes	Fevereiro de 1937 e agosto de 1938
	De forno e fogão	Redação	Março de 1937 e julho de 1937
	Um pouco de arte	Curt W. Freyesleben	Junho de 1944 e abril de 1946
	Cinema	Redação	Agosto de 1944 e outubro de 1946
	Horóscopo	Redação	Fevereiro de 1945 e dezembro de 1945

Fonte: Revista Correio dos Ferroviários (1933-1946).

Como é possível notar, muitas das seções não tinham a assinatura de um único autor/a, sendo elaboradas pela redação da revista. Além disso, era comum o uso de pseudônimos na assinatura de textos: poderia ser uma forma de evitar ser identificado na RVPSC por colegas e chefias, no caso de opiniões e conteúdos polêmicos, ou porque um mesmo redator(a) poderia assinar mais de uma coluna. Além disso, como a primeira fase da revista coincide com o Estado Novo (1937-1945), não se pode desconsiderar o peso da censura na época, muito embora a revista fosse alinhada ao governo.

A partir das categorias temáticas em que foram organizadas as seções para essa análise, percebe-se que houve certo equilíbrio na distribuição do conteúdo da revista, com pequena predominância das seções de “Cultura, história e conhecimentos gerais”. É importante salientar, todavia, que as seções identificadas na tabela não eram publicadas em todas as edições. Assim, a depender da época e da disponibilidade de colaboradores e textos, havia o predomínio de certos tipos de conteúdo.

Entre as seções de humor, “Caixa de Correspondência” e “Bornal Charadístico” foram as que tiveram maior durabilidade e constância. A primeira, como o próprio nome sugere, tratava-se de uma seção em que cartas de leitores eram comentadas ou respondidas por “Ferrão” (pseudônimo), que tinha respostas bem-humoradas e um tanto ácidas. As cartas dos leitores e leitoras apresentavam versos apaixonados, piadas e poesias. Já a seção “Bornal Charadístico” apresentava charadas que eram respondidas na edição seguinte. Uma das explicações para a longevidade da seção, além do apreço dos leitores, era que contribuía para “fidelizar” os leitores que

aguardavam as respostas das charadas. A seção “Ditos e Fitos” trazia charges feitas por²⁴, que deixou a revista para trabalhar em São Paulo, em outro periódico.

Durante o período em que publicou, produziu charges de humor com referências a questões políticas das esferas nacional e local. As críticas eram representações satírico-críticas amenas da política, mas se percebe que mudaram o foco para questões do cotidiano a partir de 1937, provavelmente devido à instauração do Estado Novo. Nesse período, as poucas publicações de Olavio foram textos: crônicas, textos informativos e educativos sobre arte paranaense e até um conto para crianças.

Em charge publicada em dezembro de 1933, Olavio faz referência a Assembleia Constituinte formada em dezembro de 1933 para formulação da Constituição que seria promulgada em julho de 1934. A charge critica a indiferença da população a esse processo.

Figura 10 – Charge de Olavio Dietsch no correio dos ferroviários²⁵



Fonte: Revista Correio dos Ferroviários, ano 1, n. 3, dez. 1933, p. 86.

²⁴ Durante o período em que publicou no *Correio dos Ferroviários*, entre 1933 e 1937, Olavio anunciava seu trabalho como ilustrador, também. Pelo estilo, infere-se que Olavio foi o responsável pelas artes dos cabeçalhos das seções principais da revista e das capas, contribuindo muito para criar a identidade visual da revista.

²⁵ Texto da figura 6: “- Creio que esta gente enganou-se na legenda daquela placa... Certamente deve ser VIVA A CONSTITUIÇÃO. – Que ingenuidade a tua... O nosso povo lá entende disto! Aquilo é reclame da Aspirina”

Na categoria “Notícias e Informações”, encontram-se algumas das seções mais duradouras e frequentemente publicadas da revista. A coluna “Sociais” esteve presente desde o primeiro número, raramente deixando de ser publicada. Embora sua apresentação e conteúdo tenham passado por mudanças ao longo da primeira fase, essencialmente parabenizava ferroviários e seus parentes por matrimônios, aniversários, formaturas, falecimentos, promoções no trabalho, entre outros eventos relevantes

A seção “Retalhos” também foi uma das mais publicadas, consistindo em um compilado de pequenas notícias e curiosidades de outras revistas e jornais. Nem sempre as fontes eram citadas, e algumas informações pareciam um tanto descoladas da realidade. Curiosamente, a seção “Miscelânea” seguia a mesma premissa de “Retalhos”, com um compilado de notícias de outros meios. Essas seções compartilhavam a característica de não terem um tamanho e espaço fixos, preenchendo espaços na revista.

“Folhas Esparsas”, assinada por Laiz, um dos pseudônimos da ferroviária Corina Santos, também se destacou pela perenidade. Composta por poemas e poesias de Corina e, ocasionalmente, de outros autores, abordava temas como natureza, sentimentos e amor romântico. Em alguns momentos, “Folhas Esparsas” abria a seção “Sociais”. O tamanho da seção variou bastante ao longo da primeira fase.

Havia seções que tratavam especificamente do mundo ferroviário, abordando questões como legislação trabalhista e informações relevantes para os trabalhadores da RVPSC, como promoções, mudanças de setor de trabalho e demissões. Seções como “As Nossas Estações” contavam a história das estações da RVPSC em diferentes cidades, num trabalho de recuperação da memória dos ferroviários que poderia favorecer a identidade coletiva e o senso de pertencimento a uma categoria.

O conteúdo voltado para “Cultura, história e conhecimentos gerais” era muito abrangente. Entre elas, destacam-se a “Página Feminina”, uma das seções mais longevas e frequentes da revista, e a “Página Infantil”, seções direcionadas aos familiares dos ferroviários. Entre as seções culturais, destaca-se a “Estante do Correio

dos Ferroviários”, assinada por Raul Gomes²⁶, intelectual de destaque na cena paranaense.

Além das seções fixas, a revista também era composta por textos de colaboradores/as, que poderiam ser oriundos do meio ferroviário, ou poderiam ser convidados para tratar de temas de sua especialidade, em textos opinativos, argumentativos ou informativos. A colaboração de médicos com textos educativos sobre tópicos de higiene e saúde destacou-se neste aspecto.

Os textos literários eram de ferroviários e ferroviárias, parentes e colegas de ferroviários, de autores da cena paranaense ou ainda de escritores e escritoras consagrados. Em alguns casos, os ferroviários eram atores participativos na cena intelectual ou cultural, mas mantinham-se financeiramente com o trabalho na empresa ferroviária. Embora a RVPSC estivesse em São Paulo, Paraná e Santa Catarina, houve predominância de colaboradores do Paraná. Os editores da revista estavam localizados em Curitiba, a capital do Paraná, e a seleção de autores locais, dos mesmos círculos de sociabilidade dos integrantes da equipe editorial, contribuiu para isso.

Na tabela abaixo, apresenta-se o levantamento dos autores e autoras que mais colaboraram com a revista (mais de 3 publicações) durante a primeira fase. Em alguns casos, textos já publicados em outros impressos foram divulgados na revista, em outros casos foram produzidos para publicação no *Correio*:

Tabela 3 – Colaboradores da 1ª fase do Correio dos Ferroviários²⁷

Adhemar d'Albuquerque Mello	Gabriel Fontoura	Newton Sampaio
Adolpho Werneck	Heitor Stockler	Nilo Brandão
Alba (pseudônimo)	Helio do Amaral Camargo	Nivon Weigert
Alberico Figueira	Humberto Grande	Odacir Beltrão
Aldo Fati	Ildefonso B. Cordeiro	Osvaldo Almeida Pereira
Arion Werneck	João de Curitiba (pseudônimo de Rodrigo Junior)	Pereira de Macedo
Benedito Nicolau dos Santos	Jorge Teodomiro de Souza	Raul Borges

²⁶ Nascido na cidade de Piraquara (hoje grande Curitiba), em 27 de abril de 1889, a trajetória de Raul Gomes foi marcada pela inserção em vários campos, como no magistério, mas particularmente no campo do jornalismo, donde estabeleceu interlocução com instituições culturais e intelectuais da área educacional paranaense e brasileira (Souza; Campos, 2013).

²⁷ Essa tabela não levou em conta autoras que publicavam apenas na seção feminina. Trata-se de autores publicados na revista sem vinculação em seções específicas.

Continua...

Durval Borges	José Cadilhe	Reynaldo Steudel
Eloy de Montalvão (pseudônimo de Alceu Chichorro)	Julio Rocha Xavier	Rodrigo Junior
Elvira (pseudônimo)	Laurival M. Dubard	Salim J. Chede
Emília Dantas Ribas	Luiza Steudel	
Emiliano Perneta	Mark Macielewicz	
Ernesto Lange	Mary Camargo	

Fonte: Revista Correio dos Ferroviários (1933-1946).

Entre os colaboradores e colaboradoras citados no quadro, se destacam nomes de autores como Benedito Nicolau dos Santos, Emiliano Perneta, Emília Dantas Ribas, Heitor Stockler, Newton Sampaio, Nilo Brandão, Raul Gomes e Rodrigo Junior. São algumas figuras que se tornaram conhecidas na cena intelectual ou literária do Paraná entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Vários destes autores eram membros de agremiações culturais surgidas no Paraná, com destaque para o Centro de Letras do Paraná e Academia Paranaense de Letras. Benedito Nicolau dos Santos, escritor, músico e funcionário público, era membro dessas duas agremiações e Fundador do Círculo dos Bandeirantes, Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural do Paraná, Instituto de Musicologia de Montevideu, Academia José de Alencar, Academia Brasileira de Música.

Assim como Benedito, outros colaboradores e colaboradoras do *Correio dos Ferroviários* eram membros de diversas agremiações, não só do âmbito literário. Alguns eram membros do Instituto Histórico e Geográfico, do Instituto Neo Pitagórico, por exemplo. Essas agremiações funcionavam como instâncias de legitimação local e diversas delas foram fundadas no mesmo período.

As relações estabelecidas nesses círculos culturais resultavam em parcerias que levavam a publicações nos periódicos locais, como o mensário dos ferroviários. Raul Carvalho e Antonio Dantas, os principais responsáveis pela direção do Correio em sua primeira fase, também eram jornalistas e circulavam por esses espaços. As trajetórias individuais se articulavam nessas redes de sociabilidade, onde os grupos se organizavam “a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades, que alimentam o desejo e o gosto de conviver” (Sirinelli, 2003, p. 246).

Emiliano Perneta, que teve obras publicadas na revista e foi homenageado em diversas ocasiões, já havia falecido quando a revista surgiu. O poeta simbolista é reconhecido como um dos maiores poetas paranaenses. Na década de 1930, quando

a revista *Correio dos Ferroviários* foi criada, o movimento simbolista já não estava mais em evidência, mas outros simbolistas ainda seriam publicados e homenageados no *Correio dos Ferroviários*. Infere-se que os editores da revista, em sua formação intelectual, tenham tido contato com a poesia dos simbolistas, transparecendo isso nas páginas da revista.

No início, a equipe de editores era composta pelo diretor Raul Carvalho e pelo gerente Antonio Dantas. Após alguns anos, Antonio Dantas tornou-se o único editor, assumindo a função de diretor. Havia colaboradores e apoiadores do projeto, mas Dantas, pela sua posição, tinha maior poder de decisão sobre as publicações.

É nesse sentido que se buscou conhecer aspectos de sua história e formação intelectual, porém, não foi possível encontrar muitas informações. Antonio Alberto Caetano Dantas era proveniente de uma família tradicional e numerosa da cidade de Ponta Grossa (Paraná). Era irmão de Emília Dantas Ribas, que teve textos publicados no *Correio dos Ferroviários*, e Judith Dantas, ambas mulheres que se destacaram pela atuação no magistério e na literatura paranaense. Portanto, percebe-se que o interesse pela literatura e escrita foi cultivado no âmbito familiar. Uma notícia publicada no jornal O Dia, em 24 de abril de 1946, informa que “Antonio Alberto Caetano Dantas, jornalista, diretor e proprietário do *Correio dos Ferroviários*” estava vinculando-se ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). A notícia trazia informações sobre Getúlio Vargas e as eleições locais. Dantas, portanto, mesmo em 1946, final da primeira fase do *Correio dos Ferroviários*, continuava sendo apoiador de Vargas.

Outra escritora da região de Ponta Grossa (PR) publicada no *Correio* foi Anita Philipovsky²⁸. Nome de destaque da cena literária paranaense, esteve entre as poucas escritoras com publicações fora da seção feminina da revista dos ferroviários.

Percebe-se que além dos círculos de sociabilidade dos centros e agremiações culturais e literárias, também outras relações estiveram relacionadas com as escolhas de colaboradores/as. Além da relação de parentesco entre Antonio e Emília Dantas,

²⁸ Anita Philipovsky (1886-1967) nasceu e viveu em Ponta Grossa-PR (algumas biografias registram seu ano de nascimento em 1898 e seu nome com outras variações ortográficas). Sua formação educacional realizou-se por meio de professores contratados, quase sempre estrangeiros, cabendo a eles o ensino básico, assim como o de línguas estrangeiras (alemão e francês), de artes, de música e de pintura. Fez parte do grupo das primeiras animadoras das letras femininas do Paraná, ladeada por Mariana Coelho, Mercedes Seiler, Maria da Luz Seiler, Zaida Zardo, Annette Macedo e Myrian Catta Preta. Em 1934, tentou publicar um livro de contos, mas foi rejeitado pelo editor. Contista, poetisa e romancista, desenvolveu atividade intelectual intensa no período de 1910 a 1930, colaborando assiduamente em numerosos jornais e revistas da época. Disponível em: <http://sites.uem.br/cedoc-lafep/indice-de-escritoras/letra-a/anita-philipowki>

verificou-se que Ilnah Pacheco Secundino, primeira editora da seção feminina, era filha de Otavio Secundino, conhecido jornalista da cena local.

De forma geral, as mulheres costumavam ser publicadas na seção feminina, com poucas autoras publicadas fora dela. Não aparecem na tabela aquelas que tiveram menos de 3 textos publicado, como Julia Lopes de Almeida²⁹, Eny Caldeira³⁰ e Cecília Meireles³¹.

3.2 Página feminina: elementos gráficos e editorial

Após um ano da criação do *Correio dos Ferroviários*, foi inserida uma seção feminina na revista, a “Página Feminina”, sob a direção de Ilnah Pacheco Secundino de Oliveira.³² A estreia foi na edição comemorativa³³ de um ano do mensário.

A primeira edição da "Página Feminina", sob a direção de Ilnah Pacheco, ocupou duas páginas da revista e apresentou textos curtos de viés poético, pequenas crônicas, anedotas e conteúdo sobre moda, culinária, curiosidades e horóscopo.

Ao longo da primeira fase da revista, a seção feminina passou por alterações no título e na lista de colaboradoras responsáveis pelo conteúdo. Assim como em outras seções, elas não eram remuneradas.

²⁹Julia Lopes de Almeida (1862-1934) nasceu e viveu no Rio de Janeiro-RJ, e foi importante contista, romancista, cronista, teatróloga, poeta, tradutora, jornalista, de relevo nacional.

³⁰Eny Caldeira (1916-?) nasceu em Prudentópolis-PR. Coursou a Escola Normal no Instituto de Educação do Paraná. Em 1935 iniciou sua atuação como professora primária e, em 1939, ingressou no curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (FFCLP/PR), formando-se em 1941, estudou na Europa, onde conheceu Maria Montessori e aprendeu seu método. Em retorno ao Paraná, atuou ativamente na área educacional, como professora e pesquisadora (Miguel, 2016)

³¹Cecília Meireles (1901-1964) foi poeta, escritora, professora, jornalista, pintora. Além de ter se destacado no campo da literatura, contribuiu no campo educacional, tendo sido uma das signatárias do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

³²Ilnah Pacheco Secundino de Oliveira (1913 – 2001), nasceu em Antonina (Paraná), viveu em Curitiba de 1913 a 1944, depois mudou para o Rio de Janeiro (RJ). Jornalista, poetisa, escritora e advogada. Formou-se em Direito na Universidade do Paraná em 1936. Foi promotora criminal, juíza do trabalho, atuou no Ministério da Educação, entre outras ocupações. Foi uma das fundadoras do Centro Paranaense Feminino de Cultura, instituição ainda ativa em Curitiba (Paraná).

³³ Página Feminina. *Correio dos Ferroviários*, ano 1, n. 12, setembro de 1934.

Tabela 4 – Periodicidade, título e autoria da seção feminina do Correio dos Ferroviários

De	Até	Título da Seção	Nº de publicações	Diretora da seção
setembro/1934	novembro/1938	Página Feminina	39	Ilnah Pacheco Secundino de Oliveira
dezembro/1938	janeiro/1939	Seção Feminina	2	
fevereiro/1939	fevereiro/1939	Correio Feminino	1	Redação
fevereiro/1939	agosto/1940	Correio Feminino	14	Leonor Castellano ³⁴
janeiro/1942	abril/1942	Página da Mulher	3	Semiramis (pseudônimo de Nair Cravo) ³⁵
setembro/1942 / outubro/1942	novembro/1946 / dezembro/1946	Página da Mulher	21	Laiz / Alba (pseudônimo de Corina Mazza Santos)

Fonte: Revista Correio dos Ferroviários (1933-1946).

As vinhetas do cabeçalho e dos títulos costumavam variar, mas sempre de acordo com padrões estéticos comuns para época³⁶, sem espaço para experimentações, e determinavam a identidade estética da seção. Ilustrações e fotografias também apareciam na seção, embora não fossem frequentes em todas as edições. Assim, a composição gráfica da seção não destoava da identidade da revista e nem mesmo das revistas femininas da época.

³⁴ Leonor Castellano (1899-1969) nasceu e viveu em Curitiba (Paraná). Escritora, jornalista, feminista, funcionária pública. Foi a primeira mulher a ocupar o cargo de chefe de seção da Procuradoria Geral do Paraná, em 1940. Integrou diversos centros intelectuais e agremiações culturais, tais quais o Clube Soroptimista, o Círculo de Estudos S. Agostinho, a Arregimentação Cívico Eleitoral Feminino, a Associação de Proteção à Jovem, o Centro de Letras do Paraná, o Centro Paranaense Feminino de Cultura, o Centro Cultural Euclides da Cunha de Ponta Grossa e a Academia de Letras José de Alencar.

³⁵ Nair Cravo Westphalen (1908-1988) nasceu em Curitiba-PR. Cursou a Escola Normal em Itapetininga-SP e, aos 18 anos, já de volta à capital paranaense, começou a publicar crônicas e poesias em jornais e revistas da cidade. Foi professora, prestou serviços à Secretaria Geral de Ensino de Curitiba, trabalhou no Departamento do Arquivo Público da capital. Pertenceu às seguintes instituições paranaenses: Centro de Letras do Paraná, Centro Paranaense Feminino de Cultura, Academia Feminina de Letras do Paraná (Cadeira nº 13), Academia de Letras José de Alencar, União Brasileira de Trovadores (Secção do Paraná), Pen Clube do Paraná, Associação Cristã Feminina, Clube Internacional Soroptimista de Curitiba, Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense e Sala do Poeta do Paraná. Fonte: <http://sites.uem.br/cedoc-lafep/indice-de-escritoras/letra-n/nair-cravo-westphalen>

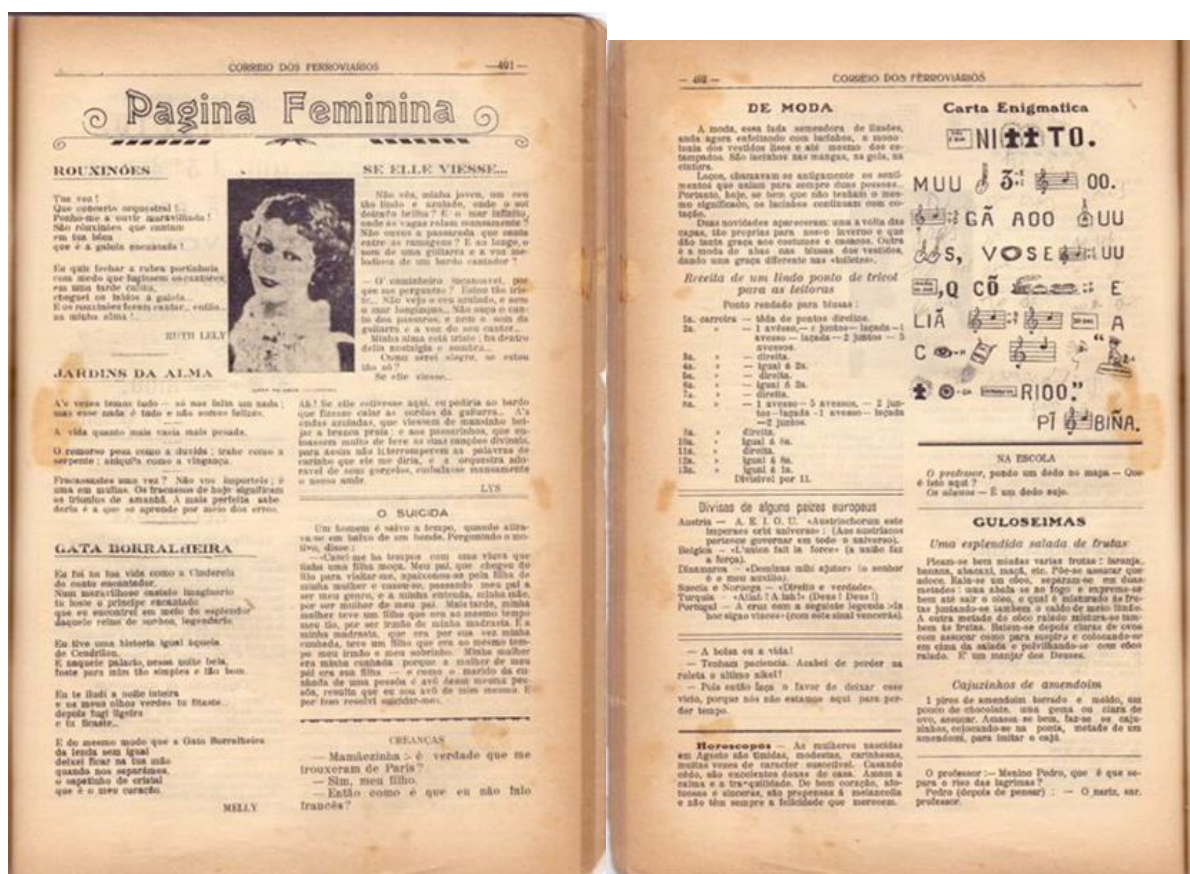
³⁶ De acordo com Pessoa (2022), a partir de 1925, o *art déco* antes restrito à França, espalha-se pelo mundo, passando a ser utilizada nas mais diversas aplicações industriais e comerciais do mundo inteiro. Nas artes gráficas brasileiras, é possível perceber a influência desse movimento nos projetos gráficos das revistas, que até o início do século era influenciado principalmente pelo *art nouveau*. No *art déco*, elementos estéticos decorativos tornam-se mais geométricos, racionais e limpos, em contraste com as linhas mais sinuosas e orgânicas do *art nouveau*. Essas influências eram percebidas em revistas de grande circulação nacional, como O Malho.

A composição gráfica da seção manteve uma estrutura semelhante durante a maior parte da primeira fase, com o cabeçalho no topo e o conteúdo distribuído em colunas.

Em algumas edições, um único texto ocupava todo o espaço, fosse ele um conto, crônica, relato de viagem, texto opinativo ou informativo, fosse pela falta de colaboradoras para a seção ou pela escolha de conteúdo que demandava mais espaço.

Nas imagens 10 e 11, abaixo, é possível perceber que entre 1934 e 1939, nos períodos de mudança na direção da seção, houve alterações no tamanho e na arte dos cabeçalhos e títulos. Além disso, a qualidade das imagens (ilustrações e fotografias) melhoraram ao longo da primeira fase, tornando-se mais nítidas.

Figura 11 – Primeira publicação da seção feminina do Correio dos Ferroviários, em 1934



Fonte: Correio dos Ferroviários, ano 1, n.12, setembro de 1934, p. 491-492.

Figura 12 – Primeira edição da seção feminina sob direção de Leonor Castellano em 1939.



Ao final da primeira fase, percebemos a influência do cinema americano na idealização estética das mulheres.

Figura 13 – Página da Mulher, sob direção de Corina Santos (1946)



Fonte: Santos, C. Página da Mulher. Revista Correio dos Ferroviários, ano 13, n. 2,3 e 4, fev./mar./abr. 1946, p.42.

3.2.1 Página Feminina: Conteúdos e Estratégias de Inserção na Revista

Quando a seção feminina foi inserida no *Correio dos Ferroviários*, a imprensa feminina³⁷ já estava estabelecida. Já existia um tipo de conteúdo e uma linguagem

³⁷ Ao comparar o desenvolvimento da imprensa feminina no Brasil com outros países, constata-se um surgimento tardio por aqui. Na Grã-Bretanha, em 1693, surgiu o *Lady's Mercury*, considerada a publicação mais antiga dessa categoria. Na França, o primeiro desses periódicos surgiu em 1758, o *Courrier de la Nouveaute, Feuille Hebdomadaire à l'Usage des Dames*. Na Alemanha, o primeiro registro é de 1774, enquanto na Itália ocorreu em 1770. A literatura era um conteúdo comum entre esses periódicos. (Buitoni, 2009). No Brasil, os primeiros registros da imprensa feminina remetem ao século XIX. Segundo Buitoni, “o mais provável é que o primeiro periódico feminino brasileiro tenha sido

visual que havia se consolidado como "feminina" nos periódicos da época, nas quais a seção feminina do *Correio dos Ferroviários* encontrou inspiração. A *Revista Feminina*, uma das mais conhecidas, circulou entre 1914 e 1935, com tiragem mensal de 30 mil exemplares. Sobre seu conteúdo, destacou-se em relação às que surgiram antes dela:

Como produto editorial, a *Revista Feminina* se destaca pela sua formulação mais "completa", qualidade que os veículos até então dedicados às mulheres ainda não haviam encontrado. Com efeito, as folhas e revistas femininas normalmente traziam moda e literatura; algumas traziam conselhos na área de educação e higiene e seções pequenas de beleza, culinária, etc. [...] Até certo ponto, a *Revista Feminina* estava antecipando uma tendência mais tarde predominante na imprensa feminina: veículos que abarcassem uma boa variedade de assuntos (embora não saindo das artes domésticas) dentro de uma perspectiva mais voltada para o lado comercial [...]. (Buitoni, 2009, p. 56-58)

O tipo de conteúdo idealizado como "feminino" nestes impressos também influenciou a seção feminina do *Correio dos Ferroviários*: apesar das variações, os poemas e crônicas sobre natureza, sentimentos e relacionamentos constituíram o conteúdo mais frequente, valorizando a produção das leitoras e colaboradoras. As piadas e anedotas também eram uma preferência. Tópicos sobre cuidados com a família e o lar e comportamento femininos também eram abordados na seção.

Durante a primeira fase da revista, a seção passou por variações na quantidade de páginas. Observa-se que, frente à necessidade da revista de ajustar as pautas do momento às páginas do mensário cuja viabilidade financeira variava, a seção feminina ocupava espaços cada vez mais reduzidos. Assim, as diretoras da seção precisavam selecionar bem o tipo de conteúdo que seria priorizado. Neste sentido, percebe-se a priorização dos poemas e crônicas das colaboradoras, embora outros tópicos também fossem incluídos.

Sob a direção de Ilnah Secundino, percebe-se a estratégia utilizada em algumas edições de incluir pequenas receitas, dicas de limpeza e etiqueta entre a publicidade das páginas iniciais do mensário ou preenchendo pequenos espaços

o carioca *O Espelho Diamantino*, publicado em 1827, com o subtítulo "periódico de política, literatura, belas-artes, teatro e modas, dedicado às senhoras brasileiras" (Buitoni, 2009, p. 32). Esse aparente atraso se deve ao surgimento tardio da imprensa no Brasil, que se deu após a vinda de D. João VI., com a criação da Imprensa Régia, em 1808. A criação da imprensa veio acompanhada de censura, o que estimulava o contrabando de livros e a publicação de periódicos brasileiros de oposição na Europa.

vagos na revista, enquanto na seção feminina, eram incluídos os textos das colaboradoras ou de outras autoras.

Se por um lado a acomodação do conteúdo sobre e para as mulheres nos cantos das páginas nos remete à própria organização daquele contexto histórico e social, onde as mulheres eram impelidas a manterem-se no espaço privado, sem acesso ao protagonismo, por outro lado avaliamos que a distribuição do conteúdo em pequenos espaços disponíveis era uma estratégia para garantir a presença na revista quando a seção feminina não podia contar com mais páginas. Ou seja, eram táticas para inserir seus conteúdos e, simbolicamente, suas vozes na revista, utilizando pequenas brechas disponíveis.

No período em que Ilnah Pacheco e Leonor Castellano estiveram à frente da seção, além do conteúdo tradicional dos periódicos femininos daquela época, também abordavam temas sobre educação e acesso à direitos, incentivando as mulheres a trabalharem. Enquanto esteve à frente da Página Feminina, Ilnah Secundino produzia um quadro que manteve por diversas edições, a “Galeria de Mulheres Célebres”, em que contava a história de mulheres que se destacaram na história, como Joana D’Arc e Marie Curie, entre outros exemplos.

Entre os tópicos que costumavam abordar, destacou-se a defesa da educação para as mulheres e o questionamento da educação das meninas para o matrimônio. Também tratou do feminismo em mais de uma edição, de forma bem direta. Na edição de agosto de 1935, por exemplo, divulgou um quadro intitulado “Notícias Mundiais do Feminismo”. A forma de abordagem dos temas acontecia por meio de textos em primeira pessoa, opinativos ou por meio de contos e crônicas. Também abordou temas sensíveis, como a defesa do voto ou do divórcio, por exemplo. Em sua breve passagem pela seção feminina, Leonor Castellano manteve essa linha.

Quando a direção foi assumida por Nair Cravo (apenas 3 edições da revista), e depois por Corina Santos, notou-se uma mudança mais significativa no tipo de conteúdo divulgado na seção. As questões sobre educação das mulheres, divórcio ou menções ao feminismo deixaram de aparecer. A ênfase recaía nos conteúdos sobre o cuidado com o lar, o papel de esposa, o cuidado com os filhos e a divulgação de poesias. A seção também diminuiu, chegando a ocupar meia página.

Uma possível explicação para essa questão é que Corina Santos era uma ferroviária e, nessa ocupação, precisava conviver com os/as colegas da equipe

editorial, e com os leitores/as. Assim, a publicação de temas mais polêmicos poderia respingar na convivência, ou até mesmo em sua imagem profissional. Embora haja diversos indícios de sua competência profissional, as mulheres trabalhadoras viviam em uma corda bamba porque sua moralidade estava em jogo o tempo todo.

A diferença principal em relação às revistas femininas da época era a forma como o conteúdo era distribuído na revista dos ferroviários, visto tratar-se de uma pequena seção em uma revista de classe.

Contudo, reforçamos que as menções às mulheres também eram feitas fora da seção feminina. Consideramos que também as representações das mulheres nessas abordagens contribuíam para a educação dos leitores e leitoras sobre o comportamento feminino.

A análise do conteúdo sobre ou para as mulheres fora da seção feminina deu-se após mapeamento desse conteúdo na primeira fase da revista (1933-1946) a partir dos exemplares dos quais tivemos acesso. Nesse processo, foram considerados:

1. Textos literários com personagens femininas (poesias, contos, crônicas)³⁸ ;
2. Textos opinativos, argumentativos ou informativos que abordaram as mulheres e/ou questões relativas a elas (não necessariamente direcionados às mulheres)³⁹ ;
3. Textos de autoria feminina.

Foram identificados 280 textos fora da seção feminina:

- 11 foram assinados por pseudônimos ou se tratava de transcrições de outros jornais;
- 115 foram escritos por mulheres e 154 por homens.

Dos textos de autoria feminina:

- 96 são contos, crônicas, poesias e sonetos, com grande prevalência das poesias com temática sobre natureza e sentimentos.
- 2 foram escritos por professoras relatando situações do cotidiano escolar;

³⁸ A opção em contabilizar os textos de autoria masculina com personagens femininas é porque nesses textos circulam representações das mulheres da época e, assim, modelos de comportamento a serem repelidos ou copiados.

³⁹ Há textos fora da seção feminina que se dirigem "aos pais", "à família", "aos cuidadores", o que incluía as mulheres. Era o caso, por exemplo, dos textos escritos por médicos sobre a saúde e educação das crianças. Ou, ainda, textos como a carta escrita por um pai no dia do casamento de sua filha em que explica como ela deveria se comportar para garantir a felicidade conjugal.

- 1 foi escrito por uma engenheira agrônoma, discorrendo sobre tema de sua área de formação;
- 2 foram escritos pela pediatra Jandira Wantroba.

Há um nítido contraste com os textos de autoria masculina, onde há maior variação de gêneros textuais e temáticas:

- 63 textos são crônicas e contos, com personagens femininas, e 5 poesias.
- Entre os outros textos, 5 foram escritos por médicos e educadores tratando da saúde e educação das crianças.
- Outros 15 textos argumentativos ou opinativos tratam diretamente de questões relacionadas ao comportamento feminino, com críticas ao feminismo, trabalho feminino e divórcio compondo as principais temáticas abordadas. Em relação a esses textos, alguns também foram assinados por pseudônimos.

Além dos textos mencionados, o comportamento das mulheres poderia ser abordado de formas mais sutis fora da seção feminina, como nas notas reflexivas de rodapé que foram utilizadas em várias edições da primeira fase. Exemplos dessas frases são: "*As mulheres que correspondem à sua missão sublime atravessam a vida como os sopros da primavera, que em sua passagem vivificam tudo*"⁴⁰; "*Uma mulher é suficientemente bela quando é boa*"⁴¹.

A análise da *Página Feminina* no *Correio dos Ferroviários* revela a complexidade e as estratégias utilizadas pelas editoras Ilnah Pacheco e Leonor Castellano para inserir conteúdos voltados às mulheres em um contexto historicamente marcado pela subordinação feminina. As limitações de espaço e a necessidade de atender às expectativas de uma revista de classe influenciaram diretamente a natureza do conteúdo publicado na seção feminina, resultando em uma prevalência de poesias e crônicas que abordavam temas mais seguros e aceitos socialmente.

⁴⁰ Correio dos Ferroviários, ano 5, n. 3, setembro de 1937, p. 109.

⁴¹ Correio dos Ferroviários, ano 5, n. 3, setembro de 1937, p. 114.

A presença feminina fora da seção feminina da revista, por outro lado, revela um contraste significativo. Enquanto na seção feminina o espaço limitado restringia a variabilidade discursiva, nos textos editados por homens havia uma maior diversidade de gêneros textuais e temáticas, com uma ênfase significativa em discursos que reforçavam papéis femininos tradicionais. As poucas mulheres que publicaram fora da seção feminina conseguiram, em alguns casos, discutir temas profissionais e acadêmicos, mas a maioria dos textos ainda refletia a visão conservadora da época sobre o papel das mulheres na sociedade.

A comparação entre os conteúdos dentro e fora da seção feminina evidencia os desafios enfrentados pelas mulheres na imprensa, ao mesmo tempo que ressalta suas estratégias para se fazerem ouvir e perpetuar suas ideias, mesmo que de forma sutil e em pequenos espaços.

Conforme explica Roger Chartier, a produção de sentidos nos periódicos resulta de um tripé, composto por texto, suporte e leitura (Chartier, 1990). Os textos “não estão fora dos materiais de que são veículos. Contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão participam profundamente da construção de seus significados” (Chartier, 2002, p. 61-62).

3.2.2 As diretoras da *Página Feminina*

Ilhah Pacheco e Leonor Castellano, as primeiras diretoras da seção feminina do *Correio dos Ferroviários*, tiveram importância na criação de uma identidade tanto estética quanto de conteúdo para a seção⁴². Nesse sentido, é interessante analisar elementos das trajetórias destas intelectuais que indiquem como se deu a inserção de ambas na equipe da revista dos ferroviários e o tipo de conteúdo por elas publicado.

Ilhah Pacheco Secundino de Oliveira e Leonor Castellano tiveram similaridades em suas trajetórias intelectuais. Ambas eram oriundas de famílias de classe média do Paraná e tiveram acesso à formação escolar, acadêmica e cultural inacessíveis para a maioria das mulheres da época.

⁴² Embora a ferroviária Corina Santos também tenha desempenhado um papel significativo, sua contribuição como diretora ocorreu em um momento em que a seção já estava estabelecida. Além disso, a escassez de fontes sobre sua vida limitou a possibilidade de uma análise mais aprofundada.

Educadas durante a Primeira República, Ilnah e Leonor viveram esse período de mudanças sociais e culturais que não se restringiam apenas às esferas políticas, mas também permeavam instituições e costumes. Durante esse período, houve um esforço significativo para consolidar o novo regime, e isso se refletiu em diversas áreas da vida cotidiana, incluindo a educação. Em Curitiba, as escolas do início do século XX, pretendiam:

[...] disseminar a moral, difundir a ética e a fé, enaltecer o progresso e o trabalho; distribuir a disciplina e a ordem, incentivar o civismo e introduzir a saúde e a higiene. São elas o microcosmo de uma sociedade em que as mulheres são também chamadas a participar dos ambientes escolares. Vai-se assim encontrá-las nas escolas: nas salas de aula, nos pátios internos, nos quadros de formatura, nas oficinas da Escola Profissional Feminina – desenhando, bordando, costurando (Trindade, 1996, p. 28-29).

Embora ainda inseridas em um contexto patriarcal que limitava seus direitos de cidadania, as mulheres passaram a participar dos planos do Estado sob uma ótica patriótica e sentimental, em que a sua educação serviria a um projeto político e social. Diferentes pensamentos e ideologias viam na educação das mulheres um caminho para a consolidação de suas causas. Apesar das diferenças, privilegiavam a dimensão privada da vida e da educação das mulheres:

Na mulher republicana a escola pretende desenvolver atributos que a tornem apta a exprimir uma face interna intimista, voltada à manutenção da unidade familiar, e uma figura externa e pública, que preencha os interesses da sociedade e da Nação. A primeira compõe a “mulher interior”, contida, restrita aos espaços domésticos e ao círculo da parentela; a segunda, a “mulher manifesta”, aberta aos espaços do mundo social, do mercado de trabalho e da comunidade política (Trindade, 1996, p. 31).

Ilnah Pacheco Secundino de Oliveira⁴³ (1913 – 2001) nasceu em Antonina (Paraná), mas cresceu em Curitiba (Paraná), onde viveu até 1944. Em sua formação escolar, Ilnah Pacheco estudou no Grupo Escolar Tiradentes, no Ginásio Paranaense e graduou-se no curso de Direito da Universidade do Paraná, em 1936. Também teve

⁴³ Sobre Ilnah Pacheco não foram encontradas pesquisas acadêmicas, como é o caso de Leonor Castellano. Mas, na Biblioteca Pública do Paraná (BPP) há a cópia de um livro escrito por Ayrton Pacheco Secundino, irmão de Ilnah, intitulado “Coletânea Ilnah Secundino Biografia”, lançado em 2005. O livro apresenta nas 6 primeiras páginas informações sobre a origem familiar de Secundino, formação intelectual, com os nomes de estabelecimentos de ensino nos quais estudou e professores particulares, formação artística, experiências profissionais, atividades sociais e publicações. Na segunda parte, há um compilado de textos e livros de sua autoria que foram publicados. Além desse livro, foi possível encontrar informações sobre Ilnah Pacheco nos arquivos do Centro Paranaense Feminino de Cultura, do qual participou da fundação e atividades.

acesso a aulas particulares de desenho, dança, piano, canto, equitação, tênis, línguas, teatro, entre outras atividades.

Leonor Castellano, conforme explica Zomer (2013), também iniciou a vida escolar no Grupo Escolar Tiradentes e realizou o curso Intermediário na Escola Americana de Curitiba. Em 1924 iniciou sua trajetória como servidora da Secretaria da Fazenda do Paraná.

No Grupo Tiradentes, onde Ilnah Pacheco e Leonor Castellano estudaram na infância, havia o ensino de prendas e bordados para as meninas. Na Escola Americana de Curitiba, Castellano teve aulas de Economia Doméstica. Ilnah Pacheco, aos 15 anos, foi professora de Economia Doméstica no Ginásio da Divina Providência, em Curitiba (Paraná).

Assim, Ilnah Pacheco e Leonor Castellano tiveram acesso a uma educação de cunho científico e liberal que, porém, não deixou de prepará-las para as funções domésticas e maternas que se esperava que as mulheres exercessem. Educadas em um momento em que o positivismo exerceu importante influência naquele contexto, pairava uma versão utópica e idealizada da mulher, com base em um substrato ético e moral (Trindade, 1996). Nesse sentido, o conteúdo abordado na seção feminina do *Correio dos Ferroviários* correspondia ao contexto histórico e cultural em que foram educadas.

O conteúdo na seção feminina do *Correio dos Ferroviários* era compatível com a educação das mulheres republicanas. O conteúdo incentivava suas leitoras a exercerem com primor suas funções domésticas, embora também as incentivassem a estudarem e trabalharem. Essas ações não eram apresentadas como contraditórias, mas como formas de bem servir a Nação.

Sobre a inserção de Ilnah Pacheco e Leonor Castellano no *Correio dos Ferroviários*, nota-se que souberam aproveitar os espaços que a República positivista e o livre-pensamento lhes ofereceram. Criadas em um período de efervescência cultural em Curitiba, quando diversas revistas literárias, agremiações e círculos culturais divulgavam as produções dos autores locais, Ilnah Pacheco e Leonor Castellano participaram de vários desses círculos.

Além de divulgar as produções dos autores locais e promover a circulação de ideias, essas revistas e agremiações promoviam a interação entre indivíduos de diversos círculos sociais, enriquecendo suas próprias produções e seu capital social.

Leonor Castellano participou do Clube Soroptimista, Centro de Letras, Centro Feminino Paranaense de Cultura, Círculo de Estudos S. Agostinho, Arregimentação Cívico Eleitoral Feminino (ARCEF), Associação de Proteção à Jovem, Academia José de Alencar, Centro Cultural Euclides da Cunha (Ponta Grossa - PR) (Zomer, 2009, p.194-195).

Ilnah Pacheco envolveu-se com o Centro de Letras do Paraná, a Academia Feminina do Brasil, Academia Paranaense de Letras, Academia de Letras José de Alencar e Centro Feminino Paranaense de Cultura.

Uma vez que diversos colaboradores da revista dos ferroviários também foram ativos em vários desses círculos naquele período, é notável a capacidade que Ilnah Pacheco e Leonor Castellano tiveram em estabelecer parcerias por meio de seus círculos de sociabilidade.

Destes círculos, destacamos a participação de ambas no Centro Feminino Paranaense de Cultura (CPFC). Tal atividade permitiu que suas relações sociais fossem expandidas e que tivessem maior reconhecimento social. Além disso, as ideias que apresentavam sobre a educação das mulheres na revista dos ferroviários eram aquelas discutidas pelas mulheres do CPFC.

Fundado em Curitiba em 1933 por Ilnah Secundino, Rosy Pinheiro Lima e Deloé Scalco, Leonor Castellano passaria a participar pouco depois. Entre os objetivos do centro, a presidente Rosy Pinheiro Lima, destacou em sua inauguração que o Centro Paranaense Feminino de Cultura (CPFC),

[...] deseja é o desenvolvimento cultural da mulher. É a criação de uma mentalidade nova, de vontades conscientes, de mulheres fortes. O Centro Paranaense de Cultura Feminina quer Eva intelectual e quer Eva feminina, quer o aperfeiçoamento physico alliado à evolução moral, intellectual e artistica (SOUZA, 2012, p. 11).

Entre as atividades desenvolvidas, ofereciam cursos às associadas e desenvolviam atividades culturais. Em 1940, abriram um posto de puericultura para o atendimento das mães de famílias pobres, o Posto de Higiene Infantil e Maternal Darcy Vargas. Também realizavam atividades no âmbito da assistência social. Essas ações estavam alinhadas aos objetivos da política nacionalista de Vargas, que associava a prosperidade do país aos cuidados com as famílias.

Em 1936, Ilnah Secundino participou do III Congresso Internacional Feminista, representando o Estado, pois o CPFC era filiado à Federação Brasileira pelo

Progresso Feminino⁴⁴, que organizou o Congresso, e Secundino era presidente da instituição naquele momento.

Portanto, destacamos o CPFC como espaço frequentado por várias das colaboradoras do *Correio dos Ferroviários* no mesmo período em que a seção feminina produzida no mensário dos ferroviários. Mais do que isso, nesse espaço se conjugavam muitas das ideias que identificamos na seção feminina da revista.

Uma das percepções sobre os discursos na seção feminina da revista é que consideravam a produção no mensário como uma forma de cumprir uma missão social ao propiciar educação para as leitoras da revista.

Sobre a atuação de mulheres de classe alta em organizações e atividades que atendiam as classes populares, Besse (1999) argumenta que as mulheres da classe operária foram marginalizadas do poder político ao terem o voto negado e por serem incapazes de competir com os homens pelas posições no setor industrial moderno. Assim:

[...] a proliferação de novas organizações caritativas de mulheres da classe alta reforçava a tutela estatal sobre as mulheres da classe operária. Empenhadas em exercer uma influência “moralizadora” sobre as mulheres de origem mais humilde, essas mulheres caritativas, muitas vezes conscientemente, aliaram-se à Igreja, aos industriais, aos órgãos de assistência social, aos médicos e aos novos educadores para resolver o “problema social” (Besse, 1999, p. 10).

Além desse sentido de “missão social” que embasava as ações das mulheres do CPFC, a pauta da educação das mulheres esteve entre as principais dos movimentos feministas das primeiras décadas do século XX. Almejava-se uma educação integral da mulher, inserindo-a plenamente na sociedade. Após a aprovação do voto feminino em 1932 (para poucas mulheres, na prática), os movimentos feministas passaram a investir maiores esforços nos projetos educativos, de forma a preparar as mulheres para esses exercícios e divulgar suas ideias. Na edição de junho de 1935, Ilnah Secundino alertava as leitoras do *Correio dos Ferroviários*:

[...] Mulheres patrícias! Trabalhai, estudai e lutai para que possamos levar ainda mais longe a nossa vitória. Precisamos ver sair do código civil disposições arcaicas e absurdas que ainda nos colocam em situação secundária. Precisamos mostrar como se age, àquelas que ainda não

⁴⁴ Fundada no Rio de Janeiro por um grupo de mulheres de alta escolaridade, a Federação previa o preparo da mulher para o exercício de seus direitos e seria um *locus* privilegiado de manifestações sociopolíticas e culturais, organizando congressos e eventos com discussões sobre as representações instituídas ao ser feminino. Sua porta-voz era Bertha Maria Júlia Lutz (Souza, 2012, p. 18).

souberam compreender o alcance das reivindicações femininas. Precisamos amparar tanto as mulheres das classes altas como as humildes operarias que ainda têm receio de levantar a voz digna e forte para reclamar seus direitos (Correio dos Ferroviários, ano 11, n. 9, jun. 1935, p. 365).

Ilnah e Leonor cresceram em meios parecidos, com oportunidades em comum, participando de agremiações e círculos culturais em comum, e ambas acompanharam as discussões e ações propostas pelo feminismo no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Contudo, a assimilação desses pensamentos não significou o rompimento com a formação intelectual ou social que tiveram, ou com as práticas dos meios em que estavam inseridas.

3.3 A publicidade no correio dos ferroviários

Ao longo da primeira fase da revista, a publicidade foi essencial para que o mensário se mantivesse em circulação. Para manter e atrair anunciantes, a revista costumava incentivar seus leitores a comprarem nas lojas que anunciavam na revista. Além da publicidade, a revista também se mantinha com as assinaturas e venda de exemplares.

Na primeira edição, o grande volume de anúncios demonstra a importância das receitas advindas da publicidade como fonte de financiamento da revista. Contudo, ao longo da primeira fase percebemos os anúncios diminuírem gradativamente enquanto aumentavam os apelos aos leitores para que se tornassem assinantes e convencessem seus colegas a fazer o mesmo.

O que acontecia era que o valor da propaganda na revista era baixo, “os anúncios que nas revistas do Rio são cotados a Cr\$ 5000,00, o Correio dos Ferroviários cobra pelo mesmo espaço apenas 100 cruzeiro. Pobre da imprensa da nossa terra se vivesse apenas com os anúncios de casa” (Correio dos Ferroviários, n. 11-12, 1946). Assim, o volume de propagandas era importante. Com pouca publicidade, é compreensível que a revista não tenha resistido, retornando apenas com o apoio financeiro da RVPSC.

Apesar das dificuldades em conseguir anunciantes, no levantamento realizado (ANEXO 1) sobre os parceiros da revista, foram identificados 188 anunciantes na primeira fase. Para fins de análise, foram organizados em categorias: 1) Automóveis e peças automobilísticas, com 3 anunciantes; 2) Bebidas e Alimentos, com 22

anunciantes; 3) Cigarros, com 3 anunciantes; 4) Cosméticos e medicamentos, com 14 anunciantes; 5) Educação, com 9 anunciantes; 6) Equipamentos eletrônicos e eletrodomésticos / artigos para decoração e manutenção do lar, com 16 anunciantes; 7) Moda e vestuário, com 29 anunciantes; 8) Prestação de serviço e comércio, com 76 anunciantes; 9) Produtos para estrada de ferro, com 4 anunciantes; 10) Ramo imobiliário e de seguros, com 12 anunciantes. Não foram considerados entre as categorias os anúncios de associações e cooperativas dos ferroviários da RVPSC.

Apesar de conseguir atrair anunciantes de diferentes setores, a revista tinha certa dificuldade em manter as parcerias: dos 188 anunciantes identificados na primeira fase, 48 anunciaram apenas uma vez, e 73 anunciaram entre 2 e 5 vezes.

Entre as parcerias com maior durabilidade, foram identificados 7 anunciantes com mais de 45 anúncios na primeira fase, 3 eram do setor de moda e vestuário, 3 eram do setor de prestação de serviços e comércio e 1 da área de artigos para decoração e manutenção do lar. A empresa com maior número de anúncios foi a “Farmácia *Stellfeld*”, com 64 anúncios ao longo de toda a primeira fase. Sabe-se que depois de 1935 a farmácia abriu uma filial na Farmácia dos Associados Ferroviários, o que pode explicar a durabilidade da parceria com a revista.

Os anúncios se concentravam nas primeiras e últimas páginas, e em menor proporção no meio da revista. Sobre a formatação dos anúncios, alguns eram acompanhados por ilustrações e arte, que se destacam pela qualidade, mas poucos por fotografias. Ao longo da primeira fase, diversas empresas que mantiveram parceria duradoura com a revista mantiveram a arte do anúncio ao longo do tempo.

Os anúncios ilustram alguns aspectos das mudanças de costumes entre as famílias com o avanço da urbanização e modernização, como os anúncios sobre automóveis, serviços automotivos e aparelhos eletrodomésticos. Em anúncio de março de 1934, o “rádio Ericsson tipo 1934” é apresentado como “novo receptor de ondas curtas e longas que está revolucionando os meios radiotelefônicos europeus”, ilustrando o papel da imprensa, em especial das revistas, como meio de difusão de costumes e produtos de países europeus. No anúncio da “Companhia Força e Luz do Paraná” o rádio é apresentado como um “milagre”, e a imagem que ilustra o anúncio destaca sua função como um produto para toda a família, que teria acesso à “cantos de amor, mensagens políticas, informações comerciais”.

A imagem no anúncio corresponde àquela da família burguesa na intimidade do lar. No Brasil, por volta de 1910 a organização tradicional da família de elite, baseada no poder patriarcal, estava desgastada pelas mudanças decorrentes do crescimento das indústrias e núcleos urbanos e a economia de mercado em expansão. “Como as instituições extrafamiliares haviam assumido muitas das funções da família patriarcal extensa, esta foi sendo gradualmente substituída pelo modelo da família nuclear burguesa urbana” (Besse, 1999, p. 19). Sobre o papel da família na Primeira República, Etelvina Trindade (1996), explica que a família, identificada como o núcleo de irradiação da ordem e do progresso, desde os primórdios da República torna-se indispensável a consolidação de um ideário que tenha na família seu pressuposto básico. Portanto, o discurso da Era Vargas sobre a família como base social, representa uma continuidade da concepção social sobre a família.

Na imagem as crianças são objetos da afetividade do pai, contrastando com os padrões familiares de períodos anteriores, onde a paternidade era exercida de forma mais rígida. A mudança no exercício da paternidade torna-se tópico de discussões nos âmbitos político, científico e pedagógico nas primeiras décadas do século XX. Nos registros dos primeiros congressos americanos da criança⁴⁵, verifica-se que o pai

[...] será idealizado num movimento interessante de busca de novos paradigmas para a paternidade, baseados em um homem que se desvincularia pouco a pouco da aura de violência e descaso para com a família, passando a ser o “abrigo” dos seus filhos e esposa. A grande guerra e a necessidade de proteção da descendência e de motivação para a reconstrução pós-guerra podem ter também alguma influência sobre esse apelo à participação paterna no envolvimento afetivo com a família (Cordeiro, 2015, p.198).

A centralidade da criança na imagem corresponde à posição que passou a ocupar na sociedade, concebida como “o futuro” da nação. Cientistas, sociólogos, juristas, médico e educadores discutem amplamente a infância, subsidiando novas práticas e concepções. No *Correio dos Ferroviários* surgem textos que destacam as especificidades da infância e como deve ser criada uma criança saudável, fazendo

⁴⁵ Na tese aqui citada, Andréa Bezerra Cordeiro analisa os registros dos trabalhos, discursos e conferências proferidas nos três primeiros *Congresos Americanos del Niño*: *Primer Congreso Americanos del Niño* (1916) realizado em Buenos Aires – Argentina, *Segundo Congreso Americanos del Niño*, (1919) em Montevideu – Uruguai e Terceiro Congresso Americano da Criança realizado em conjunto com o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, no ano de 1922 no Rio de Janeiro, com o objetivo de investigar de que modos se produziram e circularam as ideias e propostas sobre as crianças e a educabilidade da infância nestes congressos.

referências ao hábito de leitura, a importância do brincar, a importância dos cuidados com a saúde da criança. Contudo, vale frisar que apesar de aparecerem esses discursos sobre a infância, dividem espaço com textos que enunciam concepções mais tradicionais e conservadoras, sugerindo que não havia uma representação única da infância entre os ferroviários.

Figura 14 – Publicidade Companhia Força e Luz



Fonte: Revista Correio dos Ferroviários, ano 1, n. 6, mar. 1934.

Uma outra face desses novos cuidados com a infância está nos anúncios de medicamentos. Um deles nos lembra de um problema que preocupava diversos setores da sociedade nas primeiras décadas do século XX: o alto índice de mortes por sífilis. Assim, o anúncio do depurativo e tônico “Lactargyl”, dos laboratórios Raul Leite, destacava seu uso para “sífilis e perebas das crianças”.

A preocupação com a sífilis aparece em outras seções da revista. Em junho de 1934, o pediatra Homero Braga, de Curitiba (Paraná), teve um texto publicado na revista intitulado “Para as mães lerem”, em que apresenta diversos dados da época sobre a mortalidade infantil, baseado em número referentes a fevereiro e março de 1934 divulgados pela Diretoria Geral de Saúde Pública do Estado do Paraná. No texto,

Braga informava que para “134 óbitos ocorridos em fevereiro, 73 se referiam a crianças abaixo de dois anos (incluídos, nos dois números, os nascidos mortos). Mais de 54%.” (Braga, H. Correio dos Ferroviários, ano 1, n. 9, jun. 1934, p. 309). Em relação às 26 crianças nascidas mortas em Curitiba nesses dois meses, em 20 casos as mães tinham sífilis ou tuberculose, informou o médico.

Segundo o renomado pediatra, a situação era especialmente grave porque parcela considerável das mortes poderia ser evitada se as mães alimentassem seus bebês corretamente e se realizassem exames antes de engravidarem, já que a sífilis e a tuberculose estavam entre os principais fatores para as mortes de crianças com menos de dois anos no Paraná.

Essa relação entre a saúde das crianças e a conduta materna é percebida em outros anúncios e seções da revista. A “Farinha Alegria” lembra as mães que “não há uma criancinha alimentada com Farinha Alegria que não seja sadia e robusta como uma rosa!”. Enquanto a “Farinha Láctea Nestlé” recomendava o produto para que “seu pimpolho se torne alegre, sadio e robusto”.

A saúde das crianças torna-se uma preocupação central, pois o tão visado progresso dependeria do cuidado com os futuros trabalhadores. Desta forma, o papel das mulheres enquanto responsáveis pelo cuidado das crianças passa a ser uma questão discutida na imprensa e objeto de intervenção do governo, intelectuais, médicos, higienistas e educadores. A imagem da criança robusta associada à saúde tem relações com esse contexto.

Os médicos sanitaristas tiveram papel de protagonismo nas reformas e ações que visavam controlar a transmissão e alto índice de mortes pelas diversas doenças que acometiam a população. Conforme análise de Barata (2000) ao abordar as endemias e epidemias na cidade de São Paulo, percebe-se que diversas doenças que surgiram no final do século XIX e início do XX eram ainda desconhecidas ou pouco conhecidas, e a ação de profissionais da área da saúde e cientistas, ao realizar pesquisas e orientar sobre as formas de prevenção e tratamento foi fundamental. Esse protagonismo reforçava o discurso que colocava na ciência e sua aproximação das questões sociais o caminho para o progresso, fortalecendo as práticas higienistas e intervenções das ciências em diferentes âmbitos.

Figura 15 – Publicidade “Farinha Alegria”



Fonte: Revista Correio dos Ferroviários, ano 2, n. 10, jul. 1935.

A participação do Dr. Homero Braga em algumas edições de uma revista direcionada ao universo ferroviário pode ser lida como uma estratégia para atingir as famílias e difundir os preceitos higienistas, o que poderia contribuir no combate à mortalidade infantil. Dessa forma, a revista também cumpria o papel educativo que atribuía a si mesma desde sua primeira edição. Além disso, os leitores poderiam replicar o conteúdo da revista, principalmente as mulheres:

Os médicos higienistas, em particular, depositaram na educação das mulheres para o exercício da maternidade a declarada expectativa na redução da elevada mortalidade infantil – face visível da falta de cuidados com a infância, principalmente por ignorância das mães. Ao invocarem concomitantemente o espírito reformista de certos setores das elites, a supremacia da ciência como instância ordenadora da vida cotidiana, os anseios republicanos de construção da nacionalidade e uma visão da infância como esperança do progresso do país, os médicos da década de 1920 atualizaram o discurso higiênico de Moncorvo Filho datado do início do século, em busca da adesão das mulheres a uma maneira científica de criação das crianças, estruturada no conjunto de regras da puericultura (Freire, 2006, p. 311).

Nesse contexto, o higienismo se fez bastante presente nos discursos e práticas médicas voltadas à infância. A ênfase, no entanto, recai principalmente sobre as crianças pobres, proletários/as do futuro, que não poderiam ser perdidas – para as doenças que tornavam a mortalidade infantil um dos problemas mais sérios a serem enfrentados pela sociedade, para a criminalidade que circundava os espaços urbanos,

para os vícios e degenerações, frequentemente associados às camadas mais pobres da população.

Na Era Vargas, com a modernização e a centralização do poder no Estado, as políticas de que visavam atuar sobre a saúde das famílias eram aplicadas de forma mais sistemática e coordenada. Participavam do governo profissionais renomados em suas áreas, que contribuíam para o desenvolvimento de estudos, políticas e suas aplicações. Em 1934 foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, principal órgão de atuação, com vistas à formação de uma população mais sadia através do cuidado com a saúde das famílias.

Havia, também, a preocupação em garantir o aumento das taxas de natalidade, pois a diminuição do número de nascimentos implicava em menos mão-de-obra e crescimento econômico:

Em abril de 1941, como fruto dos trabalhos realizados pelo referido grupo, é instituído o decreto-lei 3.200, que “Dispõe sobre a organização e proteção da família”. O dispositivo legal procurou incentivar os casamentos, facilitando, de todas as maneiras, a formalização das uniões. Em um primeiro momento o decreto autoriza “O casamento de colaterais [...] do terceiro grau”, desde que os noivos se submetessem a um exame médico comprobatório da saúde de ambos, que garantisse também a normalidade da futura prole. Segundo explicações posteriores do governo, tal medida tinha “alcance eugênico, visando impedir a degenerância da raça, para a qual tanto concorrem, sem a devida fiscalização, o enlace de consangüíneos. A lei atribui o caso à competência técnica do médico”. Ato contínuo, o decreto estabelece o reconhecimento de efeitos civis ao casamento religioso e a gratuidade do casamento civil para os nubentes pobres. Logo a seguir fica autorizada a concessão de empréstimos especiais para a aquisição de moradia familiar àqueles que pretendiam casar-se (Ostos, 2009, p. 104).

Na revista, a moralização e disciplinarização dos/as ferroviários/as no cotidiano da RVPSC era direcionada à toda a família ferroviária. Por outro lado, apesar dos diversos textos que alertam para os malefícios do álcool e do fumo na revista, empresas de bebida (cerveja) e cigarro estiveram entre os principais anunciantes. Com dificuldades para manter-se financeiramente, a coerência entre o conteúdo da revista e os anúncios, nesse caso, ficava em segundo plano.

4 ENTRE O CONSERVADOR E O MODERNO: AS MULHERES NO MEIO FERROVIÁRIO

Quando a primeira edição ...do *Correio dos Ferroviários* foi lançada, em outubro de 1933, a "questão feminina" estava em evidência no Brasil, gerando intensos debates na imprensa e em outros campos, como saúde, educação e legislação. Esses debates também encontraram espaço nas páginas do *Correio dos Ferroviários*

Embora se tratasse de uma revista de classe, o *Correio dos Ferroviários* destinava-se também às famílias dos ferroviários, o que ampliou o escopo dos temas abordados, incluindo discussões sobre o papel das mulheres na sociedade. Com considerável frequência, o periódico explorava o comportamento feminino sob diferentes prismas, refletindo e moldando as expectativas sociais da época.

Cientes da vocação educativa que a revista alardeava sobre si mesma, nos interessa perceber de que forma o *Correio dos Ferroviários* se posicionou em suas páginas em relação às discussões sobre as mulheres. Entendemos que as representações sobre as mulheres na revista desempenharam um papel educativo diante de seu público leitor.

Além da esfera política nacional, esses discursos enunciados na revista eram mediados por outras instâncias de poder e interesses na esfera local. Dessa forma, as representações do mundo social,

[...] embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (Chartier, 1990, p. 17).

As representações das mulheres nas revistas não são meras reproduções sociais, pois a imprensa ao reproduzir práticas sociais de um determinado tempo, também as constitui, caracterizando-se como ferramenta que pode servir à manipulação de interesses e intervenção na vida social, que não pode ser encarado como espelho da realidade, visto que veicula representações de momentos particulares da realidade.

No *Correio dos Ferroviários*, a representação das mulheres deve ser analisada à luz desse processo dialético. O periódico não só refletia as normas e expectativas sociais vigentes, mas também contribuía para a construção dessas normas.

No capítulo que se segue, examinaremos como essas representações oscilaram entre os papéis tradicionais de mãe e esposa e os emergentes ideais de emancipação feminina. Esta análise considerará como tais representações reforçavam ou desafiavam as estruturas de poder vigentes, evidenciando o papel ativo da imprensa na configuração das identidades e papéis sociais.

4.1 A família na Era Vargas: a mulher ideal

A MULHER É A PAZ DOS POVOS

Grato dia para os povos americanos foi o dia 10 de outubro, em que a secular fraternidade argentino- brasileira, já gravada imperecivelmente em todos os corações, obteve a formal sanção dos tratados que ratificaram os votos da perpetua amizade. O discurso do diretor geral da Educação do Rio de Janeiro é um documento que deveria difundir-se em todo o mundo, especialmente quando recomenda evitar as sugestões do selvagem preconceito que instiga uns contra os outros os povos vizinhos. Falaram os diplomatas, falaram os estadistas, os escritores e artistas, porém, faltava a voz de alguém que se só constitui a metade numérica dos povos, representa, entretanto todo o seu coração, sua alma inteira, a que com sua influência suave guia indiretamente os destinos do mundo: - a mulher.

O abraço apertado e sincero da esposa do Dr. Getúlio Vargas e a do General Justo, suas palavras de carinho mais que um ato individual são um grandioso símbolo; com elas estiveram implicitamente delegadas todas as mulheres de ambos grandes povos que ao retificar a cordialidade de relações entre argentinos e brasileiros asseguraram a paz e a felicidade de milhões de lares, a vida e a tranquilidade de seus filhos presentes e futuros.

Adiantou-se muito a civilização, porém, ainda falta demasiado para poder orgulhar-se o gênero humano da superioridade adquirida, assim sem extremar o paradoxo, cremos que muito se ganharia se a mulher tomasse parte mais ativa nos negócios públicos, a que traria sua sensibilidade esquisita e esses dotes de intuição genuínos nelas, que suprem a ciência fria e o egoísmo racionado masculino com a vantagem que tem o coração sobre o cérebro. Os criminosos estragos da guerra passada, que estiveram a pique de derrubar os vinte e cinco séculos de cultura humana, se haveriam realizado, se previamente a sua declaração, se houvesse submetido ao plebiscito de todas as mães, esposas, noivas e mulheres daqueles que iam sacrificar suas vidas?

A mulher argentina e a mulher brasileira firmaram sua eterna amizade: o futuro é nosso (*Correio dos Ferroviários*, ano 1, n. 3, p. 101, dez. 1933).

Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas, foi uma figura marcante em seu tempo, que apoiou a implantação do projeto varguista por meio de suas ações no âmbito público. Muito ativa em ações voltadas para a assistência social, Darcy

também contribuiu para a formulação da imagem de Getúlio Vargas, sendo uma referência para as mulheres da época.

No texto acima, o autor da notícia destacou seu papel como esposa de Vargas, uma “influência suave”, um exemplo para as mulheres que “asseguraram a paz e a felicidade de milhões de lares, a vida e a tranquilidade de seus filhos presentes e futuros”. Quando o texto destaca que poderiam tomar parte mais ativa nos negócios públicos, percebe-se que não se tratava de atuarem ao lado dos homens, pois eles são o cérebro e a racionalidade, características essenciais para exercer o comando. As mulheres, com sua “sensibilidade esquisita e esses dotes de intuição genuínos”, tornariam a atmosfera menos fria, mais aconchegante. Portanto, as posições de apoio e suporte lhe caberiam perfeitamente.

Dessa forma, as mulheres deveriam contribuir para o progresso social atuando de acordo com suas características “naturais”. Sua atuação na esfera privada, cuidando dos filhos, do marido e do lar, era como uma determinação biológica. Essa representação da mulher delicada, feita para o cuidar, foi amplamente difundida no *Correio dos Ferrovários*.

Diante das intensas transformações sociais desde o final do século XIX, na década de 1930, as mulheres de classe média e alta urbanas estavam se inserindo em novos espaços e profissões, tinham novos hábitos, apareciam nas revistas, circulavam pelas confeitarias e salões, ou seja, se inseriam aos poucos na esfera pública. Toda essa atmosfera de mudanças sociais despertava um clima de incertezas, e o risco representado pelo comportamento das mulheres trazia à tona o discurso de que a família poderia entrar em colapso, colocando em risco toda a estrutura social. Em outubro de 1939 foi veiculado o texto “Organização Familiar”, (originalmente publicado no jornal *O Estado de São Paulo*) informando que

O governo brasileiro deu o primeiro passo para a organização do código da família. A preservação na família é preocupação generalizada, hoje, em quase todos os países. O próprio comunismo russo já reconheceu o erro que praticou quando afrouxou os laços de família e colocou, no mesmo plano, praticamente, o matrimônio e o amor livre. Tudo quanto, na sua febre destruidora, decretou para aniquilar a família, já se encontra hoje, em vias de abolição. Se ainda não voltou à rígida organização dos chamados países burgueses não está longe de fazê-lo [...] (*Correio dos Ferrovários*, ano 1, n. 3, dez. 1933, p. 81).

Na esteira das ações da Era Vargas que incentivavam o casamento, a revista lembrava os leitores/as do Correio que “recentemente foi enviada aos diversos chefes de serviço em toda a Rêde, uma circular em que se aconselhava aos funcionários que não são casados civilmente, que o façam, definindo de vez as suas situações ante a Caixa de aposentadoria e Pensões”, pois sem os vínculos legais, em caso de falecimento “a miséria atinge a esposa e os filhos daquele que consumiu toda uma existência honrada no labor incessante” (Correio dos Ferroviários, ano 7, n. 1, outubro de 1939, p. 22).

Ao mesmo tempo que iniciativas favoreciam o casamento, a legislação trabalhista da Era Vargas era menos generosa com as mulheres do que com os homens, desfavorecendo o acesso das mulheres ao trabalho. As discussões que envolveram a questão do trabalho feminino tinham como principal objetivo a proteção da criança. As concessões feitas às mulheres trabalhadoras na legislação não davam conta do apoio para cuidados das crianças após a licença-maternidade, por exemplo, diminuindo as oportunidades para as trabalhadoras casadas e privilegiando o cuidado com o lar e a família. Nesse sentido, o colaborador Augusto Frank alertava os/as leitores/as do Correio:

O trabalho fora de casa para a mulher casada é sempre uma calamidade. O seu papel primordial, é o mesmo no século XX que no tempo em que a Sagrada Escritura elogiava a mulher forte (...) os encargos domésticos são pesados demais para que sobre tempo para outras funções. E se estas funções se substituem à principal, é a desordem. (Correio dos Ferroviários, ano 3, n. 6, março de 1936, p. 228).

O casamento, então, desenhava-se como objetivo principal da vida das mulheres, que eram preparadas desde a infância para cumprir seu papel. Na “Página Infantil”, que costumava ser escrita pela colaboradora responsável pela seção feminina, a “Tia Ritoca” respondia as cartas das mães que reclamavam do comportamento de suas filhas, ou enviava cartas para uma sobrinha chamada Ritinha, orientando-as sobre como boas meninas deveriam comportar-se:

TIA RITOCA ESCREVE À ZANGADA

Que hábitos feios, Ritinha, de arrastar com força os pés, bater à porta, mostrar impaciência e viver eternamente com a cara amarrada! Que hábitos deploráveis esses, indignos de uma menina bem educada, de uma menina de colégio, de uma menina que amanhã frequentará os salões da nossa sociedade.

Por que tão bruscamente você cede à tentação e ao desprazer de mostrar sua impaciência, seu mau humor, seu descontentamento só porque as coisas não lhe sucedem a medida dos seus desejos?

Porque a Estela, sua irmãzinha caprichosa, aprontou-se antes de você? Porque não encontrou a agulha de *tricot*, porque não recebeu uma cartinha gentil do Tio Zeca como aconteceu com Belinha [...] (Correio dos Ferroviários, ano 6, n. 11, agosto de 1939, p. 444).

Tia Ritoca lembrava as meninas que deveriam ser “um modelo de graça, de educação, de delicadezas”. Em suas cartas, destacava a importância de frequentarem a missa, dedicarem-se às aulas de piano, serem zelosas com os materiais escolares, não perderem a agulha de *tricot*. Naquele contexto, defendia-se que as meninas tivessem acesso à educação escolar, porém, sem deixar os papéis de esposa e mãe em segundo plano. A formação das meninas, como se percebe na coluna de Tia Ritoca, deveria inserir as atividades manuais e artísticas entre os ensinamentos destinados às meninas.

Na Escola de Artes e Ofícios dos Ferroviários, mantida pelos ferroviários da RVPSC, era ofertado o curso profissional feminino, “que consta do ensino de costuras em geral, trabalhos de agulha, etc., e também do ensino de música e canto”. Para os meninos, eram ofertados cursos profissionais de sapataria, marcenaria e mecânica, preparando-os para o mundo do trabalho.

Figura 16 – Escola de Artes e Ofícios do Cajuru, em Curitiba (Paraná)

**DA LUZ DO SABER E DO LABOR DAS OFICINAS
DEPENDE A FELICIDADE DA FAMÍLIA, DA
SOCIEDADE E DA PÁTRIA.**



Escola de Artes e Ofícios — Cajuá

A UNIÃO DE SOCORROS E DE CONSUMO DOS FERROVIÁRIOS (Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada), tem a satisfação de comunicar a nobre classe ferroviária:

Que, instalou em sua propriedade situada no Cajuá, arrabalde desta Capital, a sua ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS.

Que, o Curso Primário criado para ambos os sexos está funcionando com toda regularidade e grande aproveitamento e o número de alunos matriculados já ultrapassou de 217.

Que, igualmente estão funcionando e em franco desenvolvimento os Cursos Profissionais de Sapataria, Marcenaria e Mecânica.

Que, já se acha instalado o Curso de Mecânica em geral.

Que, já se acha funcionando com regularidade o CURSO profissional feminino que consta do ensino de costura em geral, trabalhos de agulha, etc., e também do ensino de música e canto.

Que, oportunamente instalará um internato destinado aos filhos dos Srs. ferroviários residentes fora desta Capital.

Que, para obter matrícula na sua Escola de Artes e Ofícios, basta ser filho ou tutelado de ferroviário que faça parte de seu Quadro Social, e que se abasteça em seu Armazém de fornecimentos.

FERROVIÁRIOS! Auxiliar moral e materialmente a União de Socorros e de Consumo dos Ferroviários é prestar um inestimável serviço à vossa classe, a vós mesmos e sobretudo a vossos filhos.

Fonte: Revista Correio dos Ferroviários, ano 3, n. 5, fev. 1936, s/p.

A partir da defesa do matrimônio para a manutenção da família e, por conseguinte, da ordem social, as publicações do *Correio dos Ferroviários* identificam em suas páginas as ameaças a essa ordem, por meio de personagens, textos informativos, notícias, etc. Durante a década de 1930, principalmente, são vários os textos que identificavam a ameaça com as feministas.

O FEMINISMO

[...] E não fora isso e não a víamos a todas as horas do rosto empastado de carmins, cremes, batons, tintas de todos os matizes e tonalidades, lábios tingidos de vermelho vivo, cabelos empoados e crespos como galinhas arrepiadas, sobrancelhas de pelo sedoso substituídas por arabescos inestéticos, unhas polidas por hábeis manicures e pedicures, perfumadas com essências embriagadoras desse lendário Oriente...

E não fora isso, e não a víamos vestidas, isto é, com nesgas de pano a cobri-lhe algumas formas do corpo. Tudo, porém, curto, leve, com pluma...

Nos salões de baile elas se exibem, provocadoras, insinuantes, altivas, desdenhosas, petulantes, empavonadas – mães e filhas – e nós achamos muito natural, muito certo, muito bonito.

Com as regalias exageradas que lhe concedemos, o feminismo avança, convicto de sua supremacia, certo do seu triunfo absoluto. Entregamos-lhe os pontos. Hoje, quem manda em casa é a senhora dona Escolástica e não o Beldroegas. A vida corria-lhes mal, aconselhou-se com a mulher. Esta,

bonitona, conseguiu um emprego. Hoje possuem automóvel. Ela sempre no guidon, isto é, no leme, quero dizer: na gerência dos negócios internos e externos. Às 7 da manhã já o Beldroegas está com a água fervida, o feijão escolhido e madame Escolástica que tem vergonha de usar o nome da esposa, da repartição vae às confeitarias, às modistas, às amigas, em pleno gozo da sua liberdade e o marido, o parvo, o trouxa, o vencido, ora (Jota, *Correio dos Ferroviários*, ano 1, n. 7, abr. de 1934, p. 229).

Egoístas, interessadas em viver a vida sem limites, fúteis, exploradoras. Nas páginas do *Correio dos Ferroviários*, essas características foram associadas a imagem das feministas por diversas vezes. Ora em tom sério e alarmante, outras vezes por meio do humor ou do exemplo de personagens, os/as leitores/as eram lembrados da ameaça que essas mulheres representavam.

A ridicularização e a vulgarização do feminismo não era uma estratégia apenas desse periódico, no entanto. A imprensa popular contribuía para uma compreensão distorcida e para o esvaziamento dos sentidos políticos do feminismo, utilizando o termo para tratar de questões de importância menor para a emancipação das mulheres. “A mensagem transmitida era a de que ser feminista significava ser moderna e estar na moda; não era necessária nenhuma transformação fundamental da consciência. Além disso, o ridículo era usado largamente para intimidar as mulheres e, com isso manter o feminismo dentro de limites aceitáveis” (Besse, 1999, p. 214).

A ideia de que a mulher no mundo do trabalho resultaria no desemprego entre os homens era mais um argumento antifeminista. Porém, a própria revista nos apresenta informações e leituras que contestam essa suposta ameaça. Como citamos anteriormente, em outubro de 1939 foi publicado um texto de autoria de “Eneida de Virgílio” que defendia a indicação de mulheres em cargos de chefia, em que destacava, também as dificuldades de inserção no meio profissional.

Percebe-se que no início dos anos 1930, durante os debates da Constituinte de 1934, os textos que atacavam as feministas foram mais frequentes. Vale destacar que nesse período as discussões acerca do divórcio estiveram em evidência, e a influência do feminismo era apontado como uma das causas.

Na seção feminina, quando dirigida por Ilhah Secundino e Leonor Castellano, o incentivo às leitoras para que estudassem e trabalhassem como forma de se emanciparem e casarem por escolha, e não por obrigação, foi uma mensagem que apareceu de várias formas.

Quando avaliamos a imagem predominante da mulher ideal nas páginas do *Correio dos Ferroviários* em sua primeira fase, percebemos que essa figura era aquela preparada para o casamento. A mulher ideal deveria cultivar habilidades que a tornassem interessante para o marido e capaz de cuidar melhor da família, cumprindo, assim, seu papel em prol da Pátria.

Em carta enviada pelo conselheiro José de Feliciano para sua filha em 1867, por ocasião de seu casamento, e publicada integralmente na edição de setembro de 1934 do *Correio dos Ferroviários*, a mulher ideal é caracterizada como aquela que ao ser entregue pelo pai ao marido, deve considerar que “não há, para ela, bem mais precioso que o amor de seu marido; e nunca esqueças que a boa ou má mulher, é sempre quem faz o bom ou mau esposo” (*Correio dos Ferroviários*, ano 1, n. 12. Set. 1934, p. 458). Feliciano esclarece que a boa esposa deve ser apresentável, agradável, cortês, mas na medida certa, pois olhares e sorrisos mal interpretados poderiam prejudicar sua reputação e moral. Ao ser interessante, a mulher deveria evitar “eclipsar” seu marido.

Percebe-se que no início dos anos 1930, diante das pressões do movimento feminista e de mudanças sociais, o *Correio dos Ferroviários* recorreu, diversas vezes, a imagens idealizadas das famílias, de um passado que deveria ser resgatado. Assim como a carta de Feliciano para sua filha, outros textos apresentavam o resgate de valores tradicionais como o caminho para a manutenção da família e, portanto, da ordem social.

As comparações entre o comportamento das mulheres modernas e das mulheres das décadas anteriores evidenciava que a ordem social seria garantida se as mulheres aceitassem suas funções primordiais de mãe e esposa, deixando a esfera pública para os homens, como sempre fora.

4.1.1 Narrativas de Advertência

Na edição de novembro de 1935 da "Página Feminina" do *Correio dos Ferroviários*, foi publicado o conto "O cofre de prata", que narra a história de tia Clotilde, uma mulher que, por não se casar com o amor de sua vida devido à desaprovação dos pais, viveu uma vida miserável e solitária, sendo um estorvo para

a família até sua morte. Histórias como essa, que advertiam as leitoras e leitores sobre os infortúnios de uma vida sem marido e filhos, eram comuns na revista.

As advertências também surgiam de forma mais sutil, como nos adjetivos escolhidos por Raul Gomes para referir-se a Maria Montessori, na edição de junho de 1935, para explicar para os/as leitores os benefícios da narração de histórias para as crianças:

Não tendo sido mãe, queria as crianças formalizadas, positivas e realísticas, e não admitia o maravilhoso em seus rígidos programas. Pode, porém, com o tempo mais que a secura da solteirona, o instinto feminino da maternidade, e a mestra excelsa retificou a sua antiga opinião, concordando, em obras recentes, com a propinação de contos à avidez infantil (Correio dos Ferroviários, ano 2, n. 9, junho 1935, p. 357).

Além de destacar o infortúnio e a vergonha da solteirice, as narrativas também advertiam sobre as consequências que poderiam recair sobre mulheres casadas cujos comportamentos destoassem do esperado. Abandonadas, esquecidas, arrependidas – as mulheres que não zelavam por sua honra poderiam preferir a morte ou até mesmo o suicídio. Um exemplo é a personagem Mariana, da crônica "Sonho Desfeito", de "Ceci", que narra a história de uma camponesa enganada por Matias, levando-a ao suicídio enquanto ele segue para a cidade para enganar outras mulheres (Correio dos Ferroviários, ano 1, n. 3, dez. 1933, p. 78).

A violência contra as mulheres também é relativizada em "Coisas da vida!", crônica de Manoel Teixeira, onde o autor narra a história de João, um marido abandonado pela esposa que, após deixá-lo, se casa com outro homem. Em defesa de sua honra, João mata a ex-esposa a tiros. Em destaque na página da revista, aparece a frase: "Uma dignidade ultrajada, requer bem uma vida" (Correio dos Ferroviários, ano 1, n. 5, fev. 1934, p. 157).

Quando se tratava da defesa da família, as advertências sobre os impactos negativos do divórcio também apareciam nas histórias. A mulher digna e honesta deveria ficar ao lado do esposo em qualquer situação. Citando os preceitos da igreja católica com frequência, o matrimônio era representado como uma união sagrada e indissolúvel.

4.2 Diálogos em Pseudônimos: o comportamento feminino em debate nas páginas do *Correio dos Ferroviários*

Na edição de novembro de 1935 do *Correio dos Ferroviários*, encontramos um texto assinado pelo pseudônimo “Capitão X”, na “Crônica Mensal”, em que o autor dedica um texto para responsabilizar as mães modernas pelo abandono de muitas crianças para manterem-se na “vida desregrada”:

[...] Haverá ventura maior para dois entes que se amam, ao unirem-se, pensarem no futuro, nos filhos que virão encher de alegrias os momentos de sua existência? Para quem se casa, um filho deve ser toda a aspiração e, para ele deve convergir todo o amor de seus pais, porque não é ele somente o seu reflexo, como também quando chega a velhice, um protetor. As mães de hoje parecem não compreender isso e receosas de perderem a mocidade cedo, evitam te-los e, quando isso não podem fazer atiram com eles para qualquer canto, pouco ligando se alguém velara ou não por eles... E elas continuam na vida desregrada que idealizam, sem ter sentimento algum no coração empedernido pela vaidade dominadora, sacrificando assim os rebentos de seus amores, os quais irão viver sob o jugo de outrem, impedidos de pronunciarem com devido respeito e amor esse nome sublime que é mãe. (*Correio dos Ferroviários*, ano 3, n. 2, novembro de 1935, p. 74)

Na edição seguinte, de dezembro de 1935, “Capitão X” recebeu uma resposta tão direta quanto sua mensagem de “Uma leitora” (pseudônimo), que logo no início de seu texto justifica que “vou principiar o meu ataque, não gosto de lisonjas, aliás já referi que sou franca. Mas minha espécie de franqueza não dispara as palavras sem pensá-las” (*Correio dos Ferroviários*, ano 3, n. 3, dezembro de 1935, p. 118).

“Uma leitora” lembra-o que as mulheres não fazem os filhos sozinhas, e critica a omissão de “Capitão X” sobre não mencionar a culpa dos pais que abandonam as crianças: “Se estas desgraçadas mães, pelas circunstâncias tristes se viram na contingência de lhes negar afeto e carinho, os pais espontaneamente negaram-lhes o pão, o teto, o agasalho e a instrução” (*Correio dos Ferroviários*, ano 3, n.3, dezembro de 1935, p. 119). Defende também o direito das mães de trabalharem, afirmando que essas não têm menos valor que aquelas que ficam em casa com as crianças.

Essa crônica mensal é parte de um “diálogo” que se estendeu até a edição de fevereiro de 1936. Uma vez que Ilnah Secundino era a responsável pela “Página Feminina” nesse período e que a pauta do direito das mulheres ao trabalho era abertamente defendida por ela, é muito provável que fosse ela “Uma leitora”.

O ataque de “Capitão X” permitiu que “Uma leitora” pudesse tratar desse tema de forma mais direta e contundente, pois respondia a um ataque. Além disso, o uso de pseudônimos protegia ambos de reações controversas. Nesse sentido, esses diálogos tornam-se objetos interessantes de análise, justamente por apresentarem discursos mais diretos, menos mediados por outros fatores.

Esse diálogo ocorreu em um período em que as mulheres haviam acessado importantes conquistas a partir da pressão dos movimentos feministas. Além da conquista do direito ao voto, em 1932:

As lideranças feministas que negociaram com Getúlio Vargas a franquia do voto apresentaram-se à cena política como porta-vozes das mulheres trabalhadoras e pressionaram o governo e o Congresso Constituinte (1933-1934) para assegurar a proteção da mulher trabalhadora nas seguintes situações: na maternidade (licença pós-parto e garantia de emprego após a gestação), igualdade salarial com os homens pelo mesmo trabalho realizado, igualdade de acesso a carreiras públicas por intermédio de concurso e fim das restrições ao trabalho de mulheres casadas (Marques, 2016, p. 572)

Portanto, quando esse diálogo se travou nas páginas do *Correio dos Ferrovários*, movimentos como a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) atuavam para que o trabalho feminino tivesse amparo na legislação, por meio de leis de proteção à maternidade e cuidados da família. As discussões acerca do trabalho feminino acabavam por envolver questões sobre maternidade, família e cuidados das crianças, visto que esses aspectos eram vistos como responsabilidades essencialmente femininas. Assim, “Capitão X” apresentava um argumento que buscava relacionar o acesso das mulheres ao trabalho ao abandono infantil.

Entre setembro de 1939 e fevereiro de 1940, houve um interessante diálogo entre “Capitão X”, “Eneida de Vigílio” e “Alguém”. Na seção feminina da edição de outubro de 1939, foi publicado o texto intitulado “A Mulher e o Trabalho”, assinado por “Eneida de Vigílio” (pseudônimo), como resposta ao “Capitão X” (pseudônimo), que na edição anterior havia criticado as mães modernas, acusando-as de serem desleixadas. Nas edições seguintes, “Eneida de Vigílio” teve suas ideias contestadas por “Alguém” (pseudônimo), dando continuidade ao debate.

Em seu texto, “Eneida de Vigílio” defende que as mulheres devem acessar cargos de chefia, visto que demonstram mais dedicação que os homens nos espaços de trabalho. Em tom provocativo, Eneida destacou que “não é a concorrência do

trabalho o que ele teme, pois os vencimentos ainda são díspares, mas a concorrência do prestígio” (Correio dos Ferroviários, ano 7, n. 1, outubro de 1939, p. 36).

Em sua resposta, na edição seguinte da revista, “Alguém” defende que por determinações biológicas, às mulheres cabe a maternidade e cuidados do lar. Até mesmo o período menstrual foi citado como empecilho para que as mulheres pudessem atuar no serviço público. Quanto aos cargos de chefia, “Alguém” defende que as mulheres não teriam capacidade para isso, sempre preocupadas com futilidades, como moda e maquiagem (Correio dos Ferroviários, ano 7, n. 2, nov-dez. de 1939, p. 56).

Nesse diálogo, é interessante perceber a tática utilizada por “Eneida de Virgílio” na revista. Quando o texto que deu início a essa discussão foi publicado em outubro de 1939, ele estava inserido na seção *Correio Feminino*, dirigida por Leonor Castellano naquele período. A inserção na seção feminina, o estilo da linguagem utilizada no texto e mesmo a escolha do tema indicam fortemente que “Eneida de Virgílio” seja, na verdade, Leonor Castellano, feminista e intelectual que já defendia posições semelhantes em outros periódicos e círculos sociais. Porém, a autora optou por usar um pseudônimo ao tratar de um posicionamento polêmico defendido de forma tão enfática, pois sabia que provavelmente causaria reações indignadas. Dessa forma, evitaria receber ataques diretos e não colocava em risco a seção feminina (se as opiniões apresentadas por “Eneida de Virgílio” causassem muita polêmica, ela poderia apenas retirar-se da seção).

Após a resposta de “Alguém” na edição seguinte⁴⁶, há um contra-argumento de Eneida de Virgílio na edição de janeiro de 1940⁴⁷. Dessa vez, seu texto não está no *Correio Feminino*, mas é apresentado logo após essa seção. Assim, é possível inferir que diante de reações negativas, “Eneida de Virgílio” tenha sido separada da seção feminina para não a colocar em risco ou sob ataques. A discussão finalizaria com mais um texto de “Alguém”, na edição de fevereiro de 1940⁴⁸. As várias páginas dedicadas à essa discussão mostram que o diretor da revista, Antonio Dantas, foi favorável à publicação. De certa forma, a polêmica costuma atrair a atenção de leitores, que se identificam com um ou outro lado das histórias.

⁴⁶ Correio dos Ferroviários, ano 7, n. 2/3, nov.-dez. de 1940. “A Mulher e o Trabalho”.

⁴⁷ Correio dos Ferroviários, ano 7, n. 4, janeiro de 1940. “A Mulher e o Trabalho”. Eneida de Virgílio.

⁴⁸ Correio dos Ferroviários, ano 7, n. 5, fevereiro de 1940. “A Mulher e o Trabalho”. Eneida de Virgílio.

Tática é compreendida aqui como ação calculada, daquele que “não tem por lugar senão o do outro e por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha” (Certeau, 1994, p. 100). Tanto Inah Secundino quanto Leonor Castellano, envolvidas com as discussões feministas de seu tempo, tinham consciência do espaço em que estavam inseridas no *Correio dos Ferroviários*.

Assim, para defender seus pontos de vista, precisavam recorrer a certas táticas. É nesse sentido que, à primeira vista, o conteúdo das seções femininas organizadas pelas duas pode parecer paradoxal quando comparados aos textos escritos sob pseudônimos, ou sobre posicionamentos defendidos fora da revista.

Ao mesmo tempo em que defendem a maternidade e o matrimônio, também sugerem que a mulher deve ter acesso à educação e ao trabalho como forma de emancipação e liberdade. Porém, em um meio masculino como era o *Correio dos Ferroviários*, onde as relações de poder não pendiam para o lado das mulheres, reiterar a maternidade como objetivo maior era uma forma de inserir outras ideias. Não seria possível apresentar um discurso totalmente dissonante daquele que a revista enunciava.⁴⁹

Além disso, é importante destacar que, ao se envolverem com as discussões feministas, a visão de mundo das autoras também regulava a leitura que faziam do feminismo e de suas pautas. As mulheres colaboradoras que escreviam para o *Correio dos Ferroviários* eram nascidas, em sua maioria, no início do século XX. Assim, tiveram acesso à educação de acordo com os padrões da época para as meninas.

A educação das meninas, naquele período, deveria priorizar uma formação prática em conformidade com suas “aptidões naturais”. Ou seja, a educação das meninas deveria prepará-las para exercerem a maternidade e as funções de esposa, em primeiro lugar e, em segundo lugar, para o trabalho, apenas em caso de necessidade econômica.

⁴⁹ Essa leitura é respaldada na interpretação sobre a atuação de Bertha Lutz e suas companheiras feita por Rachel Sohiet (2000). A autora discorda das interpretações que consideravam que as “feministas dessa vertente teriam evitado assumir posições radicais de contestação em relação aos homens, mantendo-se numa atitude contemporizadora, em nada alterando os padrões da dominação sexual” (2000, p. 107). Do ponto de vista de Sohiet, elas fazem uso de táticas, por compreenderem que nas condições em que se desenvolvia a luta feminista no país, não havia, naquele momento, espaço para uma outra opção. Havia que exaltar a maternidade, valor uníssono na sociedade brasileira, especialmente para aqueles que ocupavam posições de poder e que tinham acesso aos meios de comunicação na época.

Cuidava-se de oferecer às mulheres livros que transmitissem lições moralmente sadias e apresentassem modelos de mulheres admiráveis. A Revista Feminina ofereceu a suas leitoras duas coleções de livros garantidamente “instrutivos, morais e de alto valor artístico”. Afora alguns livros infantis e diversas peças teatrais e livros de poesia, essas coleções compunham-se de romances românticos (Besse, 1999, p. 133).

Em Curitiba (Paraná), o pensamento positivista foi muito difundido durante a Primeira República. Em sua concepção sobre a mulher, a diferenciava do homem destacando sua capacidade de sentir, sua afetividade e seu altruísmo, que colaboraria na regeneração da humanidade ao cumprir sua função materna, provendo educação moral aos filhos (Trindade, 1996). Portanto, sob essa concepção, a educação das mulheres deveria enfatizar suas características naturais e prepará-las para cumprir sua missão materna. Recitar poesias, tocar piano, pintura e desenho, eram atividades que estavam de acordo com as características femininas e os papéis que cumpririam na sociedade.

Na edição de fevereiro de 1939, quando Castellano estreia como colaboradora da revista, ela explica às leitoras e “colaboradoras assíduas” que após conversar com o diretor da revista, ficou combinado que qualquer texto que as mulheres quisessem que fossem publicados na revista, deveriam ser encaminhados diretamente para a direção do Correio Feminino.⁵⁰ Até aquele momento, a equipe editorial, dirigida por Antonio Dantas, selecionava textos enviados por leitores/as e publicava na revista. Castellano explicou porque seria importante que os textos das colaboradoras passassem a ser enviados para ela:

E eu lhes digo, minhas caras patrícias, será um bem para todas. Pois que com a continuação e progresso dos trabalhos femininos a serem estampados, acontecerá com eles o que acontece conosco na vida prática, quando tomamos um *bond* lotado: os marmanjos ficam sentados e nós... de pé! Explico-me: se acontecer, de a redação, receber muitos trabalhos e se não houver espaço para publicá-los, num instante os nossos colegas reclamarão a sua autoridade de “antigos” e dirão mais: Ora bolas! Até aqui elas querem tomar nossas atribuições? Bem como no *bond* lotado. Eles nos olham com superioridade e pensam: “Bem feito. Não quiseram se hombrrear conosco? Pois viagem de pé. Nós chegamos primeiro”. Daí a razão de reunir os trabalhos femininos (Castellano, Correio dos Ferroviários, ano 6, n. 5, fev. 1949).

Castellano, uma feminista que se identificava com as ideias do feminismo da primeira onda, mais especificamente com aquele de Bertha Lutz e suas companheiras, demonstrava aproximação em sua estratégia com as experiências de

⁵⁰ Caixa do Correio Feminino. Correio dos Ferroviários, ano 6, n. 5, fevereiro de 1939, p. 96.

luta desse movimento feminista, que apostava na mobilização coletiva das mulheres como forma de fortalecerem-se e reivindicarem seus direitos.

Na revista, nos deparamos com a complexidade do feminismo destas mulheres, que não eram meras reprodutoras destas ideias, mas articulavam estas discussões com suas próprias realidades e visões de mundo, resultando em um feminismo “do bem”, como definiram em alguns momentos.

No próximo tópico, analisaremos como a revista abordava o papel da mulher na família e como essas representações se aproximavam ou afastavam dos ideais emergentes de emancipação feminina.

4.3 A mãe ferroviária: “o futuro de um filho é sempre obra de uma mãe”

Após a Primeira Guerra Mundial, a maternidade passou a ser pensada a partir de novos ângulos. No Brasil, a maternidade tornou-se objeto de reflexões e intervenções da ciência a partir dos anos 1920, principalmente. Com o projeto modernizador republicano, que depositava na infância as esperanças de um futuro melhor para o país, o cuidado com as crianças tornou-se um tema central no campo científico, educacional, jurídico e político.

As ideias discutidas no âmbito científico passaram a ser incorporadas ao cotidiano das mães. Postos de puericultura foram criados, onde as mães recebiam lições sobre os cuidados adequados com os bebês, cartilhas, campanhas do governo, proposição de leis, entre muitas outras ações, contribuíram para que as mães tomassem conhecimento dessas novas práticas.

A imprensa, nesse sentido, também teve papel de destaque. Discutimos anteriormente a inserção dos textos do Dr. Homero Braga no *Correio dos Ferroviários*, mas ele não foi o único. E, vale citar, além das revistas e jornais, o rádio também foi um dos meios utilizados para a formação das mães – o dr. Homero Braga apresentava um programa de rádio para as mães.

Além de explicar como cuidar dos filhos de acordo com os preceitos científicos, os médicos condenavam certas práticas, como o “curandeirismo” que, segundo o Dr. Tacio Guerreiro explicou aos leitores, era uma forma de exercício ilegal da medicina e uma prática nada razoável vinda dos ferroviários, “que por intermédio de suas cooperativas possuem um departamento de saúde bem organizado e eficiente, onde

todos poderão ser tratados cientificamente” (Correio dos Ferroviários, ano 11, n. 8, ago. 1944).

Entre fevereiro e março de 1936, a dra. Jandira Wantroba, pediatra, escreveu na seção Consultório Médico, onde respondeu as dúvidas das leitoras. Não há informações sobre os motivos para a que a seção não tenha seguido. Sobre as dúvidas enviadas, eram de mães pedindo dicas sobre alimentação das crianças e amamentação dos bebês. Assim, nota-se que os conhecimentos médicos tinham certo prestígio entre os/as leitoras.

Além de lições para o cuidado da saúde física das crianças, eram veiculados textos que, embasados na psicologia e pedagogia moderna, refletiam sobre aspectos da formação da personalidade da criança e como as mães e pais deveriam proceder nas relações com os filhos. Além da delicadeza e amabilidade das mães, compreendidas na revista como características das mulheres, as mães deveriam ser cuidadosas com as leituras das crianças, com os temas que discutiam e como o faziam. Na edição de outubro de 1943, o Dr. Arlindo de Costa Barros reafirma a educação das crianças como responsabilidade das mães, principalmente, e as instrui:

As histórias de monstros, os sustos, os abusos são para as crianças como estepes invisíveis que lhes crivam na carne e que as ferram por toda a vida – escreve Angelo Mosso. Há também o mau hábito de se referirem algumas mães à escola como um castigo as travessuras dos primeiros anos, quando, muito ao contrário, devem inculcar nos filhos amor a futura mestra, facilitando assim a tarefa desta última. Os livros devem ser cuidadosamente escolhidos. Instruir divertindo – eis o fim da pedagogia moderna. (Correio dos Ferroviários, ano 10, n. 10, out 1943, p. 10).

Assim, se em relação ao matrimônio e o comportamento da esposa era comum que os colaboradores recorressem ao passado como ideal de comportamento, no que se refere à educação das crianças, prevalecia um olhar para o futuro, em que a alimentação, a educação, o afeto, as brincadeiras, eram pensadas do prisma “científico”. A revista educava as mães para que aderissem a essas práticas em detrimento das antigas.

Na seção feminina, também encontramos orientações para as mães. Se as colaboradoras da seção feminina nem sempre tiveram consenso sobre o matrimônio, o trabalho e a educação feminina, a maternidade era amplamente valorizada. Conectadas com os discursos que evidenciavam a educação das crianças como uma forma essencial de contribuir com o progresso da nação, as colaboradoras do *Correio*

dos Ferroviários também defenderam a maternidade nesse sentido. Na edição de fevereiro de 1945, sob a direção de Corina Santos, as mães são orientadas sobre como deveriam cuidar das filhas:

Não sendo a beleza um dom que todos recebem ao nascer, cabe às mães o dever de luta para que as suas filhas possam, pelo menos, possuir um belo e atrativo físico. Além de seus deveres específicos de prevenir na criança a anemia, o estrabismo, o raquitismo, enfraquecimento dos dentes etc. - o que não deixa de ser indispensável para a beleza - têm ainda o dever de formar na criança certos hábitos que contribuam para o seu perfeito desenvolvimento, o que constituirá, sem dúvida, um grande passo para o seu êxito no futuro.

Aos seis, não é muito cedo para que a menina comece a aprender a lavar o rosto sem que a ajudem; brincando pode-se ensiná-la a fazer espuma de sabão e passar pelo rosto com movimentos dirigidos para cima e para fora [...] (*Correio dos Ferroviários*, ano 12, n. 2, fevereiro de 1945).

Essas orientações sobre a beleza e cuidados com a saúde e aparência não eram dirigidas somente às crianças. As mulheres eram lembradas da importância das atividades físicas para a saúde, ensinadas sobre como cuidar da pele, como vestir-se de forma a estar apresentável - frisando que a condição social não poderia ser justificativa para roupas abarrotadas, que causassem péssima impressão.

A maternidade era defendida como uma forma de servir à pátria, cuidando dos futuros trabalhadores e das futuras mães. Não encontramos menção nas páginas da revista a ideias que defendessem a liberdade das mulheres sobre a escolha da maternidade.

Entre os discursos mais "modernos" defendido na revista no que se refere à maternidade, houve a defesa de que as mulheres que ficavam em casa para exercer a maternidade, deveriam receber um salário, pois trabalhavam duas vezes mais que um operário. O argumento se apoiava na ideia de que a mulher nasce para ser mãe, e a natalidade depende dela, por isso esse deveria ser um projeto de interesse de todos. O texto foi assinado pelo pseudônimo "A noite".⁵¹ (*Correio dos Ferroviários*, ano 7, n 2/3, nov-dez de 1939, p. 77-78).

Portanto, a maternidade e o matrimônio foram defendidos como as principais atividades das mulheres nas páginas do *Correio dos Ferroviários* em sua primeira fase. Apesar das disputas sobre os papéis e comportamentos femininos nas primeiras

⁵¹ Considerando que nesse período Leonor Castellano era a diretora da seção "Correio Feminino", é provável que este texto tenha sido escrito por ela. Na mesma edição foi publicado o texto "A mulher e o trabalho", assinado pelo "Alguém", em resposta ao texto publicado na edição anterior da revista, assinado por Eneida de Vigílio, no qual ela defendia a indicação de mulheres para os cargos de chefia.

décadas do século XX, com a defesa do trabalho e educação para as mulheres, a manutenção dos papéis femininos tradicionais predominou nas páginas do mensário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre as relações de gênero a partir de um periódico como o *Correio dos Ferroviários* consistiu em um desafio. Existem diversas pesquisas sobre as mulheres e suas representações em periódicos femininos. Porém, analisar as representações das mulheres em um periódico de classe e em um meio compreendido como essencialmente masculino, no qual eram invisibilizadas, significou buscar presença nas ausências, significados nos silêncios aparentes.

Embora o foco dessa pesquisa fosse a representação das mulheres no periódico dos ferroviários da RVPSC em sua primeira fase, foi necessário voltar-se primeiro para os significados em torno da revista, para então articulá-los com as representações das mulheres.

No segundo capítulo, analisamos aspectos da organização dos trabalhadores brasileiros a partir do final do século XIX até meados da década de 1930. Tal análise evidenciou a progressiva mobilização e ampliação de táticas dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros/as, que acumularam experiências e se tornaram mais organizados, ampliando as estratégias, as redes de circulação de ideias, as formas de negociação e o surgimento de lideranças, permitindo-lhes pressionar por melhores condições e direitos e alcançando vitórias importantes.

Entre as categorias de trabalhadores e trabalhadoras mais atuantes nesse período, destacou-se a classe ferroviária. Organizados em sindicatos, negociaram com representantes de empresas e governos, que eram pressionados pelas estratégias de mobilização dos ferroviários. Algumas das maiores greves desse período foram organizadas pelos ferroviários.

Contudo, na Era Vargas, as mudanças na relação com os trabalhadores foi um ponto central do projeto modernizador do governo. Desde o início, foram implementadas medidas como a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio em 1930, e o estabelecimento de um sindicato único para controlar as organizações trabalhistas. O governo utilizou a conciliação de classes para evitar conflitos e consolidou um modelo corporativista em que o Estado mediava as relações entre capital e trabalho.

Em meio às incertezas geradas pelos acontecimentos políticos a partir de 1930 e pela crise no setor ferroviário, o surgimento da revista *Correio dos Ferroviários* foi

percebido em nossa análise como um elemento de mobilização dos ferroviários da RVPCS para conquista de direitos e garantias, e de articulação dos ferroviários da RVPSC no diálogo com os governos local e nacional. Também se evidenciou o uso político da revista a nível institucional pelo grupo de ferroviários que integrava a equipe editorial, visto que havia diferentes visões políticas entre os ferroviários da Rêde.

A revista enfatizava com frequência a sua missão educativa, justificando os esforços para mantê-la como o compromisso para instruir seus leitores. Assim, textos de viés moralizante, em consonância com discursos que circulavam na época, educavam os ferroviários não apenas em questões de trabalho, mas também sobre comportamentos e condutas adequados. Trabalhador, sem vícios, ordeiro, bom pai e bom marido. Esse era o homem ideal.

No terceiro capítulo, analisamos aspectos gráficos e editoriais da revista, mapeando suas principais seções e colaboradores na primeira fase. No aspecto gráfico, a revista estava em consonância com outros periódicos do período. Apesar dos recursos financeiros limitados do projeto, a habilidade de colaboradores da revista possibilitou que produzissem uma revista com boa apresentação visual. Sua identidade visual era mais clássica, sem espaço para experimentações ou inovações, adequando-se à proposta de uma revista para uma categoria de trabalhadores produzida com apoio de uma empresa.

Os objetivos que embasavam o projeto editorial da revista também não pressupunham inovações. Destacando o ímpeto educativo e instrucional como sua missão principal, as seções e tópicos de interesse mais recorrentes durante a primeira fase iam ao encontro dessa missão. Nas entrelinhas, porém, percebemos os usos da revista nos jogos políticos e nas disputas de poder entre os ferroviários.

Ao analisar os aspectos gráficos e editoriais da seção feminina da revista, percebemos similaridades em sua identidade visual e tópicos de interesse com outros periódicos femininos da época. Oscilando entre a defesa dos papéis tradicionais femininos e a emancipação das mulheres, percebemos que a valorização dos papéis femininos tradicionais ocupou mais espaço na seção feminina ao longo da primeira fase. Contudo, a “questão feminina” ocupou diferentes espaços na revista, não apenas a seção feminina, despertando debates intensos.

Em articulação com as discussões políticas no início dos anos 1930, quando movimentos feministas lutavam pelo direito ao voto, ao trabalho, educação e divórcio

para as mulheres, na esteira de acontecimentos como a Constituinte de 1934, verificou-se uma disputa mais direta e acirrada sobre os papéis femininos na revista nesta época. Assim, analisamos intensos “diálogos” encontrados nas páginas da revista, assinados por pseudônimos, em que o trabalho feminino estava em discussão. De um lado, os argumentos favoráveis destacavam a competência das mulheres e, do outro, o relacionavam ao abandono infantil e a destruição das famílias.

Foi interessante perceber o uso tático da revista pelas colaboradoras para conseguirem ocupar mais espaços na revista e/ou falar de temas que provocavam mais reações negativas. Elas aproveitaram oportunidades para influenciar o conteúdo da revista, apesar de não terem controle sobre as decisões editoriais.

Com a ascensão da ditadura varguista, estas disputas tornaram-se menos evidentes nas páginas do *Correio dos Ferroviários* e os discursos mais conservadores e tradicionais ocuparam mais espaço, com a prevalência de conteúdos como dicas de moda, dicas de cuidados com o lar, como cuidar dos filhos etc.

Finalmente, a análise das representações das mulheres na primeira fase do *Correio dos Ferroviários* destacou que os papéis de mãe, esposa e rainha-do-lar foram predominantes em suas páginas.

A abordagem poderia ser alarmista, com textos diretos que abordavam o risco de caos social a partir da eminente destruição das famílias, que era relacionado ao trabalho feminino e as mudanças de comportamento das mulheres que buscavam maior acesso aos espaços públicos. Uma abordagem menos direta ocorria por meio de contos e crônicas que evocavam um passado idealizado, quando as mulheres cumpririam suas funções de esposa e mãe sem tentar “inverter” papéis. As narrativas publicadas na revista funcionavam como advertências, retratando mulheres que não se casavam ou não seguiam os padrões sociais como figuras infelizes e marginalizadas.

De fato, os discursos para e sobre as mulheres na revista colocavam o casamento e a família como a medida das ações das mulheres. Instruir-se era importante para melhor exercerem os papéis de esposa e mãe. Assim, a revista divulgava conteúdos sobre economia doméstica e, nos períodos de crise, dicas de como economizar nos cuidados do lar.

A Página Infantil, seção dedica aos pequenos/as leitores/as, contava com uma coluna com conselhos para as meninas, com orientações sobre o comportamento e a aparência que as meninas deveriam ter para serem agradáveis.

Na esteira da maternidade científica, a revista divulgava conteúdos produzidos por médicos direcionados às mães, com orientações sobre como cuidar adequadamente da alimentação e higiene das crianças. O discurso científico também servia de referência para lições sobre como educar os filhos e filhas adequadamente.

A mulher ideal nas páginas do *Correio dos Ferroviários*, era aquela que contribuía com o futuro da nação ao cuidar adequadamente dos filhos, futuros trabalhadores, e das filhas, futuras mães e esposas.

A análise também vislumbrou aspectos da inserção das mulheres de classe média urbana no meio intelectual e do uso de estratégias que lançaram mão para conseguirem se inserir em determinados espaços. As leituras sobre Ilnah Pacheco e Leonor Castellano evidenciaram os problemas de inserir os indivíduos em categorias, como se houvesse uma uniformidade de pensamentos e ações. Elas foram feministas, mas as leituras que fizeram do feminismo e seus usos foram permeadas por seu meio, suas relações. Nesse sentido, os possíveis estranhamentos que a seção feminina poderia causar – dicas de etiqueta e discursos de emancipação feminina na mesma seção - se desfazem ao compreendê-las enquanto indivíduos inseridas em uma realidade complexa, composta por diferentes esferas e marcadas por relações de poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A NOITE (pseud.). Um salário para a mulher que cuida dos filhos. **Correio dos Ferroviários**, ano 7, n. 2-3, nov-dez. de 1939, p. 77-78.

AGUIAR, P. **Correio dos Ferroviários**, ano 7, n. 2-3, nov-dez. de 1939.

ALGUÉM (pseud.). **Correio dos Ferroviários**, ano 7, n. 2-3, nov.-dez. 1939, p. 56.

ALMEIDA, A. de L. **Aguilha, novelo, tecido e muito mais**: lições de economia doméstica na Revista Feminina (São Paulo, 1914-1918). 2020. 128 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2020.

BARATA, R. B. Cem anos de endemias e epidemias. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 333-345, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2000.v5n2/333-345/>. Acesso em: set. 2022.

BARROS, A. C. Princípios da educação e instrução indispensáveis para bem formar a personalidade da criança. **Correio dos Ferroviários**, ano 10, n. 10, out. 1943, p. 10.

BARROS, J. D'. A. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Estadual de Maringá**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526860014>. Acesso em: set. 2022.

BARROS, J. D. A. A nova história cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte (MG), v. 12, n. 16, p. 38-63, maio 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38>. Acesso em: set. 2022.

BATALHA, C. H. M. Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade? **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.12, n. 23/24, p.111-123, set. 1991/ago. 1994. Disponível em: http://encontro2012.mg.anpuh.org/resources/download/1245325050_ARQUIVO_claudiobatalha.pdf. Acesso em: 18 mai. 2021.

BESSE, S. K. **Modernizando a desigualdade**: Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo, EDUSP, 1999.

BRAGA, H. **Correio dos Ferroviários**, ano 1, n. 9, jun. 1934, p. 309.

BRAGA, H. Para as mães lerem. **Revista Correio dos Ferroviários**, Curitiba, p. 309, 1934.

BRASIL. Constituição (1937). **Constituição**: dos Estados Unidos do Brasil de 1937. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 1937. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. **Decreto n.º 641, de 26 de junho de 1852. CLBR PUB**, Rio de Janeiro, 31 dez. 1852. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/historicos/dpl/dpl641-1852.htm. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. **Decreto n.º 19.398, de 11 de novembro de 1930. Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, Seção 1, 1930. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19398-11-novembro-1930-517605-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. **Decreto n.º 19.433, de 26 de novembro de 1930. Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, Seção 1, Página 21604, 1930. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19433-26-novembro-1930-517354-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. **Decreto n.º 19.770, de 19 de março de 1931. Planalto**, Rio de Janeiro, 1931. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d19770.htm. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei n.º 5452, de 1º de maio de 1943. Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, p. 11937, 09 ago. 1943. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei n.º 4746, de 25 de setembro de 1942. Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, Seção 1, p. 14483, 28 set. 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4746-25-setembro-1942-414822-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos **Decreto-Lei n.º 5.452 de 1º de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho.**

BORDA, A. **Revista Correio dos Ferroviários**, 1933, n. 1, ano 1, p. 18.

BITTONI, D. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 2. ed. São Paulo: Summus, 2009.

BURKE, P. **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Legislação. **Decreto-Lei n.º 4.746 de 25 de setembro de 1942**. Institui, com personalidade própria de natureza autárquica, a Rede de Viação Paraná-Santa Catarina e dá outras providências. Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1942, 121º da Independência e 54º da República.

CAMPOS, R. D. de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940):** representação e história. 2007. 216 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102331>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CAMPOS, R. D. de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista:** educação e história. São Paulo: Unesp, 2009.

CAMPOS, R. D. de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas (SP), v. 12, n. 1 (28), p. 45-70, Maio 2012. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbhe/v12n01/v12n01a03.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CAPELATO, M. H. R; PRADO, M. L. C. **O Bravo Matutino:** imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CAPITÃO X (pseud.). Crônica mensal. **Correio dos Ferroviários**, ano 3, n. 2, nov. 1935, p. 74.

CARTA DO CONSELHEIRO JOSÉ FELICIANO PARA SUA FILHA. **Correio dos Ferroviários**, ano 1, n. 12, set. 1934, p. 458.

CASTELLANO, L. **Revista Correio dos Ferroviários**, Curitiba, ano 6, n. 5, fevereiro de 1949.

CASTELLANO, L. Correio Feminino. **Correio dos Ferroviários**, ano 6, n. 5, fev. 1939, p. 193-196.

CASTELLANO, L. Caixa do Correio Feminino. **Correio dos Ferroviários**, ano 6, n. 5, fev. 1939, p. 196.

CECI. Sonhos desfeitos. **Correio dos Ferroviários**, ano 1, n. 3, dez. 1933, p. 78.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CERTEAU, M. de. A operação historiográfica. In: **A escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. Disponível em <https://portalconservador.com/livros/Michel-de-Certeau-A-Escrita-da-historia.pdf>. Acesso em: set. 2022.

CHARTIER, R. **A história cultural:** entre práticas e representações. Tradução de Maria Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Memória e Sociedade).

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Unesp, 2002.

COGGIOLA, O. **As Origens do Movimento Operário e Socialista no Brasil**. 2015. Disponível em:

https://www.academia.edu/18821792/as_origens_do_movimento_oper%C3%A1rio_e_socialista_no_brasil. Acesso em: 11 de setembro de 2022.

COHEN, I. S. Diversificação e segmentação dos impressos. *In*: MARTINS, A. L; De LUCA, T. R. (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

CORDEIRO, A. B. **Luz e caminho aos pequenos**: os primeiros Congressos Americanos da Criança e a Pan-americanização dos saberes sobre a infância (1916 a 1922). 2015. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: http://www.ppge.ufpr.br/teses%20d2015/d2015_andrea%20bezerra%20cordeiro.pdf Acesso em: dez. 2022.

CÔRREA, T. S. A era das revistas de consumo. *In*: MARTINS, A. L; De LUCA, T. R. (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

CORREIO DOS FERROVIÁRIOS. **Correio dos Ferroviários**, ano 1, n. 6, mar. 1934, s/p.

FARINHA ALEGRIA. Propaganda. **Correio dos Ferroviários**, ano 2, n. 10, jul. 1935, s/p.

CORREIO DOS FERROVIÁRIOS. **Correio dos Ferroviários**, ano 2, n. 12, set. 1935, n.p.

CORREIO DOS FERROVIÁRIOS. **Correio dos Ferroviários**, ano 4, n. 5, fev.1937, p.197.

CORREIO DOS FERROVIÁRIOS. **Correio dos Ferroviários**, ano 5, n. 3, setembro de 1937, p.114.

CORREIO DOS FERROVIÁRIOS. **Correio dos Ferroviários**, ano 13, n. 11-12, dez de 1946, p.24.

COUTO, L. B. G. **A formação escolar das mulheres ferroviárias de Alagoinhas-BRASIL (1950-1970)**. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Salvador, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11841>. Acesso em: set. 2022.

COSTA, C. Dispensário Anti-tuberculoso da CAP. **Correio dos Ferroviários**, n. 3, ano 13, maio de 1946, p.18.

COSTA, S. G. Um estimulante encontro com Michel de Certeau: o feminismo tático de Bertha Lutz. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP), v. 27, p. 449-454, jul-dez. 2006.

DENIPOTI, C. **A sedução da leitura**: livros, leitores e história cultural (Paraná 1880-1930). Curitiba: Fi, 1998.

DIETSCH. O. **Revista Correio dos Ferroviários**, ano 1, n. 3, dez. 1933, p. 86.

DOMINGUES, P. “Constantemente derrubo lágrimas”: o drama de uma liderança negra no cárcere do governo Vargas. **Topoi** (Rio de Janeiro), v. 8, p. 146–171, 2007.

ELEUTÉRIO, M. de L. Imprensa a serviço do progresso. *In*: MARTINS, A. L; De LUCA, T. R. (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

ENEIDA DE VIGÍLIO (pseud.). **Correio dos Ferroviários**, ano 7, n. 1, out. 1939, p. 36.

ENEIDA DE VIGÍLIO (pseud.). **Correio dos Ferroviários**, ano 7, n. 4, jan. 1940, p. 155-157.

ESCOLA DE ARTES E OFÍCIOS DO CAJURU. Publicidade. **Correio dos Ferroviários**, ano 3, n. 5, fev. 1936, s/p

FARGE, A. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERRARO, A. R. A trajetória das taxas de alfabetização no Brasil nas décadas de 1990 e 2000. **Educação & Sociedade**, v. 32, n. 117, p. 989–1013, dez. 2011.

FERREIRA, M. N. **A imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.

FRANK, A. **Correio dos Ferroviários**, ano 3, n. 6, março de 1936, p. 228.

FREIRE, M. M. de L. **Mulheres, mães e médicos**: discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920). 2006. Tese (Doutorado) – Casa de Oswaldo Cruz/ Fundação Oswaldo Cruz, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/19793>. Acesso em: set. 2022.

FREITAS, D. G. de. **Entre ofícios e prendas domésticas**: a Escola Profissional Feminina de Curitiba (1917-1974). 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, o Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2011. Disponível em: http://www.ppge.ufpr.br/dissertacoes%20m2011/m2011_Danielle%20Gross%20de%20Freitas.pdf. Acesso em: set. 2022.

FONTES, L. Uma vitória do Correio dos Ferroviários. **Revista Correio dos Ferroviários**, Curitiba, n. 1, ano 9, jan. 1942.

GARCIA, L. B. dos R. **Rio Claro e as Oficinas da Companhia Paulista de Estrada de Ferro**: Trabalho e Vida Operária, 1930-1940. 1992. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Campinas, 1992. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/54347>. Acesso em: 12 set. 2022.

GASPARI, L. T. **No tempo dos trens nas Gêmeas do Iguaçu**: uma viagem ao passado. União da Vitória: FAFIUV, 1. ed. v. 1, 2011.

GIL, N. Analfabetismo da população brasileira nas análises de Giorgio Mortara sobre o censo de 1940. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 39, p. e0213, 12 set. 2022.

GOMES, R. A arte de contar histórias. **Correio dos Ferroviários**, ano 2, n. 9, jun. 1935, p. 357.

GRANDI, G; INOUE, L. M. A reinvenção do paternalismo: a Companhia Paulista de Estradas de Ferro entre as décadas de 1920 e 1940. **América Latina en la Historia Económica**, [online], v. 28, n. 1, 2021.

GUEDES, H. **Correio dos Ferroviários**, n. 4, ano 01, janeiro de 1934, p. 119.

GUERREIRO, T. Exercício ilegal da medicina - curandeirismo. **Correio dos Ferroviários**, ano 11, n. 8, ago. 1944.

HAHNER, J. **A mulher brasileira: suas lutas sociais e políticas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

HARRES, M. M. **Ferroviários: disciplinarização e trabalho - VFRGS 1920-1942**. 1992. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Pós-graduação em História, Porto Alegre, 1992. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2019/06/ferrovi%C3%A1rios-disciplinariza%C3%A7%C3%A3o-trabalho-VFRGS-1920-1942.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

HOBSBAWM, E; RANGER, T (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 1997.

JAMBEIRO, O.; *et al.* **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação** [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/3yd/pdf/jambeiro-9788523212414.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

JINZENJI, M. Y. **Cultura Imprensa e Educação da Mulher: Lições de política e moral no periódico mineiro O Mentor das Brasileiras (1829-1832)**. 2008. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-7D9PET/1/tese_final.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

JOTA. O feminismo. **Correio dos Ferroviários**, Curitiba, ano 1, n. 7, abr. 1934, p. 229.

JOTA. **Revista Correio dos Ferroviários**, Curitiba, ed. com, set. 1934.

KAMINSKI, R. **Revistas Curitibanas: 1900-1920**. Disponível em: <http://www.revistascuritibanas.ufpr.br/index.php>. Acesso em: 20 jun. 2022.

KARAWAJCZYK, Mônica. O Feminismo em Boa Marcha no Brasil! Bertha Lutz e a Conferência pelo Progresso Feminino. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 26, n. 2, 2018. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/49845>. Acesso em: 14 set. 2022.

KROETZ, L. R. **As Estradas de Ferro do Paraná (1880-1940)**. 1985. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

KRUGER, E. **Revista Correio dos Ferroviários**, Curitiba, ano 1, n. 5, fev. 1934, p.148.

LENHARO, A. **A sacralização da política**. Campinas, Papirus, 1986.

LINS, H. B. **Revista Correio dos Ferroviários**, ano 1, n. 1, out. 1933, p. 12.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LUCA, T. R. de. **Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MACHADO, V. M. P. (2022). **A formação educacional no caminho dos trilhos ao som do apito do trem: escolas profissionais ferroviárias na Rede Viação Paraná Santa Catarina (1933-1973)**. (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação)

MACIEL, M. E. de S. A eugenia no Brasil. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 7 n. 11, 1999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6545/3897>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MALUF, M; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. *In*: NOVAIS, F. A; SEVCENKO, N. **A história da vida privada no Brasil**. v. 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, A. L. **Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República**, São Paulo (1890 – 1922). 1ed. São Paulo: Editora da USP: FAPESP, 2008.

MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARQUES, T. C. N. A regulação do trabalho feminino em um sistema político masculino, Brasil: 1932-1943. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, v. 29, n. 59, p. 667–686, dez. 2016.

MEIRELLES, J. G. A imprensa como locus de saber. *In*: **Política e cultura no governo de Dom João VI: imprensa, teatros, academias e bibliotecas (1792-1821)**. [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2017. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/bxsqj/pdf/meirelles-9788568576878.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MIGUEL, M. E. B. Nota biográfica em comemoração ao nascimento de Eny Caldeira. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 62, out/dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/4ywgrx7rvc9bbdp9vzvpfyj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MONTEIRO, C. Ferroviários em greve: relações de dominação e resistência na RVPSC. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, vol.12, n.1, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2236>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MONTEIRO, C. “**Fora dos trilhos**”: as experiências da Militância Comunista na Rede de Viação Paraná Santa Catarina (1934-1945). 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação História, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13392/000639653.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MYSKIW, A. M. Curitiba “República das Letras” (1870/1920). **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 2, n. 3, Jan/Jun. 2008. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/266/228>. Acesso em: 15 jun. 2022.

O COFRE DE PRATA. Página Feminina. **Correio dos Ferroviários**, ano 3, n. 2, nov. 1935, p. 71-72.

O DIA. **O Dia**, 24 abr. 1946.

OLIVEIRA, I. **Revista Correio dos Ferroviários**, Curitiba, n. 9, ano 11, jun. 1935.

OLIVEIRA, R. C. de. Notas sobre a política paranaense no período de 1930 a 1945. **Revista de Sociologia e Política**, [S.l.], n. 09, p. 47-56, dez. 1997. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/39297/24116>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

OLIVEIRA, E. R. de; CORREA, L. M. História ferroviária e pesquisa: a consolidação da temática nas pesquisas de pós-graduação no Brasil (1972-2016). **Topoi (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 140-168, Mai/Ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/DLscYCwN99fDGVxgNzG59qj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2022.

OSTOS, N. S. C. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 39, p. 313–343, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/TDrLgsgZ78XxyrcLm5yCxVv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2021.

OSTOS, N. S. C. **Terra adorada, mãe gentil**: representações do feminino e da natureza no Brasil da Era Vargas, 1930-1945. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, o Programa de Pós-Graduação em História, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VGRO->

7X3RBY/1/disserta__o_de__natascha_stefania_carvalho_ostos.pdf. Acesso em: 20 jun. 2021.

PATTO, M. H. S. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. **Estudos Avançados**, v. 13, n. 35, p. 167–198, 1 abr. 1999.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/fhHv5BQ6tvXs9X4P3fR4rtr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2021.

PEDRO, J. M.; SOIHET, R. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/QQh4kZdCDdnQZjv6rqJdWCc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jun. 2021.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. (tradução M. S. Correa). 2ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PETUBA, R. M. S; SILGRE, R. R. de B. Conflitos e experiências dos trabalhadores ferroviários na Rede Viação Paraná Santa Catarina (RVPSC), Cidade de Ponta Grossa/PR (1940-1960). **TRAJETOS – Revista de História da UFC**, Fortaleza, v.6, n.11, 2008.

PILOTTO, O. **Cem anos de imprensa no Paraná (1854-1954)**. Curitiba, IHGEP, 1976.

PINTO, C. R. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2003.

POSSAS, L. M. V. **Mulheres, trens e trilhos: modernidade no sertão paulista**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

PRIORI, M. del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2006.

RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? **Educar em Revista (18) - Dossiê História da Educação: instituições, intelectuais e cultura escolar**, Curitiba, Editora da UFPR, n.18, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602001000200003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 jun. 2022.

RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

REVISTA CORREIO DOS FERROVIÁRIOS. Curitiba, 1933-1946.

ROCHA, L. C. P. da. **Políticas afirmativas e educação**: a Lei 10639/03 no contexto das políticas educacionais no Brasil contemporâneo. 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curso de Mestrado em Educação e Trabalho, Curitiba, 2006. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/marco2012/historia_artigos/3rocha_dissertacao.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

ROMANOVSKI, N. **Um grupo abstrato**: cultura, geração e ambições modernas na revista Joaquim. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Programa de pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2014. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-11052015-161821/publico/2014_NataliaRomanovski_VCorr.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

SALGUEIRO, E. de M. Notas sobre as representações do “feminino” nas páginas da revista Brasil-Oeste. **História Revista**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 129–158, 2014.

Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/31222>. Acesso em: 26 jun. 2022.

SALTURI, L. A. Paranismo, movimento artístico do sul do Brasil no início do século XX. **Revista Periféria**, [online], n. 11, p. 11-22, Dez. 2009. Disponível em:

<https://ddd.uab.cat/pub/periferia/18858996n11/18858996n11a7.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SANCHES NETO, M. **A reinvenção da província: a revista Joaquim e o espaço de estreia de Dalton Trevisan**. 1998. Tese de doutorado Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas. Disponível em: www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269918. Acesso em: 10 nov. 2022.

SANTOS, C. Página da Mulher. **Revista Correio dos Ferroviários**, Curitiba, ano 13, n. 2,3 e 4, fev./mar./abr. 1946, p. 42.

SEABRA, E. P. O movimento operário na Primeira República. In: Simpósio Nacional de História – ANPUH, XXVI, 2011, São Paulo. **Anais...**São Paulo, 2011. Disponível em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300152285_arquivo_trabalhosemresumoanpuh.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

SECUNDINO, I. P. Página Feminina. **Correio dos Ferroviários**, ano 1, n. 12, setembro de 1934, p. 491-492.

SECUNDINO, I. P. Página Feminina. **Correio dos Ferroviários**, ano 11, n. 9, junho de 1935, p.365

SECUNDINO, A. P. (org.). **Coletânea Ilnah Secundino**. Rio de Janeiro: Publicação própria, 2005.

SEIXAS, L. S. **“O feminismo no bom sentido”**: o Centro Paranaense Feminino de Cultura e o lugar das mulheres no mundo público (1933-1958). 2011. Dissertação

(Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em História, Curitiba, 2011.

SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. *In*: REMOND, R. (org). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003.

SCHMITZ, M. E. Estação Ferroviária de Pelotas: espaço de sociabilidade, visualidade e memória urbana. **RESGATE - Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 20, p. 87-96, 2012.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, jul./dez. 1990. Traduzido da versão em francês.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SEGNINI, L. R. P. **Ferrovia e ferroviários**: uma contribuição para a análise do poder disciplinar na empresa. São Paulo: Autores Associados, 1982.

SIMÕES JUNIOR, A. S. **Estudos de literatura e imprensa**. São Paulo: Editora UNESP - Cultura Acadêmica, 2014. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/f7dr6/pdf/simoes-9788568334478.pdf>. Acesso em: 18 fev 2022.

SOIHET, R. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Editora das Mulheres/EDUNISC, 2006.

SOIHET, R. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.15, p.97-117. nov/dez. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/mJxm348crdgLd4mgqnwMHcd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2022.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo, Martins Fontes. 1966.

SOUZA, Eliezer Félix de; CAMPOS, Nívio de. Imprensa no Paraná e o combate ao analfabetismo: trajetória e pensamento de Raul Gomes (1889-1975). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 13, n. 53, p. 133–152, 2014. DOI: 10.20396/rho.v13i53.8640197. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640197>. Acesso em: 14 set. 2022.

SOUZA, R. M. S. de. **Centro Paranaense Feminino de Cultura**. *Boletim Casa Romário Martins*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 35, n. 145, nov. 2012.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, vol. I, 1987.

TEIXEIRA, M. Coisas da vida. **Correio dos Ferroviários**, ano 1, n. 5, fev. 1934, p. 157.

TIA RITOCA. Tia Ritoca escreve à zangada. **Correio dos Ferroviários**, ano 6, n. 11, ago. 1939, p. 444.

TOLEDO, E. Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 30, no 61, p. 497-518, mai/ago. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/4pzvzkq8cmf54nrbcfc7pcd/>. Acesso em: 16 set. 2022.

TRINDADE, E. M. de C. **Clotildes ou Marias**: mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba, Fundação Cultural, 1996.

TRINDADE, E. M de C; MARTINS, A. P. V. **Mulheres na História**: Paraná, séculos 19 e 20. Curitiba: UFPR, 1997.

TRINDADE, E. M. de C. Augusto Comte e a mulher: o feminino na Primeira República. In: TRINDADE, E. M de C; MARTINS, A. P. V. **Mulheres na História**: Paraná, séculos 19 e 20. Curitiba, UFPR, 1997.

UMA LEITORA (pseud.). *Correio dos Ferroviários*, ano 3, n. 3, dez. 1935, p. 118-119

VERSIANI, F. R. Imigrantes, trabalho qualificado e industrialização: Rio e São Paulo no início do século. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 13, n. 4, p. 576–596, 1 out. 1993.

VIEIRA, C. E. Intelectuais e Educação. **Pensar a Educação em Revista**, Curitiba/Belo Horizonte, v. 1, p. 1-23, 2015. Disponível em: http://pensaraeducacao.com.br/wp-content/uploads/sites/4/2017/04/vol_1_no_1_carlos_eduardo_vieira.pdf. Acesso em: jun. 2022.

VIRGÍLIO, E. **Revista Correio dos Ferroviários**, Curitiba, Seção Correio Feminino, out. 1939.

VIRGÍLIO, E. **Revista Correio dos Ferroviários**, Curitiba, jan. 1940.

WAMBIER, D. **Correio dos Ferroviários**, ano 1, n. 6, mar. 1934, p.204.

WOITOWICZ, KJ. Recortes do tempo na escrita do jornal: história e cotidiano no universo jornalístico da capital paranaense. In: **Imagem contestada**: a guerra do contestado pela escrita do diário da tarde (1912-1916). Ponta Grossa, Editora UEPG, p. 47-84, 2015. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/7s6w4/pdf/woitowicz-9788577982127-03.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.

WOLFE, J. A barganha faustiana não realizada: Getúlio Vargas e os trabalhadores industriais do Brasil, 1930-1945. **University of Wisconsin Press**, v. 31, n. 2, p. 77-95, 1994.

WOLFF, C. S; POSSAS, L. M. V. Escrevendo a história no feminino. **Estudos Feministas**, Florianópolis, set/dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/RLmnyZcyWDxxx8NNQrGJKPS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2020.

ZOMER, L. Entre livros, ensaios, um caminho a (des)construir. **Cadernos do CEOM**, ano 22, n. 31, 2009. Espaço de memória: abordagens e práticas, p. 194-207

ZOMER, L. **História de uma “boa feminista”**: trajetória intelectual de Leonor Castellano em Curitiba (1924-1967). 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós-graduação em História, Florianópolis, SC, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/95618/298652.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 ago. 2020.

ANEXO

Anexo 1 – Anunciante da 1ª fase do Correio dos Ferroviários organizados por categorias

Tabela 5 – Anunciante da 1ª fase do Correio dos Ferroviários organizados por categorias

Produto / Serviço	Tipo / Ramo
Casa Nickel - agência Chevrolet autorizada	Automóveis e peças automobilísticas: 2
E. A. Kimmel acessórios para automóveis	
Amur - Fábrica de café	Bebidas e Alimentos: 22
Antartica e Pilsener - Companhia Antartica Paulista	
Astra Pilsen da Atlantica	
Atlantica Refrescos e Gasosas	
Café Alvorada	
Café Galgo	
Café Ouro - Fábrica Esmeralda de G. Metzger	
Café Pérola	
Cerveja Bockbier da Atlantica	
Cervejaria Real Pilsen - Cervejaria Adriática	
Cervejas Atlantica	
Dolores, Sara e Delia Farinhas	
Fábrica de massas alimentícias Paranaense - Friedrich e cia	
Fábrica de massas alimentícias Paranaense - Maueler e Viebahn	
Farinha Alegria	
Farinha de trigo Dolores - Moinho Leão Junior	
Farinha Lactea Nestle	
Fermento Suisso - representante Julio Araujo e cia	
Hervateira Tupan	
Imperial Pilsen da Atlantica	
Lopes e Deiss manteigas e conservas	
Nestlé	
Ascot - Cia Souza Cruz	Cigarro: 3
Cigarros Colomy	
Senadores - Charutos	
Antisardina - creme de beleza - representante Julio Araujo e cia	Cosméticos e medicamentos: 14
Balsamo Santa Helena; Xarope Santo Antonio; Elixir Eupeptico Westphalen	
Cinco remédios indispensáveis a qualquer lar	
Espinheira Santa	
Haematogen Dr. Hommel	

Lactargyl - sífilis das crianças e perebas	
Lança perfume rigoletto	
Magnesia S. Pellegrino	
Manon Purgativo	
Mayerle - aperitivo digestivo estomacal	
Ovariuteran	
Pomada Bruggemann	
Remédio Guaraína	
Remédio Tonofosfan	
Academia Superior de Comércio do Paraná	Educação: 10
Colégio Iguassu	
Colegio Progresso	
Colégio São José	
Ginasio Novo Ateneu	
Internato do Ginásio Paranaense	
Liceu Rio Branco	
Parthenon Paranaense	
Curso livre de jornalismo de Vitorino Prata Castelo	
União de Socorros e consumos ferroviários - Escola do Cajuru	Equipamentos eletrônicos e eletrodomésticos; artigos para decoração e manutenção do lar: 16
Calité ferro elétrico	
Casa Hauer - de Francisco Hauer e Filhos / Francico Hauer e cia	
Casa Hertel instrumentos musicais	
Ervino Kock maquinas de escrever e calcular	
Hermes Baby	
João Prosdoscimo e filhos	
Moveis Amalfi	
Moveis de Jorge Zipperer	
Moveis do Rio Negrinho	
Moveis Maida	
Pfaf máquina de costura	
Pianos Essenfelder - F. Essenfelder & cia	
Radio Ericsson tipo 1934 - representante José Cit e cia	
Radio General Electric - Companhia Força e Luz do Paraná	
Sabão Amazonas	
Sabão Veado - Irmãos Paciornick	
A Casa Rosa	Moda e Vestuário: 29
A Nacional	
Agencia Renner confecções	
Alfaiataria Andreatta de Emilio Andreatta	
Alfaiataria Avenida - Theinel e Guiss	

Alfaiataria Biela - Paschoalino Provesiero	
Alfaiataria F. Frischmann	
Alfaiataria Princeza	
Alfaiataria Royal	
Alfaiataria Thadeo - de Thadeo e Zanon	
Casa Abdo	
Casa Altheia - Alexandre Althea e cia	
Casa Bertoldi	
Casa Clark	
Casa Combate	
Casa Favorita	
Casa Ideal	
Casa Joia sapatos de luxo	
Casa Leutner	
Casa São Paulo	
Casas Pernambucanas	
Chapelaria Central	
Chapelaria Kosmos	
Chapelaria Modelo	
Chapelaria Venus	
Grande Fábrica de Bonés	
Loja Louvre	
Maison Blanche	
Sapataria Moderna	
Lâmpada GE Mazda	Prestação de serviço e comércio:76
Silvio Colle - Fábrica de Manilhas	
Visiometro	
A Iluminadora - Cesar Muniz	
Advogado Dr. Milton Vianna	
Advogado Dr. Raul Gomes	
Alberto Silva e cia - importadores	
Albino Buchner - agente comercial	
Amelio Junqueira Ferreira	
Andre Santos Dias - representações	
Armazem Comendador	
Auxiliadora Predial SA	
Balfour - Arthur Balfour & cia.	
Banco Alemão Transatlantico	
Banco do Estado do Paraná	
Caixa Econômica Federal - Ferroviário adquira seu lar	

Carlos Osternack & cia - importadores, exportadores e industriais	
Casa Alumínio - Schiebler e cia	
Casa Continental	
Casa Cristal - Wendler & cia	
Casa Esmalte	
Casa Pacheco	
Casa Porcelana - Schimidlin, Tamm e cia	
Casa Romano - Egidio Doná - Joalheria e Miudezas	
Cavalli - Cia brasileira de artefatos de borracha	
Clínica Dentária do Dr. Fabio Albuquerque da Gama	
Companhia Força e Luz do Paraná	
Confeitaria Tinguí;	
Deposito de cereais Jacob Woller	
Fábrica Silvio Colle - manilhas e tijolos	
Farmácia America - Caetano Carrano	
Farmacia do Gusman	
Farmácia Stellfeld - Stellfeld irmãos & cia	
Fossas OMS: aprendamos a cuidar da higiene para cuidar das nossas vidas!	
Henrique Whiter e cia Ltda	
Hotel Central	
Hotel Franze de Ernesto Franze	
Impressora Paranaense	
Indicador de Curitiba	
Instituto Sul Brasileiro de Biologia - injeções em geral	
Irmãos Guimarães oficinas de artes gráficas	
João Bley Netto - Empresa Gráfica	
João Evaristo Trevisan - fábrica de louças, artigos refratários e vidros	
José Lupion e cia - representações e consignações	
Leão Junior e cia	
Livraria Mundial	
Loteria do Paraná	
Luiz dos Santos - representações, consignações, comissões e conta própria	
Marques Couto e cia - ferragens e máquinas em geral	
Max Roesner e filhos - Tipografia e impressões	
Moinho Joinville	
Moinho Paranaense Ltda	
Monroe Escritorio judiciário-comercial	
Mueller e irmãos - companhia industrial marumby	
Norton, Megaw & co. Ltda - Representante Oscar Withers	
Olavio Dietzsch	

Padaria São Francisco - Jose Nicolau Abaggi	
Palace Hotel de Martins Jaruga	
Papelaria Requião	
Papelaria universal	
Pedroso e comp. exportadores de madeiras de lei	
Pharmacia Popular - Itararé	
Pugsley e cia	
Rocha e cia - agente de vapores nacionais e estrangeiros	
Santi & irmão armazem de secos e molhados	
Serviço Rodoviário da Rede	
Sociedade Anonima Marvin - ferro, aço e metais	
Sociedade Metal Graphica	
Sociedade Murray Ltda. - equipamentos e máquinas	
Sociedade Technica Bremensis Ltda.	
Standard oil company of Brazil	
Tintas Tucano - Representates Heins e Araujo	
Tinturaria Modelo - lava tinge e compra roupas	
Tinturaria Moderna de Luiz Caputo	
Tipografia Mundial / Grafica Mundial	
União Mercantil brasileira - moinhos joinville	
Fonseca Almeida e cia Ltda - importadores e exportadores	Produtos para Estrada de Ferro: 4
Nadir Figueiredo S/A	
Galena - oleos lubrificantes	
White Martins - sociedade anônima	
A Equitativa seguros	Ramo imobiliário e de seguros: 12
A Promotora da Casa Própria Ltda.	
Companhia Territorial Boqueirão	
Creat American Insurance Company	
Edifício Tamoio	
Instituto Hipotecário e Financeiro Banco de Crédito Real	
Irmãos Thá	
Predial Sul America - empresa de capital para previdência	
São Paulo Seguros	
Seguros Metrópole	
Sul América - Cia Nacional de Seguros de Vida	
Vila Vilela	

Fonte: Revista Correio dos Ferroviários (1933-1946).